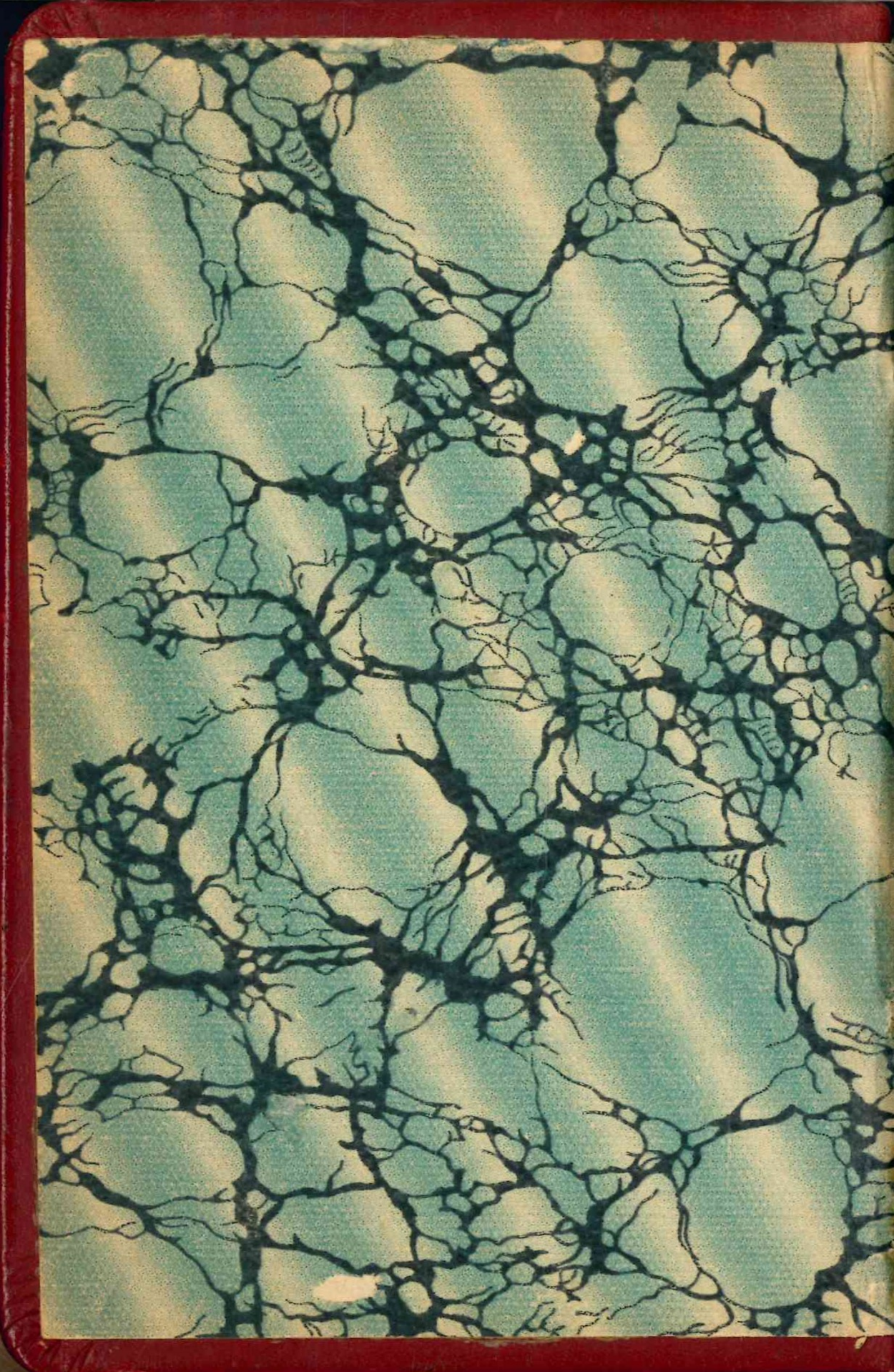
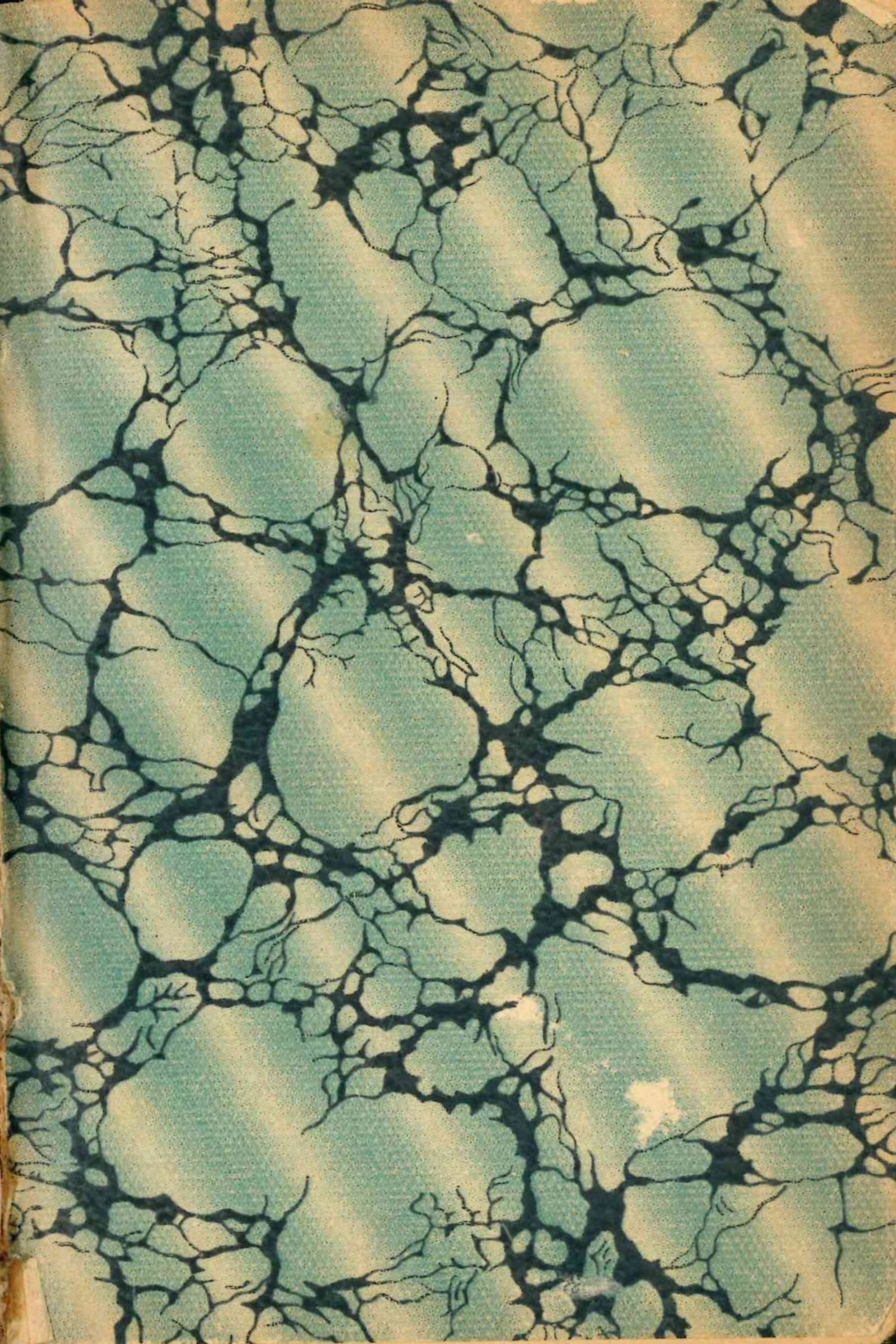


A. GOMES PEREIRA

TRADIÇÕES
POPULARES
DE
BARCELLOS





**TRADIÇÕES POPULARES, LINGUA-
GEM E TOPONYMIA DE BARCELLOS**

Composição e impressão
Tipografia Espozendense de José da Silva Vieira
Rua Veiga Beirão 7 a 9—Espozende

1915

Collecção Silva Vieira

Tradições Populares,
Linguagem e Toponymia

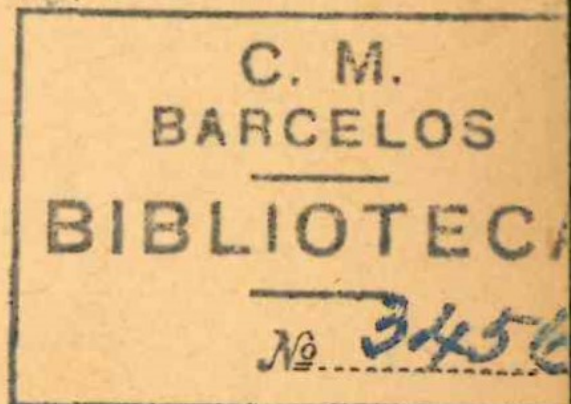
DE

BARCELLOS

POR

A. Gomes Pereira

PROFESSOR DO LICEU CENTRAL DO PORTO



ESPOZENDE

Livraria Espozendense

EDITORIA

1915

16. X. 944
Barcellos
Pereira

PROLOGO

O Lyrico romano recommenda na sua ARTE POETICA que, depois de feita uma composição literaria, se guarde durante nove annos na escrivaninha: NONUM PREMATUR IN ANNUM e que não haja pressa em atira-la aos ventos da publicidade.

Pois aqui faz-se mais do que manda Horacio, porque esta obra foi começada ha mais de vinte annos e está arrumada ha dezaseis a um canto da gaveta.

Em 1890 frequentava eu o CURSO SUPERIOR DE LETTRAS, e travando relações com o dr. José Leite de Vasconcellos, que encontrava todos os dias na Bibliotheca Nacional, este me animou a escrever as TRADIÇÕES POPULARES DE BARCELLOS, terra que elle conhecia muito bem, tendo até escripto alguns artigos na AURORA DO CAVADO.

Aproveitei as férias seguintes em tomar notas, e ainda outras em pôr em ordem os apontamentos. Depois, de longe em longe, lá fui rectificando e acrescentando qualquer coisa, até que pus tudo de parte, occupado noutros trabalhos.

As orações, romances e quadras populares são muitas vezes incorrectas, mas a obrigação do folk-lorista é editar o que ouvir e nada acrescentar de sua lavra.

Romances profanos não fui capaz de descobrir um, nem me parece que seja terra delles.

De lendas ou contos também encontrei pouco.

Quadras populares encontrei passante de 300, e teria duplicado ou triplicado o numero, se pudesse fazer agora novas excursões através das 90 freguesias do concelho.

Na secção dos costumes populares esmerei-me em aproveitar todas as minuciosidades, e tenho a convicção que o que se diz nesses 40 numeros, combinado com a nomenclatura do Vocabulario descrita nas palavras CARPINTEIRO, CARRO, JUGO, LAVOIRA, LINHO, MILHO, MUNHO, e TEAR dará um quadro completo da vida do lavrador.

Midões, abril de 1912.

O AUTOR.

TRADIÇÕES POPULARES

ORAÇÕES

I

Ao anjo da guarda

Senhor meu, anjo da guarda,
Semelhança do Senhor,
Que do ceo fostes mandado
Pela guarda e guardador,
Peço-vos, anjo bemdito
Pela graça e poder
Que do laço do demonio
Me ajudeis a defender;
Jesus crucificado,
Filho da Virgem Maria,
Que me guardeis esta noite
E amanhã por todo o dia;
Padre-nosso e ave-maria.

2

Ao deitar

Deus seja comigo
Dentro do meu coração ;
Eu já me entrego
Ao acto da contrição,
A Jesus de Nazaré,
A' Virge nossa Senhora,
Esposa de São José.

3

Ao deitar

Eu me entrego á luz
E á santa bella cruz,
A' SS. Trindade,
Ao Senhor da *germindade*,
E ao Senhor S. Romão
Que me livre de cães,
Danados e por danar,
D'home morte e *má* encontro,
D'home vivo e *má* perigo;
S. Romão seja comigo.

4

Variante

Eu me encommendo á luz
E á santa bella cruz

E ao ramo da humanidade,
A' SS. Trindade
Que me livre de cães,
Danados e por danar,
D'home morto e d'home vivo,
S. Romão seja comigo.

5

Ao deitar

Nesta cama me deito
Em lugar de sepultura;
Permitti, Senhor,
Que eu não adormeça
Na noite escura,
Porque a muitos anoitece
E não amanhece.

6

Ao deitar

Com Deus me deito,
Com Deus me alevanto,
Com a graça de Deus
E do divino Espirito Santo,
Senhor me cubra co'seu manto,
Se eu bem coberto fôr,
Não haverá medo nem pavor;
Sou de vós, ó meu Senhor.
Senhor, eu deitar-me quero,

Por *offreço* vos entrego.
Se eu adormecer, acordai-me,
Se eu morrer allumiai-me
Co'as candeias
Da SS. Trindade. Amen.

7

Ao levantar

Peço-vos anjo bemdito
P'la vossa graça e poder,
Que dos laços do inimigo
Me ajudeis a defender.
Meu corpo não 'steja preso
Nem a minha alma perdida
E Jesus ave-maria.

8

Ao levantar

Pus-me a pé de madrugada
Para varrer a Conceição.
Encontrei Nossa Senhora
C'um raminho d'ouro na mão.
Eu pedi-lhe uma folhinha,
Ella me disse que não.
Eu tornei-lha a pedir,
Ella deu-me o seu cordão,
Que lhe desse doze voltas
Ao redor do coração.

O' meu Pádre-Sant'Antonio,
Acceitai-me este cordão,
Que me deu Nossa Senhora
Sexta-feira da Paixão,
Sabbado de Alleluia.
Domingo da Ressurreição.

9

Ao entrar na igreja

Nesta igreja vou intrar,
Com J. Christo vou fallar,
Agua benta vou tomar.
Botei os olhos ao ceo,
Pensamento á gloria,
J. Christo na custodia.
Salva-me, casa santa,
Que vós fostes ordenada
Pelo meio do calix bento
E da hostia consagrada.

10

A' missa

Aqui me ajoelho, Senhor,
Muito pobre entristecida:
Dai-me olhos com que vos veja
Coração com que vos sirva.

A missa se começa,

O padre a resa,
Os anjos a *canto*,
O Senhor a adora :
Inimigo vai-te embora,
Não me estejas a tentar,
Eu venho para ouvir missa,
Não venho para pecar.
Toca a *santos*, toca a *santos*,
Toca a Deus nosso Senhor :
Quem o receber em graça
Terá pago,
Quando deste mundo for.
Dita seja ella no ceo e na terra,
Minha alma tenha parte
E quinhão nella.
Meu Deus, que morto fostes
E vivo estais
Dai-me do vosso viver
Gloria para vos servir :
Botai-me a vossa benção
Que eu embora quero ir.

II

Padre-nosso pequenino

Padre-nosso pequenino,
Qu' é das chaves do Paraíso,
Quem nas deu, quem nas não deu ?
—S. Pedro e S. Romenço.
S. Romenço estava sobre a porta,

Com a capinha bem posta,
Preguntando aos meninos,
Aos meninos do bordão,
Se elles *sabe* a oração,
A oração do *pelingrino*,
Quando Deus era menino,
Que andava pelo mundo
Tres Marias a *vigitar*,
Todas tres no seu altar,
Seu sanguinho a derramar,
Suas mãosinhas a pingar.
Tem-te, tem-te Madanella,
Não o queiras alimpar,
Que isto são as cinco chagas,
Que Jesus tem p'ra passar.

12

Oração de quando o mar se abriu

Quando se o mar abriu,
Logo mandou dizer
Pelo anjo S. Gabriel:
«Bem dita sejas Maria»,
Se o seu Filho morreria,
Para o ir levar á cruz,
A' sexta-feira de luz
O' campo de *Farafaz*:
Sim, Senhor, consigo traz.
Quando fores para as igrejas,
Levantai os corações

E rezai as orações,
Que o Padre Santo quer ouvir,
Apostolos e seus irmãos,
O sangue que delles cair,
Caia no calix sagrado,
O homem que o beber,
Será bem afortunado,
Nesta vida será rei
E na outra coroado.
O' Pilatos, ó Pilatos,
O' Pilatos de Judias
Mandou escrever uma carta
E leva-la ás freguezias.

ROMANCES

I

Romance do anjo Custodio

(O diabo a disputar com o anjo Custodio)

—Amigo Custodio

—Custodio sim, amigo não.

—Dize-me as doze palavras ditas e retornadas:

—A primeira é que nasceu

—J. Christo em Jerusalem

Para nos salvar, Amen.

—Amigo Custodio.

—Custodio sim, amigo não.

—Dize-me as duas.

—São as duas taboinhas de Moysés,

Onde J. Christo pôs os pés:
A primeira é que nasceu
J. Christo em Jerusalem
Para nos salvar, Amen.

—Amigo Custodio.

—Custodio sim, amigo não.

—Dize-me as tres.

—São as tres pessoas da SS. Trindade:
As duas são as duas taboinhas de Moysés,
Onde J. Christo pôs os pés:
A primeira é que nasceu
J. Christo em Jerusalem
Para nos salvar, Amen.

—Amigo Custodio

—Custodio sim, amigo não.

—Dize-me as quatro.

—São os quatro Evangelistas:
As tres são as tres pessoas da SS. Trindade:
As duas são as duas taboinhas de Moysés,
Onde J. Christo pôs os pés:
A primeira é que nasceu
J. Christo em Jerusalem
Para nos salvar, Amen.

—Amigo Custodio

—Custodio sim, amigo não.

—Dize-me as cinco.

—São os cinco sentidos:
As quatro são os quatro Evangelistas:
As tres são as tres pessoas da SS. Trindade:

As duas são as duas taboinhas de Moysés,
Onde J. Christo pôs os pés:
A primeira é que nasceu
J. Christo em Jerusalem
Para nos salvar, Amen.

—Amigo Custodio

—Custodio sim, amigo não.

—Dize-me as seis.

—São os seis accidentes:

As cinco são os cinco sentidos:

As quatro são os quatro Evangelistas

As tres são as tres pessoas da SS. Trindade

As duas são as duas taboinhas de Moysés,

Onde J. Christo pôs os pés:

A primeira é que nasceu

J. Christo em Jerusalem

Para nos salvar, Amen.

—Amigo Custodio

—Custodio sim, amigo não.

—Dize-me as sete.

—São os sete pecados mortais:

As seis são os seis accidentes:

As cinco são os cinco sentidos
etc.

—Amigo Custodio

—Custodio sim, amigo não.

—Dize-me as oito

—São as oito bemaventuranças:

As sete são os sete pecados mortaes:

As seis são os seis accidentes:
etc.

—Amigo Custodio

—Custodio sim, amigo não.

—Dize-me as nove.

—São os nove meses

Que a Senhora trouxe

Seu SS. Filho no ventre.

As oito são as oito bemaventuranças:

As sete são os sete pecados mortais:

etc.

—Amigo Custodio

—Custodio sim, amigo não.

—Dize-me as dez.

—São os dez mandamentos:

As nove são os nove meses

Que a Senhora trouxe

Seu SS. Filho no ventre:

As oito são as oito bemaventuranças:

etc.

—Amigo Custodio

—Custodio sim, amigo não.

—Dize-me as onze.

—São as onze mil virgens:

As dez são os dez mandamentos:

As nove são os nove meses

Que a Senhora trouxe

Seu SS. Filho no ventre:

etc.

—Amigo Custodio
—Custodio sim, amigo não.
—Dize-me as doze.
—São os doze frutos:
As onze são as onze mil virgens :
As dez são os dez mandamentos:
etc.

—Amigo Custodio
—Custodio sim, amigo não.
—Dize-me as treze.
Não ha treze
Nem cousa nenhũa
Arrebenta demonio
Que esta alma não é tua.

2

Romance da Paixão

Estando eu na minha sala
A fazer oração,
Passou Madanella
E mais S. João.
Elles me perguntarø:
Vós que fazeis ahi?
Eu cheguei á janella
E já os não vi.
De porta em porta,
De rua em rua,
Jesus da minh'alma

Sem culpa nenhuma.
Este home que vos appareceu
Que se chama Jesus...
Jesus está na cruz
Com tres cravos encravados,
S. João está ao lado,
E a virge com tanta dor:
O' meu Deus, ó meu Senhor,
Esta cruz de pau pesado
Que nem sete a levarão...
Ajudai-me aqui, Simão;
—Sim, senhor, ajudarei,
Quinta feira de Indoenças,
Domingo da *surreição*.

Com sua santa divindade
Correu toda a cidade
Co grande peso da cruz
E por o caminho dando luz,
Mas o sol escurecia,
E o Filho de Deus morria.
Chorai olhos, chorai olhos,
Se vos disserem: por quem?
E' por Christo, nosso bem.
Quem o não quiser crer,
Suba áquelle *eiteiro*
Lá verá a auguinha a regar,
E o seu sangue verdadeiro.
Por uma corre *auga*,
Por outra corre vinho,

E por outra corre sangue
Do seu coração ferido.

Quem esta oração disser
Quatro vezes na quaresma,
Outras quatro no carnaz,
Quatro almas *tirará*
Das penas do Purgatorio:
A primeira será a sua,
A segunda de sua mãe,
A terceira de seu pai
A quarta dum parente mais chegado.
Amen.

3

Variante

Estando em serra
Fazendo oração,
Passou Madanella
E mais S. João.
Que fazeis ahi, Senhora?
Vosso Filho vai ali.
Foi atrás d'elle
De portas em portas,
De ruas em ruas,
Até que chegou á rua da amargura.
Pilatos, Pilatos,
O rei dos Judeus,
Escreveu uma carta
Para os fariseus

Que prendesse a Christo
Que morre por nós.
Não ha neste mundo
Crueis como nós,
Cabeça sagrada,
Coroadada de espinhos,
E atravessada de juncos marinhos.
Se o não quereis crer,
Assubi áquelle *eiteiro*,
Lá vereis a rua regada
Adeante vai *cruzeiro*
Amarrado á columna,
Se vós sois a madre sua,
Mais adeante não vades.
O home que vós buscais,
Eu vos darei sinais,
E' Jesus, que está na cruz
Com tres cravos encravados.
São João que está ao lado,
O' Virgem com tanta dor,
O' meu Deus, ó meu Senhor,
Que as costas levais abertas
Num madeiro tão pesado,
Que nem sete o levaro.
Ajudai-me aqui, Simão;
Sim, Senhor ajudarei,
Mas vós haveis de o levar
Numa santa sexta-feira
De Indoenças.
Vossa santa Divindade,

Que correu toda a cidade
Com grande peso da cruz,
As pedras *atromentavo*,
O caminho dava luz,
O ceo escurecia,
O Filho de Deus morria,
Para nos salvar
J. Christo quer intrar
Pelas portas de Jerusalem,
Para sempre, Amen.

4

A devota da Virgem Maria

Um pai tinha uma filha
Que era muito devota
Da Virgem santa Maria.
Tres *rosairos* lhe resava,
Tres *rosairos* cada dia,
Um era pela manhã,
Outro era ao meio dia,
Outro era á meia noite,
Emquanto seu pai dormia.
Por ella foram chamar
Para uma santa romaria:
Não, Senhora, não,
Que tal conta não faria.
Foi chamar seu pai á cama:
— Acorde meu pai, acorde,
Mas acorde com cortesia.

- O pai se alevantou
E seguiro sua jornada
Até á fonte d'agua fria,
Lá *le* appareceu nossa Senhora:
—Queda aqui, minha devota,
Queda aqui, devota minha,
Que has de estar aqui
Sete annos e um dia
Sem ver o sol, nem lua,
Nem claridade do dia.
O' fim dos sete annos
Le appareceu nossa Senhora:
—Como te vai, minha devota,
Como te vai, devota minha?
—Senhora, vai bem,
Que não me par'ceu nem um dia.
—Se tu querias ser casada,
Esposo te arranjaría.
—Não, Senhora, não,
Que tal conta não fazia.
—Se tu querias ir *pró* pai,
Eu te levaria.
—Não, Senhora, não,
Elle não me conheceria.
—Se tu querias ir *pró* ceo,
Eu te levaria.
—Sim, Senhora, sim,
Que era o mais que eu pertendia.

Tocaram os sinos do ceo.
Todos com muita alegria
De sair um corpo santo
Da fonte d'agua fria.

5

Janeiras

As janeiras não se cantam
Nem *ós* reis nem *ós* fidalgos,
Só se canto *ós* lavradores
Por ser anno milhorano
Milhorano na saude,
Descontado nos pecados.
Eu bem vi nossa Senhora
Nas varandas de Belem
Com seu filhinho nos braços,
Que assim lhe parecia bem.
Este dia de janeiro,
Por ser dia primeiro,
E' de grandes mercimentos
Em que Deus passou tormentos
Tormentos p'ra nos salvar,
E seu sangue derramar.
Vamos dar as despedidas
Na cruz dum cruzado novo,
Saidas do anno velho,
Intradas do anno novo.
O' meu menino Jesus,
Não sei que vos farei,

Não tenho cama nem berço,
Nos braços vos criarei.
Voltai os olhos ó ceu,
Lá vereis estar uma cruz,
Que tem cama e mais berço
Para o menino Jesus.
E o menino vai no berço,
Coberto c'um cobertor,
Os anjinhos vão cantando:
Louvado seja o Senhor.

Viva o patrão desta casa
Mil annos e um dia,
Que tem hoje a festejar o Deus menino
Gente de tanta alegria.

Viva lá, senhora Luisa,
Sapatinhos de veludo,
Quando mette a mão n'algibeira,
Tira dinheiro p'ra tudo.

Viva lá, senhor P. Antonio
E mais a sua capella,
Quando vai p'ra dizer missa,
Desce Deus do ceo á terra.

Viva lá, senhor Manoel
Capote á cavallaria,
Quando entra na igreja,
Vai com toda a cortesia.

Viva lá, senhor João
Onde põe o seu capote:
No meio da sua sala
Que parece a estrella do norte.

Viva lá, senhora Miquelina,
Çafatinho de felores:
No meio da sua sala
Representa os seus amores.

Viva lá, senhora Maria,
Olhinhos de pomba branca:
Alguma coisa merece
Quem lh'esta cantiga canta.

Viva lá, senhor Antonio
Onde põe o seu chapéu:
No meio da sua sala
Parece um anjo do ceo.

Viva lá, senhora Anna,
Onde põe o seu cordão:
No meio da sua sala
Parece um manjaricão.

Viva lá, senhora Teresa
Onde põe o seu collete:
No meio da sua sala,
Parece um ramalhete.

Viva lá, senhora Albina,
Çafatinho de maçães:
Tira uma, tira duas
Tira tres, não tira mais.

Viva lá, senhora Rosa
Còradinha com'ũa cereja:
São os olhos mais bonitos
Qu'entro na nossa igreja.

Viva lá, senhor Delfim,
Onde põe os seus sapatos:
No meio da sua sala
Que parecem dois gatos.

Viva lá, senhor José,
Onde põe as suas chancas:
No meio da sua sala
Que parecem duas trancas.

6

Reis

Santos Reis, santos c'roados,
Vinde ver quem vos c'roou:
Foi a Virgem Mãe sagrada,
Quando por aqui passou.
Entrai, pastores, entrai,
Por esses portais sagrados,
Lá vereis star o menino

Entre palhinhas deitado
Numa triste manjidoira,
Onde o boi bento comia;
O boi bento aquentava
Com a sua baforada,
E a mula recalcava
Com as suas ferraduras.

Maldição te boto, mula,
Que não paras vez algũa,
Se chegares a parir,
Não veja sol nem lua,
Nem luar que te allumie
Para jornada nenhũa.

Reis

Vamos dar festas felizes,
Estimados moradores;
A benção de Deus vos cubra
De virtudes e flores.
Appareceu uma strela,
Tão bella e resplandecente,
Que por ella se guiavam
Os tres Reis do oriente,
Baltazar e Belchior
E Gaspar na sua companhia,
Foram *conduzir* a estrela
Todos com muita alegria.
Voltaram por onde Herodes,
Que o iam visitar;
Herodes *lhe* diz:

Que andais a procurar?
—Vamos *conduzir* a estrela
Para onde ella nos guiar.

A estrela se foi pousar
A' lapinha em Belem,
A lapinha era pequena,
Não cabiam todos tres,
Adoraram o Deus menino
Cada um por sua vez.

Quando Deus dos altos ceos
Viu tamanho desatino,
Mandou á Senhora um anjo
Que fugisse com o menino,
S. José e nossa Senhora
Com o seu menino nos braços
Caminham para o Egypto
Pró deserto dos espinhaços.

7

Perlenga

Em Lisboa se formou
Palacio de grande altura;
Casas ricas tem fartura,
Quem doba tem seu sarilho,
As gallinhas vão ao milho,
Quem paga são os pardais,
O burro leva *tafais*,

Tambem leva seus estribos,
Todas as vendas tem figos,
P'ra contentar os rapazes.
No mar andam alcatrazes,
Tambem ando suas gaivotas,
Meninas de pernas tortas,
Curadas com inguento,
Quem toca os *munhos* é o vento;
Quem papa a mosca é a aranha;
Oh que cantiga tamanha,
Que lhe não posso dar fim;
Um raminho d'alecrim
Que se dá aos namorados;
As armas são *prós* soldados,
Os fosf'ros *prós* caçadores,

8

Remoque aos medicos

Se como *bôs* bocados,
Se bebo *bôas* pingas,
Se c.
Se mijo boas ourinas,
Bem podem c. os medicos
Nas suas medecinas.

9

Aos padres e medicos

Duas cousas ha no mundo
Qu'eu não posso entender;

Os padres ir *pró* inferno
E os *sergiões* morrer.

Parlendas

I

Amanhã é domingo,
Do pé do cachimbo,
Do gallo montês,
Pica na rês,
A rês é de barro,
Pica no tarro,
O tarro é fino,
Pica no sino,
O sino é d'ouro,
Pica no touro,
O touro é bravo,
Arrebita o rabo
Para cima do telhado.

2

O' Joaquininha
De trás do mosteiro,
Se tu queres casar,
Eu te arranjo
Um carpinteiro.
—Carpinteiro não,
Quem me atranca a porta,
Antes soldadinho
Que marcha na tropa.

—Soldadinho não,
Que não marcha bem,
Antes barbeirinho
Que barbeire bem.

—Barbeirinho não,
Que amola a navalha,
Antes alfaiate
Que me talha a saia.

—Alfaiate não,
Que é muito vaidoso,
Antes estudante,
Que é mais abonoso.

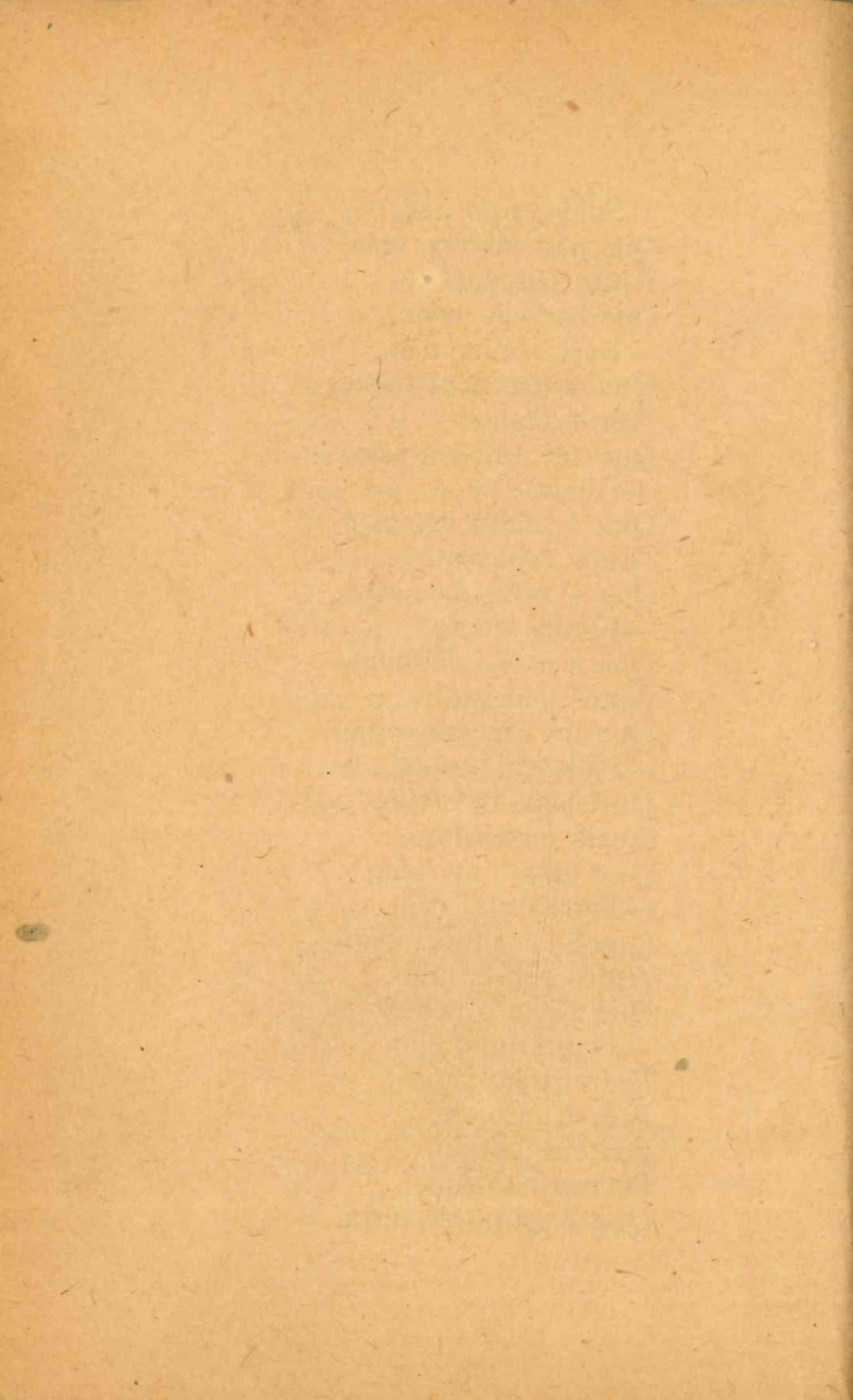
—Estudante não,
Que é muito mamão,
Antes padeirinho
Que me amassa o pão,

—Padeirinho não,
Que come o farello,
Antes ferreirinho,
Que bata o martello.

—Ferreirinho não,
Que anda muito negro,
Antes pedreirinho,
Que parte o penêdo.

—Pedreirinho sim,
Pedreirinho sim,
Pedreirinho era,
Pedreirinho sim.
Pedreirinho sim

Que é da nossa terra,



CANCIONEIRO

I

A villa de Barcellos
E' virada á estação:
As moças que nella moram
São a minha perdição.

2

O' Barcellos, ó Barcellos,
O' Barcellos, ó vadio:
Caiste da ponte abaixo,
Fostes beber agua ó rio.

3

Freguesia de Midões
De pequeninha tem graça;
Tem um chafariz no meio,
Dá de beber a quem passa.

4

Freguesia de Midões
Ao longe parece villa:
Tem um cravo na intrada,
Uma rosa na saída.

5

Midões vale um pataco,
Remelhe vale um vintem:
Alvellos mil cruzados
Por ter as moças que tem.

6

O' igreja de S. Bento,
Feita de pedra morena:
Dentro d'ella ouvem missa
Dois olhos que me dão pena.

7

Sete vezes fui ao Porto,
Passei á Ramada Alta:
Procurai quem diga bem,
Que quem diga mal não falta.

8

Tenho um amor em Braga,
Outro em Ponte do Lima:
Quando lhe quero fallar,
Vou pelo rio acima.

9

Dizeis que viva a Maia,
Não sei que graça lhe achais:
Terra de milho miudo,
Alimento dos pardais.

10

Santa Marta da Falpêrra,
S. João do pé de Braga,
Que me dê boa fortuna,
S'eu tiver de ser casada.

11

Terreiro de Santa Marta
No meio tem uma ponte:
Dá de beber a quem passa
Para o Bom Jesus do Monte.

12

Santa Marta do alto
Para o anno lá hei de ir:
Casadinho ou solteiro
Ou creado de servir.

13

Hei de ir ao Senhor do Monte,
Ao Senhor do Monte hei de ir:
Quem vai ao Senhor do Monte,
Vai ao ceo e torna a vir.

14

Minha maçã vermelhinha,
Que me deu um brasileiro:
Ha tres annos que a tenho,
Ainda não perdeu o cheiro.

15

Minha maçã vermelhinha,
Que me deu um caiador:
Ha tres annos que a tenho,
Ainda não perdeu a cor.

16

Minha maçã vermelhinha,
Picada do roixinol;
Se não fosses picadinha,
Eras linda como o sol.

17

Minha maçã vermelhinha,
Nem na comi, nem na dei:
Aceitei-a como prenda,
No coração a guardei.

18

Se o loureiro não tivesse
No meio tanto papel,
Da minha janella via
Os olhos de Manoel.

19

Se o loureiro não tivesse
No meio tanto alecrim,

Da minha janella via
Os olhos de Joaquim.

20

Se o loureiro não tivesse
No meio tantas felores,
Da minha janella via
Os olhos dos meus amores.

21

A saia de Margarida
De curta ficou bem linda:
O ladrão do alfaiate
Talha á moda de Coimbra.

22

A saia de Margarida
De curta ficou bem boa:
O ladrão do alfaiate
Talha á moda de Lisboa.

23

A saia de Margarida
De curta ficou bem bella:
O ladrão do alfaiate
Talha á moda de Palmella.

24

A Rosa e mais a Maria
Foram ambas aos fajões:
Acharam a terra fria.
Viraram-se aos trambulhões. x

25

Menina que está á janella
Olhando p'ra quem passa,
Tem olhinhos de cadella,
Venha comigo á caça.

26

Vou-me d'aqui embora,
P'ra onde não to digo:
Se o quiseses saber,
Prepara-te, anda comigo.

27

Vou por hi abaixo
Como se não fosse a nada:
Vou abanar uma p'reirinha,
Que nunca foi abanada.

28

Meu paí chora que se mata
Por eu não chegar ao stalão:
Não chore, meu pai, não chore,
Que eu hei de ter livração.

29

No mar largo anda a guerra,
Eu bem ouço dar os tiros:
Eu bem ouço combater
Meus ais com teus suspiros.

30

Tenho dentro do meu peito
Um lambique d'aguaardente,
P'ra espalhar as saudades
Quando de ti estou ausente.

31

Elle chove, o rio cresce,
O meu barquinho não anda:
Coitadinha de quem tem
Amores da outra banda.

32

Os meus olhos choram agua
Por um cano de marfim,
Para regar uma rosa
Que tenho no meu jardim.

33

Menina d'olhinhos pretos,
Lenço da mesma cor:
Diga-me quem lhe morreu
Se foi pai ou se foi amor.

34

Eu não sei que fiz ao sol,
Que não dá na minha rua:
Eu vou-me vestir de preto,
Que de branco anda a lua.

35

O' lampião da esquina,
Allumia cá p'ra baixo:

Eu perdi o meu amor,
A's escuras não o acho.

36

Vou-me vestir de preto,
Do mais preto que ha na loja:
Eu já tenho noticia
Que o meu amor que me foge.

37

Eu subi ao limoeiro,
Cheguei ao meio, caí,
O limoeiro é morte,
Ai de mim, qu'eu já morri.

38

Sou soldado, sirvo o rei,
Tambem sirvo a rainha:
Tambem faço sentinella
A' tua porta e á minha.

39

Eu queria cantar alto,
A garganta não me ajuda:
Falta-me aqui o pão branco
E mais o sumo da uva.

40

Senhor abençoe o padre
Que te pos o nome d'Anna:
E' como o dia santo
Que ha no meio da semana.

41

Acorda meu bem dormindo
Desse sono em que estais:
Assim como eu não durmo,
E' bem que vós não dormais.

42

Acorda, se estás dormindo,
Desse delicado sono:
Anda ver o teu amor
Que anda perdido sem dono.

43

Dizes-me que sou pequena:
Sou tamanha como vós:
Sou fininha como a linha,
Delgada como o retroz.

44

Meu amor disse que vinha
Quando viesse o luar:
O luar já lá vem vindo,
Meu amor sem cá chegar.

45

O meu amor inda ontem
Pela minha porta passou:
Por causa da vizinhança
Nem o chapéu me tirou.

46

O meu amor não é aquelle,
Que o meu amor traz chapéu:

O meu amor é tão lindo,
Parece um anjo do ceo.

47

Chamaste-me o que eu não era,
Nem por isso me importei:
Sujaste a tua boca,
O que eu era, sempre fiquei.

48

Já se sabe,
Stava a dar paleio, olé!
Já se sabe,
Estava a palear:
Já se sabe,
Era o meu amor, olé!
Já se sabe,
Estava a conversar.

49

O' rapazes da lealdade,
Se tendes amores,
Fallai-me a verdade,

50

O loureiro bate, bate,
Eu bem o ouço bater
Com a folha no telhado
Para o amor entender.

51

Se o loureiro não tivesse
No meio tanta ramada,

Da minha janella via
Os olhos da minha amada.

52

Ainda agora aqui chiguei,
Ainda agora fui chigada:
Até agora era esquecida
Agora já sou lembrada.

53

Não te encostes ao loureiro,
Que é verde, pode quebrar:
Encosta-te ao meu peito
Que te pode segurar.

54

Aqui anda um pangaio
De loureiro em loureiro,
Hoje casa, amanhã casa,
Stá sempre o pangaio solteiro.

55

A cana verde no mar
Navega, não vai ao fundo:
Ainda que eu queira, não posso
Tapar as bocas ao mundo.

56

Apague-se essa candeia,
E mais a luz desse lar:
Os olhos da Mariquinhas
Chegam para alumiar.

57

A cana verde no mar
Navega por onde quer;
E' como o moço solteiro
Emquanto não tem mulher.

58

Aquella menina linda,
Aquelles olhos são meus:
Aquelle corpo bem feito
Era o mais qu'eu pedia a Deus.

59

Donde estou, bem vejo
Duas meninas iguais:
S'eu quiser dizer, bem vejo
Quais é que m'agrada mais.

60

O' meu amor de tão longe,
Chega-te cá mais p'ra perto,
Que me doe o coração
De te ver nesse deserto.

61

Se quiseses qu'eu cante bem,
Dai-me vinho ou dinheiro:
Não penses que a minha gargantina
Que é safra de ferreiro.

62

O' minha pombinha branca,
O' minha branca pombinha,
Quando ha de ser a hora
Que t'eu hei de chamar minha.

63

Atirei com a azeitona
A' menina da janella:
A azeitona caiu dentro,
A menina quem na dera.

64

Dava-te o meu coração
E a chave para o abrir:
Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que pedir.

65

Atirei com balas d'ouro
Por cima do mar á terra:
Quem me dera saber
O teu sentido qual era.

66

Não ha machado que corte
As raizes ao *urjavão*:
Não ha nome que mais m'agrade
Que o nome de João.

67

Não ha machado que corte
As raizes ao alecrim:

Não ha nome que mais m'agrade
Que o nome de Joaquim.

68

Laranjeira do pé d'ouro
Deita laranjas de prata:
Tomar amores não custa,
Deixa-los é que mata,

69

Antonio, lindo Antonio,
Lindo amor tenho eu:
Quem tem um amor Antonio,
Tem uma quinta de seu,

70

S'eu morrer e tu morreres
Morreremos nós ambinhos;
Ainda se ha de poder ver
Numa campa dois anjinhos,

71

Antonio, lindo Antonio,
Antonio, lindo rapaz:
Tens olhinhos de garoto,
Não sei se me enganarás,

72

Passei pela tua porta
Pus a mão na fechadura:
Não ma quiseste abrir,
Coração de pedra dura,

73

O' vida da minha vida,
O' vida do ai Jesus:
Quem me dera hoje estar
No terreiro de Santa Cruz.

74

Botei o limão correndo,
A' tua porta parou:
Quando o limão te quer bem,
Que fará quem o botou.

75

Pensavas pelo teu rir
Que já m' estavas querendo:
O teu rir é de brajeiro,
Eu de ti nada pertendo.

76

Pensavas pelo meu rir
Que já me tinhas na mão:
Eu não sou tão rabaceira
Que coma a *fruta* do chão.

77

Tenho dentro no meu peito
Duas janellas abertas,
Para intrar e sair
Saudades incobertas.

78

Menina d'olhinhos brancos
Lencinho da mesma cor:
Diga ao seu pai que a case,
Eu serei o seu amor.

79

Ando rouca, enrouquecida,
Do meu peito encerrada:
Isto foi uma paixão
Por teu respeito causada.

80

O meu amor e o teu
Andam ambos na Ribeira:
O meu anda á herva doce,
O teu á herva cidreira.

81

Subi ao limoeiro,
Cinco folhas lhe tirei:
Cinco sentidos qu'eu tinha
Todos em ti empreguei.

82

Com pena peguei na pena
Com pena fiz um s:
Com pena disse
Ao meu amor que viesse.

83

O' meu amor, se tu vieras
Por aqui todos os dias,

Eu te pagarei o tempo
Que tu comigo perdias.

84

O meu amor não é aquelle,
Que eu no andar o conheço:
Tem o andar miudinho
Como a folha do codeço.

85

Donde estou bem vejo
Olhos que me estão matando:
Mata-me de vagarinho,
Que eu quero morrer penando:

86

Dá-me da laranja um bocado,
Da maçã um bocadinho,
Dos teus braços um abraço,
Da tua boca um beijinho.

87

Eu hei de casar *esti* anno,
Ou *pró* anno que vem:
Estão os docinhos baratos,
E' o cento a vintem.

88

Ainda agora reparo
Quem no passeio andava:
Anda o cravo, anda a rosa,
Anda quem eu desejava.

89

Eu hei de te amar, amar,
Hei de te querer, querer,
Hei de te roubar de casa
Sem tua mãe saber.

90

Hei de te amar, amar.
O' meu raminho de bem querer,
Hei de roubar de casa
Sem tua mãe saber.

91

Quatro coisas quer o amo
Do creado que o serve:
Deitar tarde, levantar cedo,
Comer pouco e ser alegre.

92

O' vida da minha vida,
O' vida do *vera veras*:
Dava-te o meu coração,
S'eu soubera quem tu eras.

93

Já te tenho dito, rapaz,
Que não sejas tão ladrão:
Foge-me das raparigas,
Como as gallinhas do grão.

94

Não quero o amor Antonio,
Que amarga como trovisco:
Antes quero Manoel,
Qu'ê nome de Jesus Christo.

95

Margarida vai á fonte
Vai encher a cantarinha:
Margarida vai á fonte,
Vai á fonte e vem sosinha.

96

Vai alta a lua, vai alta,
Vai alta na mansão do ar:
Mais alta vai a ventura
Que Deus tem para nos dar.

97

O meu amor era torto,
Eu mandei-o cavacar:
Agora já tenho cavacos
Para fazer o jantar.

98

Manoel, que lindas moças,
Manoel, que lindas são!
Quero-te bem, Manoel,
Da raiz do coração.

99

Caçador que vai á caça
Não vai só por ver a lebre:

Vai para caçar a menina
De colletinho alegre.

100

Caçador que vai á caça
Não vai para caçar o coelho,
Vai para caçar a menina
De colletinho vermelho.

101

O meu coração é assucar
Que na agua se derrete,
Da-me um bocadinho d'elle
Para o meu que se não seque.

102

O meu coração é vidro,
E' vidro na tua mão:
Se te queres vingar d'elle,
Deixa-o cair no chão.

103

Atira, mano, atira
A' pomba que anda na eira:
Ah ladrão, quem mataste?
Era a minha companheira.

104

O' meu S. João Baptista,
A vossa capella cheira,
Cheira ao cravo, cheira á rosa,
Cheira á flor da laranjeira.

105

A flor do matto é doce,
A raiz amarga bem:
Eu não posso comprehender.
A mancha que os homes tem,

106

Sabbado hei de morrer,
Domingo me hei de enterrar,
Todos os anjos do ceo
Me hão de acompanhar.

107

Corria com louca esperança
Em busca da varia sorte:
Julgando ganhar a vida
Nada mais ganhei que a morte.

108

Abre as asas, linda pomba,
Abre as asas, toma vento:
Vai-me levar esta carta
Onde está meu pensameto.

109

No meio d'aquelle mar,
No meio d'aquelle rio,
Ando dois corações
A cantar ao desafio,

110

O cantar não é pecado,
Nem no digo ao confessor:
Os anjinhos lá no ceo
Tambem cantam ó Senhor.

III

Não cortes a oliveira,
Nem lhe ponhas o machado,
Que allumia toda a noite
A Jesus sacramentado.

II 2

No adro de Gilmonde
Não nascem senão ortigas:
Vem-se para o de S. Paio,
Veem-se bellas raparigas.

II 3

Viva lá, senhora Teresa
E mais as suas cachopas,
Deixe-me ir *pró* seu serão,
Para contar as maçarocas.

II 4

Estes mocinhos d'agora
São poucos, mas são valentes:
Levam a pia dos porcos
Atravessada nos dentes.

II 5

Tenho fome, não é de pão,
Tenho sede, não é de vinho:

Tenho fome dum abraço,
Tenho sede dum beijinho.

116

Atirastes, atirei,
Encontraram-se as pedradas:
Quando se as pedras incontro,
Que farão as nossas fallas.

117

Eu vou-me d'aqui embora,
Não levo pena nenhuma:
S'eu quizer dizer, bem sei
Por quem eu levo alguma.

118

Coitadinho de quem tem
Dois amores n'ua rua:
Passa por um, diz adeus,
O outro logo amua.

119

Eu hei-de te amar, menina,
Ou a chorar ou a rir:
Sempre te hei de andar ao geito,
No laço te hei de cair.

120

O' minha mãe, olhe aquelle
Que pega em mim na rua:
Fulano deixa a menina,
Que ella é minha, não é tua.

121

Quando eu te vi, ó freirinha,
Encostadinha no mirante,
Logo meu coração disse:
Tu, freirinha, tens amante.

122

O meu amor me disse ontem:
Para domingo fallaremos:
A semana tem seis dias,
Eu ainda queria menos.

123

Mariquinhas tecedeira
Tem o tear á janella:
Dá-*le* o vento, dá-*le* a chuva,
Todo o fiado lhe quebra.

124

Pus-me a contar as estrellas,
Só a do norte deixei:
Por ser a mais linda,
Contigo a comparei.

125

Quando pensei que tinha
Minhas penas acabadas,
Agora é que as tenho,
Novamente dobradas.

126

Rosa que estás na roseira,
Deixa-te estar até ver:
Hei de ir ao Brasil,
Ainda te hei de vir colher.

127

O meu amor é Domingos,
Parente dos dias santos:
Como te hei-de apartar eu,
Dominguinhos *entre* tantos.

128

O' alto lirio roxo,
Cobre-me com tua sombra:
Eu roubei uma menina
E não tenho onde a esconda.

129

Se tu fores, eu hei de ir,
Se tu ficares, ficarei:
Quando não, tirai-me a vida,
Que eu apartar-me não hei.

130

A cana verde me disse
Que eu havia de ir com ella:
Ora vai-te, cana verde,
Que eu não deixo minha terra.

131

Eu queria cantar alto,
Falta-me a *suspiração*:

Falta-me a luz dos teus olhos,
O favor da tua mão.

132

Já comi e já bebi,
Já molhei minha garganta:
Sou como o pintasilgo,
Quando come, logo canta.

133

Meu pai chamava-se Chasco,
Minha mãe Chasca Maria:
Pelos geitos que eu vejo
Sou filho da chascaria.

134

Ainda que o lume se apague,
Na cinza fica o calor:
Ainda que o amor se ausente,
No coração fica a dôr.

135

Quando eu era pequeno,
Andava de meias brancas:
Agora por meus pecados
Trago vergas nas tamancas.

136

O' oliveira do adro,
Não assombres a igreja:
Bem assombrado anda
Quem não logra o que deseja.

137

No alto d'aquelle monte
Está um jardim a secar:
Os meus olhos se obrigaram
A dar agua para o regar.

138

Oliveira do Brasil
Deita para cá um gano:
Que o meu amor é teimoso,
Dura-lhe a teima um anno.

139

O padre, quando vira
O livro, diz: oremos:
Tu dizes qu'eu hei de ser tua,
E eu digo que veremos.

140

Eu já vi a morte negra
No adro a comer uvas:
Vai-te embora, morte negra,
Desamparo das viúvas.

141

O' morte, tirana morte,
De ti tenho mil queixas:
Quem has de levar, não levas,
Quem has de deixar não deixas.

142

Da outra banda do rio
Tem meu pai um castanheiro:
Dá castanhas em abril,
Uvas brancas em janeiro.

143

Se ouvires dizer que eu morro,
Não chores por mim, meu bem:
A morte dum desgraçado
Não causa pena a ninguém.

144

O tempo que t'eu amei,
Melhor estivera doente:
Tempo tão mal empregado
Dado de tão boa mente.

145

Se tu passares pelo adro
No dia do meu enterro,
Pede á terra que não coma
As tranças do meu cabelo.

146

O' meu amor não embarques,
Nem te botes ao navio:
Olha que as ondas do mar
Não são as ondas do rio.

147

As ondas do mar são brancas,
No centro são amarellas:

Ai da mãe que tem um filho
Para andar em cima dellas.

148

Tudo o que no mar embarca
Tudo á barra do Porto vem:
Tudo vejo vir á barra,
Só o meu amor não vem.

149

Da outra banda do rio,
Da outra banda d'alem,
Tem meu pai um castanheiro
Que muitas castanhas tem.

150

Menina que anda na roda,
Com que lava o seu cabelo?
—Com uma hervinha do monte
Que se chama *trementelo*.

151

Ai, ai, ai
Roubaram-me a raparica,
Ai, ai, ai
Ella era tão minha amiga.

152

Quando eu era solteira,
Usava fitas e laços:
Agora que estou casada
Trago meus filhos nos braços.

153

Vai-te, sono, vai-te sono,
Fora da minha creada:
Nem a vestes, nem a calças,
Nem lhe pagas a soldada.

154

A pulga e mais o piolho
Andam no monte a roçar:
Lá vai o carrapatinho
Carregado co jantar.

155

Não quero que me dê nada,
Que esse teu dar é pedir:
Não quero que d'aqui a pouco
Me andeis a perseguir.

156

Não quero que me dê nada,
Que eu também nada te dou:
Só quero que tu te alembres
Do tempo que já passou.

157

Ajuda-me aqui ferreiro
A seguir esta demanda:
Bem podes entender
Que uma roda só não anda.

158

O meu amor coitadinho
Chora de noite na cama:
Chora porque já foi amado,
Agora ninguém o ama.

159

Oh que pinheiro tão alto
Com tantas pinhas ao meio!
Oh que menina tão linda,
Filha dum home tão feio!

160

Oh que pinheiro tão alto,
Quem lhe irá colher a rama?
—Uma menina do Porto
Que se chama Mariana.

161

O loureiro é loucura,
A baga variedade:
Tambem digo que é loucura
Amar quem se faz grave.

162

O meu amor disse que vinha,
Disse que vinha e não vêu:
Se elle não havia de vir,
Para que mo prometteu?

163

Não ha sol como o de maio,
Luar como o de janeiro,

Nem cravo como o regado,
Nem amor como o primeiro.

164

Fui ao jardim colher o trevo,
Achei o jardim colhido:
Coitadinho de quem vai
Ao jardim que outro tem ido.

165

Quem me dera, dera,
Estar a dar, a dar,
Beijinhos até morrer,
Abraços até findar.

166

Quem me dera ter e ter,
Quem me dera ter e dar:
É' melhor não prometter
Do que prometter e faltar.

167

O' minha pombinha branca,
O' minha branca pombinha:
Antre a baga do loureiro
Se colhe a verde folhinha.

168

O' minha pombinha branca,
Empresta-me o teu vestido:
Ainda que elle penas tenha,
Eu tambem em penas vivo.

169

Nao quero amor pedreiro,
Que sempre pica na pedra:
Antes quero alfaiate
Que pica na primavera.

170

Para domingo que vem
Hei de ir á missa do dia:
Para ver o meu amor
A' porta da sacrestia,

171

Para domingo que vem
Hei-de ir á missa do castello:
Para ver o meu amor
Vestidinho d'amarello.

172

O ladrão do pintasilgo
Toda a noite *re-piu-piu*:
A' hora da madrugada
Bateu as asas e fugiu.

173

Moro na costa do monte,
Os meus visinhos são penedos:
Não ouço cantar de noute
Se não mochos e morcegos,

174

Quando eu nasci no mundo,
Nasceram quatro num dia:
Nasci eu, nasceu José,
Nasceu Anna e mais Maria.

175

O meu amor é de longe,
Ainda que eu cante não houve:
Hei de lhe mandar escrever
Numa folhinha de couve.

176

Semeei trigo no mar,
Só me nasceu numa beira:
Quando nasceram os homes
Nasceu fraca sementeira.

177

O' Laurindinha,
Laranja, laranja:
Quem não tem amores
Depressa os arranja.

178

Quem me dera ser a hera
Para pela parede *assubir*:
Para chegar ao teu quarto
Para te ver a dormir.

179

Chamaste-me cerejinha
Diante de tanta gente:

Agora ficou-me o nome
Cerejinha para sempre:

180

O meu amor é tão lindo,
De tão lindo me aborrece:
Ainda os vejo mais lindos
E a mim não mo parece.

181

O meu amor é Antonio,
Eu bem no soube escolher:
O craveiro não tem outro,
Só se elle agora nascer.

182

Vai-te embora, vai-te embora,
P'ra ti já não posso olhar:
Faltaste á tua palavra,
Não sei que val'o teu fallar.

183

O' meu amor, anda anda,
Que te quero ver andar:
Eu quero ver o teu brio
E mais o teu passear.

184

Chorai, olhos, chorai, olhos,
Que o chorar não é desprezo:
A Virge tambem chorou,
Quando viu seu Filho preso.

185

O' luar da meia noite,
Tu és o meu inimigo:
Bota-me o trinta cá fora
Que quero fallar contigo.

186

Passei pela tua porta
E lá dentro vi um cão:
Tanta era a lazeira
Que até lhe caía a lã.

187

Menina que anda á herva,
Não se fira, nem se corte;
Não seja a sua ferida
A causa da sua morte.

188

Menina, se eu me cortar,
E' com minha foucinha d'aço:
E' com minha pressa,
E' com meu desembaraço.

189

Senhora das Necessidades,
Não torno á vossa festa,
Que me tirastes a merenda
E mais a hora da sesta.

190

Senhora das Necessidades,
O vosso mosteiro cai:
Mandai-o levantar
Por a gente que lá vai.

191

Tenho um amor em Martim
Outro em Macieira:
Ainda espero de ter outro
Em S. Miguel da Carreira.

192

O' meu amor, não me mates,
Deixa-me que eu morrerei,
Que me quero confessar
Duma pena que te dei.

193

Se ouvires tocar o sino
Ou a garrida nos Frades,
Não pergunteis quem morreu,
Que fui eu com saudades.

194

Saudades são securas,
Ellas em mim reverdece:
Causa-las quem quer as causa,
Triste de quem nas padece.

195

O tocador da viola
Carece duma gallinha,

Passada pelos meus dentes
Para a minha barriguinha.

196

Eu tenho cinco colletes
Todos cinco bem talhados:
Eu tenho cinco amores,
Quatro ando enganados.

197

Vós chamais-me pequenina,
Sou mulher de minha casa:
Quando vou cozer o pão,
Ponho-me em cima da rasa.

198

Toda a mulher que se casa
Deve de ser carinhosa,
Para levar a má vida,
Que a boa está duvidosa.

199

Eu casei-me, cativei-me,
Troquei a prata ao cobre:
Troquei a minha liberdade
Por moeda que não corre.

200

Como estás, ó casadinha,
O' outro dia da boda?
—Graças ao Senhor *pra* sempre,
Nunca eu casada fora.

201

Estas mocinhas d'agora
Traz cabellos aos anneis:
Andais a offender a Deus
Para agradar aos Manocis.

202

Da outra banda do rio
Nem chove, nem cai orvalho:
Menina que ha de ser minha,
Não me dê tanto trabalho.

203

Tenho dentro no meu peito
Duas zenhas a moer:
Uma anda, outra desanda,
Assim fa-lo bem querer.

204

Eu hei de tomar amores,
Ha de ser com um sapateiro:
Trabalha toda a semana,
O' domingo tem dinheiro.

205

Estes mocinhos d'agora
Andam mortos por casar:
Traz o brio no cabelo
E o dote no calcanhar.

206

Eu hei-de amar a tres nomes
Que tenho de obrigação:
E' Manoel e Antonio
E José do coração.

207

Agora é que eu vou cantar
Ajudai-me raparigas:
Agora é que eu vou saber
Quais são as minhas amigas.

208

A rosa de Alexandria
E' flor habilitada:
A rosa que não é cheirosa
Para mim não vale nada.

209

Não vos fieis em conversas,
Quem dança não tem juizo:
Dizei só o que é verdade,
Fallai só o que é preciso.

210

Trazeis cabelo atado
Pelas costas ao comprido:
Nas ondas do teu cabelo
Anda o meu amor mettido.

211

Rua Direita de Barcellos,
Hei de te mandar varrer,

Com uma vassoira de prata,
Que d'ouro não pode ser.

212

Raparigas do meu tempo
Chorai agora por mim,
Que vos dou a minha mão
Para seculos sem fim.

213

O' oliveira do alto,
Rama della tem virtude:
Passei por ella doente,
Logo me achei com saude.

214

Se passares por S. Bento
Dai um tiro na Portella,
Para que diga a gente toda:
Lá vai o bem desta terra.

215

Tu chamaste-me trigueira,
Eu bem sei que sou morena:
A minha cor é comigo,
A tua fica na tenda.

216

O' vida da minha vida,
O' vida do meu chapéu:
Se eu morresse em pequeninha,
Já agora estava no ceo.

217

Eu hei de subir ao alto,
Hei de subir e descer:
Ou na vinda ou na ida
O meu amor hei de ver.

218

O meu amor é um anjo,
Eu por anjo o venero:
Se o chego a lograr,
Nada mais do mundo quero.

219

O' Laurindinha,
Laranja, limão:
Quem não tem amores,
Não sabe o que é bom.

220

O' Laurindinha,
Laranja partida:
Os amores dos homes
Cativa, cativa!

221

O' Laurindinha,
Caneca quebrada:
Os amores dos homes
Não presto para nada.

222

As moças tem poupa,
Ellas poupa tem:
As poupas das moças
Não vale um vintem.

223

Quem me dera ir ao ceo
Para ver o que lá vai:
Tanta mulher sem marido
Tantos filhinhos sem pai.

224

O' rosa da Alexandria,
Onde deixastes o cheiro:
—Deixei-o na minha cama,
Debaixo do meu travesseiro.

225

Eu a amar-te e a querer-te,
Tu sempre a fugir de mim:
Ainda me hei de regalar
Do teu corpo ter *má* fim,

226

Mas agora tenho pena,
Mas agora tenho dor:
Mas agora tenho pena
De deixar o meu amor,

227

O' Laurindinha,
Tu és a minha amada;

Se vens coradinha,
Não é da jornada.

228

Não é da jornada,
Não é do calor;
O' Laurindinha,
Tu és o meu amor.

229

Aquella menina cuida
Que não ha outra no mundo:
Não é o caldo tão gordo,
Que se lhe não veja o fundo.

230

O' *bado* vira
Daqui para ahi:
Quem você procura,
Já não está por 'qui.

231

O' *bado* vira
Daqui *pràcolá*:
Quem você procura,
Já não está por cá.

232

Hei de cantar, hei de rir,
Hei de pintar a baralha:
Eu sou como as feiticeiras,
A mim ninguem m'atrapalha.

233

O meu amor é um anjo,
Deu-mo Deus, não o moreço:
Já mo quisero comprar,
Anjos do ceo não tem preço.

234

O' meu amor, não morras hoje,
Que amanhã também é dia:
Não quero que o mundo diga
Que morres por minha via.

235

O' meu amor, não morras hoje,
Deixa para segunda-feira:
Não quero que o mundo diga
Que morres á minha beira.

236

O' vida da minha vida,
Não sei s' é vida, se não:
Fugiu-me a pombinha branca
Deixou-me as penas na mão.

237

S' eu morrer, não botes dó,
Nem a roupa dê's à tinta:
Eu morro, vou para o ceo,
Tu ficas na tua quinta.

238

Eu vou-me daqui embora,
 Quem vem amigo, quem vem ?
 Pelos geitos que eu vejo,
 Comigo não vem ninguém.

239

Não me atires com pedrinhas,
 Que estou a lavar a louça:
 Atira-me com beijinhos,
 Mas baixo, que teu pai não ouça.

240

Passei pela tua porta,
 Pedi-te agua, não ma destes:
 Quando passares pela minha,
 Farei como tu fizestes.

241

Não te ponhas a chorar
 Lagrimas ao pé de mim:
 Sabias que era home,
 Não te fiasses em mim.

242

A moça para ser moça
 Ninguém lhe ha de pôr a mão;
 Ha de ser como a toupeira
 Que anda por baixo do chão.

243

A rosa para ser rosa
 Ha de ser de Alexandria.

Uma moça para ser moça
Deve-se chamar Maria.

244

Uma rosa para ser rosa
Deve ser do peito d'Anna;
Colhidinha ao domingo
Dura para toda a semana.

245

Semie no meu quintal
O brio dos estudantes:
Nasceu-me uma rosa branca
Cercada de diamantes.

246

Semie na minha horta
O brio das raparigas:
Nasceu-me uma rosa branca
Cercada de margaridas.

247

Tenho um amor, tenho dois,
Tenho tres, não quero mais:
Eu para que quero os amores,
Se elles me não são leais.

248

Tenho á minha janella
Cravos roxos sem abrir:
Ninguém sabe o meu intento
Nem o que eu hei-de seguir!

249

Fui-me confessar a um padre,
Disse-lhe que não tinha amor nenhum,
Deu-me por penitencia
Que tivesse siquer um.

250

Minha mãe mandou-me á fonte,
Eu quebrei a cantarinha:
O' minha mãe não me bata,
Que eu ainda sou pequeninha.

251

O' vida da minha vida,
Eu, se quero, ando bem:
Ando c'os pés pelo chão,
Como os outros ando tambem.

252

O' vida da minha vida,
O' vida solteira real
Quem me tira desta vida
Faz um peccado mortal.

253

Tenho á minha janella
Cinco reis ha muito tempo,
Para comer de molete
No dia do casamento.

254

A senhora do Sàmeiro
Tem um lenço d'ouro fino,
Lavado em agua santa
Secco ao sol divino.

255

Ainda onte me disseram,
Que eu não adivinhei,
Que tomastes amores novos,
Da minha parte estimei.

256

Tenho uma laranja azeda,
Ao canto do meu bàu,ú,
Para dar a uma menina,
Queira Deus não sejas tu.

257

Eu hei de tomar amores
Com o Senhor da cana verde:
Virei as costas ao mundo,
O coração para elle.

258

O' Sara, tu abre a porta,
Que estou c'os pés na geada:
Se tu não abres a porta,
Não sou tua conversada.

259

Minha amora madurinha,
Quem foi que t'amadurou?

Foi o sol, foi a lua,
Foi o orvalho que apanhou.

260

O' minha caninha verde,
Cana verde no botão:
Quem não quiser que o mundo fale,
Não lhe dê occasião.

261

A vossa cinta, menina,
E' um pouco delicada:
Quem vos faz a vós formosa
E' o andar sempre apertada.

262

Eu já vi nascer o sol
Na cabeça d'um macaco:
Meu amor, se tens paixões,
Disfarça, toma tabaco.

263

Venha cá, minha menina,
Chegue-se cá para mim,
Que lhe quero dar uma rosa,
Um cravo e um jasmim.

264

Eu venho de tão lrange
Em risco de me perder:
Rompendo mattos e montes,
Só, menina, para te ver.

265

Menina, se quer saber
Como é que se namora,
Metta um lencinho no bolso
Com as pontinhas de fóra.

266

Vou-me embora do meu amo,
Não lhe devo nem um dia,
Antes me elle deve a mim
As noites que eu não dormia.

267

O' Brasil, ó Brasil,
O' Brasil, ó ganhar:
Em toda a terra é Brasil
Pra quem quiser trabalhar.

268

Meu amor, meu amorzinho,
Não sei que te hei de fazer:
Dou-te vida, tu queres morte,
Dou-te morte, queres viver.

269

Oh que lindo ramo
Leva a mocidade!
Cantai, raparigas,
Viva a liberdade.

270

No alto daquella serra
Um pintasilgo é rei:
Avintura-te, ó menina,
O' que m'eu avinturei.

271

Agua leva o regadinho,
Vai regar a ponia;
Todos me *diz* que te deixe,
Eu não te deixo, Maria.

272

Agua leva o regadinho,
Vai regar a quinta ao rei:
Todos me *diz* que te deixe,
Eu nunca te deixarei.

273

Agua leva o regadinho
Agua leva, vai regar:
Todos me *diz* que te deixe,
Eu não te posso deixar.

274

Agua leva o regadinho
Pela minha porta fóra:
Todos me *diz* que te deixe,
Eu não te deixo agora.

275

Quando eu nasci no mundo,
Nasceram quatro num dia:

Nasci eu, nasceu desgraça
Tristeza e *melanconia*.

276

Fui á fonte dos amores,
Não achei senão cuidados:
Enchi o cantaro de rosas,
Fiz a rodilha de cravos.

277

Se fores ao S. Tiago,
Trazei-me um S. Tiaguinho:
Se não poderes com um grande,
Trazei-me um mais pequeninho.

278

S. João e mais S. Pedro
Andavo ambos e dois,
S. João olhava as vaccas
S. Pedro olhava os bois.

279

S. João para fallar ás moças
Fez uma ponte de prata:
As moças não passam por ella,
S. João quasi se mata.

280

Assenta-te aqui, ó Antonio
Assenta-te aqui ao meu lado:
Numa cadeirinha nova
Feita da raiz d'um cravo.

281

Eu hei de subir ao alto,
Que do alto vejo tudo:
Quero ver o meu amor,
Que anda em Braga no estudo.

282

Eu hei de subir ao alto,
Que do alto vejo bem:
Quero ver o meu amor
Se falla pra mais alguém.

283

Eu hei de subir ao alto,
Ao alto hei de subir:
Quem ao mais alto *assobe*,
Ao mais baixo vai cair.

284

Quando eu nasci no mundo,
Melhor me fora morrer:
Que ainda podia lucrar
O que agora posso perder.

285

Eu queria-me ir embora,
Eu queria estar aqui:
Os anjos do ceo me levem
Prá terra donde eu nasci.

286

O' meu amor não me adores,
Que eu para ti não hei de ser:
Eu já tenho quem me adore
Nos dias que hei de viver.

287

Quando eu era pequeno,
Ainda jogava pião:
Diziam-me as raparigas:
Bota-m'o aqui na mão.

288

Quando eu nasci, chorava,
Chorava por ter nascido:
Parece que adivinhava
A sorte que tenho tido.

289

A rosa depois de secca,
Foi-se queixar ao jardim:
Disseram as outras rosas:
Tudo o que nasce tem fim.

290

Já te quis, já te não quero,
Já te perdi àfeição:
Já te arrumei para um canto,
Fora do meu coração.

291

Hei de te amar, menina,
Ao saltar d'uma parede:
Ou tu queiras, ou não queiras,
Has de me cair na rede.

292

Já ha muito que não vi Anna
Nem ao jantar nem á ceia:
Que é da minha rica Anna?
Que é da minha casa cheia?

293

Canta, rapariga, canta,
Que esse teu cantar me alegra:
Se não fosse o teu cantar,
Já não estava nesta terra.

294

Canta, rapariga, canta,
Que este povo quer-te ouvir:
Se eras brandinha do peito,
Ninguem te mandou cá vir.

295

O' vida da minha vida,
O passarinho é rei:
Dá-me a tua mão, menina,
Que eu a minha já ta dei.

296

Para amar e servir a Deus
Não digais que não tendes tempo:

Podeis andar no trabalho
Com Jesus no pensamento.

297

Ail ó ái!
Camarão á beira mar:
Se eu agora não namoro,
Quando hei de namorar.

298

Ail ó ai!
Eu venho da Apulia velha:
Se eu agora não namoro,
Que fará depois de velha!

299

O amar e querer bem
Está na Escritura sagrada:
Quem ama a Deus, como deve,
Tem a salvação guardada.

300

Amar e servir a Deus
Não ha coisa mais bonita:
Quem morre em graça de Deus,
Não morre que resuscita.

301

Nem no mundo ha dois mundos,
Nem no ceu ha dois senhores:
Não ha coração que ame
A um tempo dois amores.

302

Rapazes e raparigas
Guardai o que vosso é:
As que *num* canto nem danço
Tambem *lhe* escorrega o pé.

303

O cuco e mais a cuca
Vieram ambos da Maia:
O cuco perdeu as calças,
A cuca perdeu a saia.

304

Eu já vi cantar o cuco
Na rabiça do arado:
Elle é cuco recucuco,
Elle é cuco acabado.

305

O cuco e mais a cuca
Vieram ambos de fora:
O cuco vem de Lordello,
A cuca de Villa Nova.

306

Senhor pae, senhora mãi,
Dê-me a chave do jardim,
Que quero colher um cravo,
Para dar a Joaquim.

307

Senhora das Necessidades,
Senhora minha madrinha,
Botai-me a vossa benção,
Eu sou vossa afilhadinha.

308

O meu amor, coitadinho,
Chora de noite na cama;
Chora que já foi amado,
Agora ninguém o ama.

309

Os meus olhos de chorar
Já nenhuma graça tem:
Tenho dito aos meus olhos
Que não chorem por ninguém.

310

Já morri, já me enterrei
No adro d'uma capella:
Tornei a resuscitar.
Por causa d'uma donzella.

311

Se eu morrer com minha fala
E com meu juizo perfeito,
Deixo dito que me enterres
No adro desse teu peito.

312

Hei de amar á semana,
Que ao domingo tenho quem:

Eu amo ao meu amor,
Não amo a mais ningnem.

313

Eu já morri uma vez,
Achei o morrer tão doce:
Morreria duas ou tres
Se o morrer sempre assim fosse.

314

Amar e saber amar,
Amar e saber a quem:
Eu amo ao Deus do ceo,
Não amo a mais ninguém.

315

Minha mãe chamou,
Não posso lá ir:
Estou com os meus amores,
Estou-me a divertir.

316

Minha mãe chamou,
Que me quererá?
O' minha mãe, vossê perdoe,
Que eu vou lá já.

317

A moça que é tecedeira
Usa de muitas ideias:
Mette estopa e tomentos
Para lhe render as teias,

318

A moça que é bonita
Ninguém lho pode chamar:
Ella enche-se de brio,
Que até não pode andar.

319

Todo o moço que é bonito
Não se lhe pode dizer:
Elle enche-se de brio
Que até não póde comer.

320

Eu não quero home viuvo
Nem home que viuvou:
Não quero crear os pitos
Que outra gallinha chocou.

321

Coração perto da boca
Faz um geito que regala:
Em certas occasiões
Arrebenta se não falla.

322

O cuco e mais a cuca
Vieram ambos do mar:
O cuco vem no comboio,
A cuca vem pelo ar.

323

O cuco e mais a cuca
Gosto muito de feijões;
A cuca perdeu a saia,
O cuco perdeu os calções.

324

Sou um pedreirinho novo,
Ainda não ganho dinheiro,
Boto barro nas paredes,
Levo os picos ó ferreiro.

325

As estrellas miudinhas
Faz um ceo muito composto:
Nunca contigo, menino,
Pude fallar a meu gosto.

326

O' estrellinha do norte,
Agulha de marear:
E' a estrella por onde m'eu guio,
Quando me quero deitar.

327

Menina que vai á fonte,
Queira-me dar de beber:
Entre canas e caninhas
A agua ha de nascer.

328

Eu de beber não lhe dou,
Que o meu copinho quebrou:

Não quero que vossê se gabe
Do que se outro não gabou,

329

Vossê diz que me não quer,
Que eu *que* não tenho dinheiro;
Meu pae morreu-me no mar,
Sou filha d'um brasileiro,

330

Se o mar tivera varandas
Para eu ir ao Brasil e vir;
Mas o mar não tem varandas...
Diz-me por onde hei-de ir.

331

Fui dar c'o meu velho morto
A' porta da minha *loje*:
Atirei-lhe c'ũa pedra,
Olha o velho como foje.

332

Fui dar c'o meu velho morto
A' porta do meu *lagar*:
Atirei-lhe c'ũa pedra,
Olha o velho a barregar.

333

A laranja quando nasce,
Logo nasce redondinha:
Tambem tu minha menina,
Nascestes p'ra seres minha,

334

Antonio côr de laranja,
Maria côr de limão,
São os noivos mais bonitos
Que á nossa igreja vão.

335

Menina do amarello,
Diga-me quanto custou:
Que me quero vestir delle,
Já que tanto me agradou.

336

Toda a moça que é janota,
Vem da banda de Vallongo:
Já vestiu quatorze saias
Pra fazer o corpo redondo.

337

Menina que sabe ler,
Vossê ha de me ensinar:
Diga-me a primeira letra
Por onde hei de começar,

338

Fui me deitar a dromir
A' beira da agua que corre:
A agua me respondeu
Quem tem amores não dorme,

339

O limão tira o fastio,
A laranja o bem querer:
Tirai-me dos meus sentidos,
Se me quereis ver morrer.

340

De vagar se vai ao longe,
Vem tolo é quem se mata:
Quem dá a noite, dá o dia,
Não ha coisa mais barata.

341

Arrebita pessegueiro,
Que é tempo de arrebitar:
Estes rapazes d'agora
Andam mortos por casar.

342

Esta noite ha de chover
Uma chuva miudinha:
Hei de me ir abrigar della
A' tua casa, menina.

343

Esta noite ha de chover
Uma chuva orvalhosa:
Hei de me ir abrigar della
A' tua casa, ó Rosa.

344

Pediste-me uma laranja,
Eu não tenho laranjeira:

Se tu queres um limão doce,
Salta cá dentro á eira.

345

Pediste-me uma laranja,
Eu não tenho laranjal:
Se tu queres um limão doce,
Salta cá dentro ó quintal.

346

Meu pai, casai-me, casai-me,
Emquanto sou rapariga:
O milho semeado tarde
Nem dá palha, nem espiga.

347

Hei de casar este anno,
Ou para o anno que vem:
Estão os rapazes baratos,
E' o cento a vintem,

348

Rapazes de Santa Vaia,
Raparigas de Midões:
Pedi ó Senhor por mim
Lá nas vossas orações.

349

Ondas do mar abrandai,
Eu quero pilhar um peixe:
Eu quero deixar o mundo
Antes que elle me a mim deixe.

350

Eu cheguei aqui agora,
Eu cheguei agora aqui:
Não me deram novas tuas,
Não sei como não morri.

351

Quero cantar que me ouças,
Já que eu fallar não posso:
Quero que reconheçais
Que o meu coração *que é vosso*.

352

Coitadinho de meu pai
Que não tem senão a mim:
Roubaram-lhe os bois da corte,
Tambem roubaram a mim.

355

Tenho uma pena no peito,
Della devo de morrer:
Já me diz o coração
Que não nos tornamos a ver.

354

Tenho sono, vou *dromir*,
A' cama me vou deitar:
Eu quero-me deitar cedo,
Que tenho de madrugar.

355

Mercais olhos, trocais olhos,
Andais na mercadoria:
Mercai-me tambem os meus
Para a vossa companhia.

356

Não canto por bem cantar,
Nem tambem por bem parecer:
Canto para espalhar o sôno
Para não adormecer.

357

Menina de olhos pretos
Como a baga do loureiro,
Se sabe os dez mandamentos,
Diga-me lá o primeiro.

358

Hei de passear Silveiros
Quantas vezes eu quiser:
Trago faca na algibeira,
Sou home não sou mulher.

359

Ao passar do portellino
A meu primo dei a mão:
Se elle não fora meu primo,
Ou *la* daria, ou não.

360

Ao passar do portellino
Caí, quebrei a viola:

Apanhei os cavaquinhos
Para fazer outra nova.

361

Quem quiser moços baratos,
Vá o adro de S. Bento:
Elles são baratinhos,
Por um vintem traz um cento.

362

Fui me confessar e disse
Que te andava conversando:
Deram-me por penitencia
Que fosse continuando.

363

Não me agradam os teus cordões,
Nem os brincos das orelhas:
Agradam-me esses teus olhos
Abaixo das *cerbancelhas*.

364

Adeus inça quem morre
Ausente de quem se aparta:
Diga-me, ó minha menina,
O amor com que me trata.

365

O amor com que a trato,
E' com gosto e alegria:
As fallas que me dá hoje,
Serão pagas algum dia.

366

Abre-te, peito, e falla,
Coração, salta cá fóra:
Anda ver o teu amor,
Que chegou aqui agora.

367

Vós chamais á morte negra,
Ella que culpa tem:
A morte sem Deus querer
Não tira a vida a ninguém.

368

O diacho leve os ratos
E os dentes ás formigas:
Que me roeram os livros
Onde eu estudava as cantigas.

369

Aquelle navio novo
Jura que me ha-de levar:
Eu juro que não hei-de passar
As aguas d'aquelle mar.

370

O' minha caninha verde,
Verde cana de ericanar:
Trema o ceo e trema a terra
Eu aqui neste lugar.

371

Os de Braga choro, choro,
Elles choro, tem razão:
Eu canto com alegria,
Sabe Deus minha paixão.

372

Senhora da Conceição
Foi *pro* Sameiro morar:
Os de Braga choro, choro,
E tem razão de chorar.

373

O Senhor de Mattosinhos
Mandou dizer *ô* de Fão,
Que dissesse *ô* de Barcellos
Que eram todos tres irmãos.

374

Hei de ir, e hei de vir,
Muitas fallas hei de dar:
Hei de te fazer moer
Como o navio no mar.

375

Quando eu quis, tu não quisestes,
Tivestes openião:
Agora queres, eu não quero,
Tenho minha presunção.

376

Quando eu quis, tu não quisestes,
Usastes de gravidade:

Agora queres, eu não quero,
Não é da minha vontade.

377

Rapazes e raparigas.
Olhai lá por onde andais:
Que a honra é como o vidro,
Quebrando não *sorda* mais.

378

Meninas do rio triste,
Vinde lavar ao alegre:
A água do nosso rio
Deixa a roupa como a neve.

379

Rapariga não te cases,
Deixa-te estar á boa vida:
Eu bem sei uma casada
Que está bem arrependida.

380

Rapariga não te cases,
Com home que viuvou:
Não queiras tomar o posto
Que outra gallinha deixou.

381

Quando eu aqui cheguei,
Dei um ai, tremeu a terra:
Era noite, fez-se dia,
Sahiu o sol á janella.

382

Quando eu aqui cheguei,
Dei um ai muito baixinho:
Era noite, fez-se dia,
Saiu-me o sol ó caminho.

383

Se o mar tivera varandas,
Para o meu amor ir ver:
Mas o mar não tem varandas...
Meu amor, como ha-de ser?

384

Tenho á minha janella
O que tu não tens á tua;
Um candieiro de prata
Que allumia toda a rua.

385

Quando eu te comecei a amar,
Ainda não era pecado:
Nem o mundo era mundo,
Nem o mar era sagrado.

386

Dizeis que não pode ser
Uma silva dar um cravo:
Aqui o trago ao meu peito
Na mesma silva pegado.

387

Tenho dentro de meu peito
Uma laranja partida,
Para dar ao meu amor,
Que anda de beíça caida,

388

Papagaio da janella
Dá-me uma pena da asa:
Queria escrever ao meu amor,
A minha ficou em casa.

389

Na minha terra se colhe
O alecrim ás paveias:
Pró senhor tanto lhe faz
As bonitas com *ás* feias,

390

O' Laurindinha,
Eu hei de te amar
De dia *ó* sol,
De noite *ó* luar.

391

Minhas andadas de noite,
Minhas idas *ó* serão,
Minhas sollinhas rotas,
Minhas passadas em vão.

392

S. João foi-se deitar;
A' sombra da laranjeira:

Caiu-lhe a flor por cima,
S. João que tão bem cheira.

393

Toda a vida desejei
O que nunca pude armar:
Uma casa no Brasil
Com as varandas *pró* mar.

394

Tenho passeado terras,
Cidades mais de quarenta:
Tenho visto lindas caras,
Só a tua é que me contenta.

395

Tenho um navio no mar
Com as janellas *pra* Vairão:
Já lá vai o meu amor,
Que mo diz meu coração.

396

Quem me dera ir ao Porto,
Do Porto ir á cidade:
Quem me dera passear
No campo á liberdade.

397

Minha mãe me diz á noite,
O' filha, vai te deitar:
Ella pensa que eu *que* durmo,
E eu ando a passear.

398

Olha o bem que tu armastes,
Um noivo para casar:
Deu duas voltas com elle,
No meio deixou-o ficar.

399

O' minha caninha verde,
Verde cana do botão:
Anda-me aqui ajudar,
O' filha do meu coração,

400

O meu amor coitadinho
Passa fome, come bem:
Eu hei de ser a herdeira
Da filha que teu pai tem,

401

O' minha caninha verde,
Verde cana sem lei:
Dá-me a tua liberdade
Que eu a minha já ta dei,

402

O' Balazar, Balazar,
Quem te dera dois tiros:
C'ũa pistola de prata
Carregada de suspiros,

403

O meu amor coitadinho
E' meio acididão:
Vem afeito a trigo,
Não quer comer o pão.

404

O' meu amor anda, anda,
Por a sombra devagar:
Agora na lua cheia
Toda a noite vai luar.

405

Cabra, cabrinha,
Lá no rio Jardim:
Venha-me fallar, menina,
A' raiz do coração.

406

Meu amor, tu que tivestes
Que tanto degenerastes?
Fallame verdade, não mintas,
Diz-me que amores tomastes.

407

Já lá vai pelo mar fora
Quem por me ver não dormia:
Deus o leve e Deus o traga
Para a minha companhia.

Antonio côr de cravo,
Maria côr de cereja,
São os mais bonitos olhos
Que entram na nossa igreja.

LENDAS

1. Lenda do passarinho.—Nos primeiros tempos da fundação do convento de Villar, houve alli muitos frades santos, bem ao contrario do que succedeu nos ultimos.

Um delles andava um dia tão encantado em pensamentos do ceo, que se deixou guiar pelo canto delicioso de uma ave que o foi chamando para a cerca do convento onde a esteve ouvindo durante um bom pedaço.

Mas, oh espanto! oh maravilha! O bom do nosso frade, ao voltar ao convento, nada reconheceu do que estava á roda de si; nem a casa, nem os seus irmãos.

Pelas tradições correntes no convento, veio a verificar-se que este era um frade que dalli tinha saído havia trezentos annos.

2. Lenda do areal do Villar.—Onde agora está o areal de Villar era algum dia uma bella quinta, muito fertil e banhada pelo Cavado. Tinha porem a desgraca de ser possuida por um homem muito mau e sem coração, que nunca dava uma esmola aos pobres, antes os escorraçava da porta. Não tendo herdeiros, levou a sua impudencia ou odio aos pobres a tal ponto, que deixou a sua rica propriedade em testamento para manter uma matilha de cães.

O castigo não se fez esperar. Da Pousa ou melhor da Aforada, desceu uma grande cheia que arrasou de areia toda a quinta.

3. Lenda da porta de S. Tiago.—O povo acredita que é preciso ir pelo menos uma vez na vida a S. Tiago de Galliza, aliás temos de ir lá depois da morte: assim se explicam algumas peregrinações que d'aqui se fazem àquella santuario, que são

quasi nada em comparação do que eram noutros tempos.

Com esta crença anda ligada uma outra, e é que na dita igreja ha uma porta muito estreita, onde se conhece quais vão em graça, e quais não, visto só os primeiros poderem passar para alem.

Talvez a lenda se origine de qualquer passagem estreita, ou na cathedral ou nos claustros da mesma.

4. O homem e o lobo.—Um homem atravessava de noite uma montanha, quando percebeu que um lobo o seguia a pouca distancia. Trepou apressadamente para cima da primeira arvore que encontrou e ahi se julgava salvo do perigo, quando o lobo começou a uivar com toda a força, chamando pelos companheiros. Não eram passados muitos instantes, quando uma matilha de lobos começou a escavar a terra e a destroncar as raizes da arvore.

O nosso homem já não sabia de que terra era. O medo, porem, ou antes a sua boa sorte descobriram-lhe um admiravel expediente. Des-

piu o casaco e tratou de o encher de ramos pesados da arvore de maneira que parecesse um corpo solido, e deixou-o rolar pela arvore abaixo, escondendo-se entre dois braços mais grossos da mesma.

Como os lobos não tem faro, julgaram ser aquelle fardo o corpo do homem e logo o tomaram entre dentes fugindo com elles. Antes que os lobos tivessem tempo de dar pelo logro, desceu o homem da arvore e foi muito feliz, porque pode escapar-se para casa.

5. O burro silveiro.—Voltavam a meia noite duma sturdia ou espade-lada um bando de moços, e ao encontrarem numa bouça um jumento fraco, a que o povo chama *burro silveiro*, disse o da frente: *oh que bella occasião para não rompermos as solas!* e foi escanchar-se no lombo do animal; depois foi outro e outro e parece que o lombo ia crescendo á proporção que os moços, que eram 12, se iam chegando.

No meio de grande algazarra começaram a bater no animal, que a principio se mostrou muito manso

e socegado; mas d'ahi a pouco dessembestou em corrida furiosa, salvando trancos e barrancos, através dumas poucas de freguesias: aqui deixava um de pernas quebradas, acolá outro de cabeça partida, alem outro de costellas amolgadas; ao largar o ultimo desfez-se n'um tremendo estouro e desappareceu.

Era nada menos que o diabo, mudado em burro para lhes dar uma lição.

Elles já deviam desconfiar dum lombo tão comprido.

6 Lenda do Senhor da Cruz.—Diz o povo que o Senhor da Cruz, que se venera na *rotunda* do Campo da Feirã, é irmão do Senhor de Mattosinhos e do Senhor de Fão.

Foram todos tres lançados ao mar lá numa terra muito distante. Vieram sempre juntos pelo mar abaixo, até que uma onda arrojou um delles para a praia de Mattosinhos; continuaram os dois a sua viagem para o norte até á foz do Cavado. Um foi arremesado para a praia de Fão e o outro levado pela maré ria acima. Uma multidão de

gente que passava perto do rio, admirada d'aquelle espectáculo, aproximou-se da margem, tirou-o para fora e foram caminhando com elle para o interior da provincia; mas, fazendo-se-lhes noite em Barcellos, tiveram de o guardar alli dentro duma capella. No dia seguinte, quando se dispunham a continuar viagem, foi impossivel arrancal-o da capella e ficou-se conhecendo que era sua vontade ficar alli.

O Senhor da Cruz tem a sua festa, chamada das *cruzes* a 3 de maio; o Senhor de Fão na segunda feira de Paschoella, e o de Mathosinhos em dia do Espirito Santo.

7 Varrer as ruas de Guimarães. — Os soldados de Barcellos n'uma batalha dos tempos antigos deixaram se apossar de tal medo, que voltaram as costas ao inimigo e fugiram vergonhosamente. Ao contrario os de Guimarães, que estavam ao lado, houveram-se briosamente, porque defenderam o seu logar e o que foi abandonado pelos de Barcellos. Em consequencia disto o rei castigou os vereadores de Barcellos

a irem de vassoura ao ombro, um pé calçado e outro descalço, varrer as ruas de Guimarães duas vezes no anno. Assim o fizeram durante muitos annos, até que contractaram com os de Guimarães de lhes cederem duas freguesias no limite entre os dois concelhos, para se resgatarem daquelle opprobrio e vexame (1).

(N. B. Esta não é lenda popular, porque nunca a ouvi narrar ao povo. mas è *erudita*, porque figura nalguns livros publicados em Guimarães ou em louvor de Guimarães. Historicamente nada vale, porque ainda se não provou em que batalha, em que anno ou em que reinado se deu o tacto. Tem simplesmente o valor dum apódo ou chu-

(1) Pinho Leal no *Portugal Antigo e Moderno*, vol. I, pg. 332, vol. II, pg. 457, vol. III, pg. 356 e vol. VIII, pg. 258 trata da lenda, que se julga referir a um episodio da tomada de Ceuta em 1415, não referido porem pelos cronistas.

O uso terminou no tempo de D. João V, em virtude de um diploma, que foi publicado recentemente na *Revista de Guimarães*. A origem de uso ainda não está esclarecida. (*Nota da Revisão*).

fa, que um logar, uma freguesia, uma villa, joga a outra sua visinha para a metter a ridiculo, o que é vulgarissimo em terras portuguezas.

O meu illustre amigo, medico e distincto investigador de coisas antigas, dr. Antonio Ferraz já publicou esta historieta em uns artigos que em tempo escreveu, e é possível que numas *Memorias* sobre as antiguidades de Barcellos, que tem promptas para o prelo e que anciosamente esperamos, trate tambem desta celebre controversia).

8 Lenda do Senhor do Gallo.—Ao sair de Barcellinhos para Alvellos vê-se numa rampa alta da estrada o nicho do *Senhor do Gallo*, que dizem ter a seguinte origem:

Um dia passou por alli uma familia de romeiros que iam para Santiago de Galliza, Hospedaram-se n'uma taberna que ainda alli se vê nas visinhanças; como levavam um farnel bem sortido de salpicões e frangos cozinhados, pouco gasto fizeram ao taberneiro. que era homem de más entranhas e lhes ficou com grande raiva por não poder

carda-los a seu modo e por isso lhes armou uma *rente*, para se vingar e entrega-los á justiça.

Sem ser visto meteu no sacco d'um romeiro um talher de prata e foi dar parte ás autoridades. Feitas as buscas, foi logo condemnado á forca o que levava o sacco do talher.

O homem, vendo-se no maior apuro da sua vida, puxou dum frango que levava no sacco, pô-lo em cima da mesa e disse para os homens da justiça que alli estavam: *E' tão certo eu estar innocente como este gallo cantar*. Logo aquelle se levantou e começou a cantar com grande espanto e terror de todos os circunstantes. Reconheceu-se a innocência do romeiro e foi condemnado em seu lugar o taberneiro, que lhe levantara o falso testemunho.

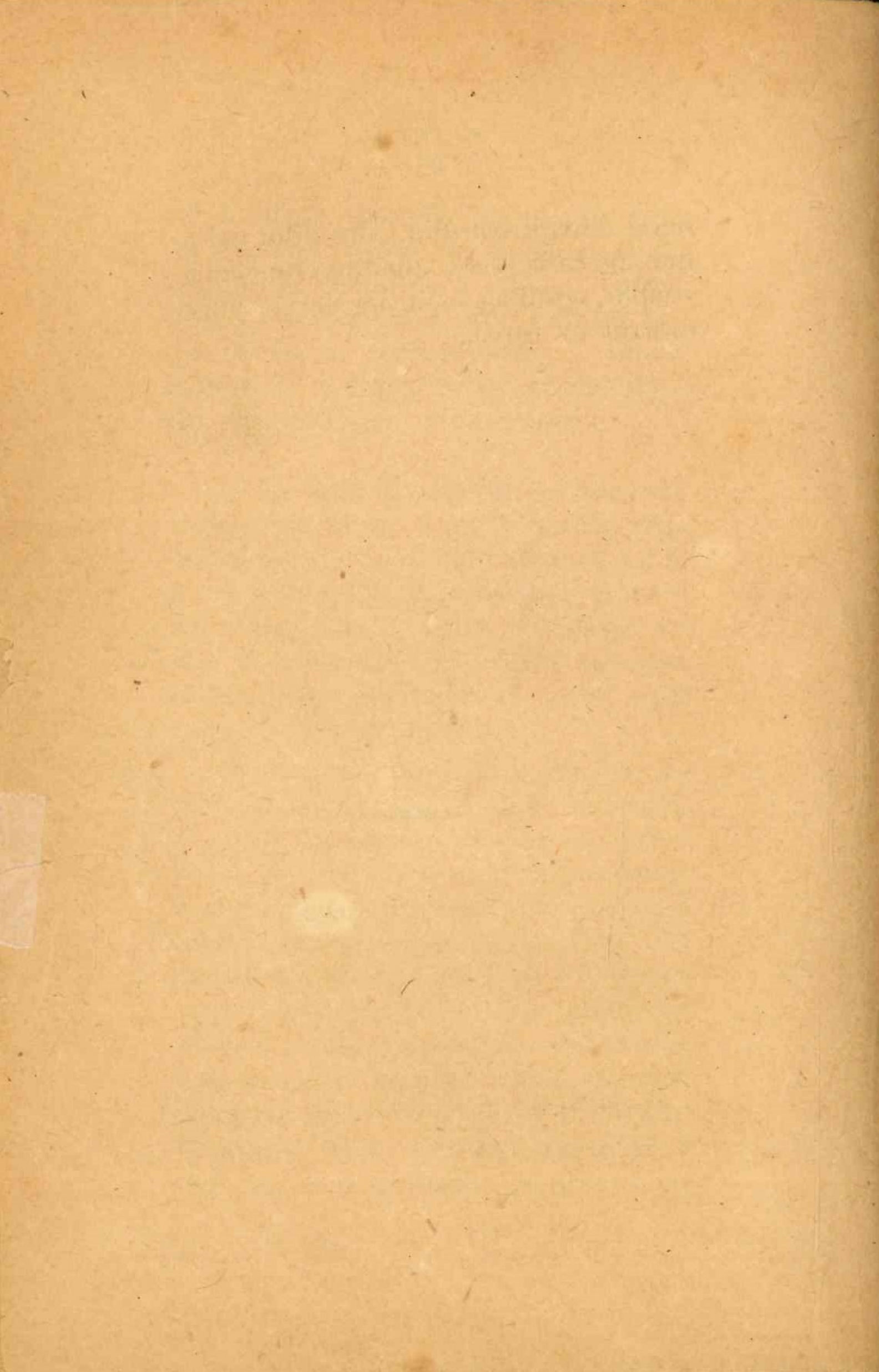
Outra variante diz que já o romeiro estava a pernear na forca, quando por alli passou alguém que notou que elle estava perfeitamente vivo e o veio dizer ao taberneiro. O taberneiro estava no meio do seu jantar e exclamou: *Isso ha de*

ser verdade quando cantar este gallo, que aqui tenho no prato. E logo o gallo se levantou a cantar. Todos ficaram aterrados e acodiram ao logar da forca. Reconheu-se a innocencia do homem e foi condemnado em seu logar o taberneiro.

9 A ladra das agulhas.—Uma mãe tinha uma filha, á qual nunca deu educação de qualidade alguma; nem a reprehendia de qualquer travesura que fizesse, antes lhe fazia todas as vontades, e achava sempre muita graça em todas as suas más respostas e atrevimentos.

A menina começou a roubar agulhas ás companheiras e vizinhas, e a mãe ou sorria do caso ou pouco se lhe dava. Foi depois passando a coisas de maior valor, até que deu numa ladra consumada. Um dia caiu-lhe a justiça em casa e levou-a para a cadeia, donde foi condemnada á forca. Na vespera da execução mandou chamar a mãe, porque desejava despedir-se della e dar-lhe o ultimo beijo. Ao aproximar-se a mãe, a filha cravou-lhe os dentes no

nariz e arrancou-lho, dizendo: se a
mãe me castigasse, quando comecei a
roubar agulhas, não me veria agora
morrer na forca,



SUPERSTIÇÕES

1. Amassar pão em quinta e sexta-feira santa e mesmo no sabbado antes de tocar á *alleluia* é amassar o sangue de Christo e podem apparecer laivos de sangue na massa.

2. Não se deve fiar na semana santa, porque foi então que os judeus fiaram as cordas para prender a J.^o Christo.

3. Nem domingo de Ramos, nem domingo de Paschoa se deve ir á horta (á hortaliça), porque nos ficaria a casa inçada todo o anno de formigas e outros insectos.

Emquanto se está á *hora*, em dia da Ascensão, não se deve dormir, porque nos pode succeder muito mal.

5. Um ramo de carrasquinha colhido na manhã de S. João e posto de mólho num copo d'agua ajuda as parturientes no seu bom successo.

6. Enterrar gallinhas ou qualquer outro animal domestico, morto de doença, faz morrer os outros que ainda ficarem vivos, e por isso devem deitar-se a um rio ou a qualquer barranco.

7. Queimar canas faz doer os dentes.

8. Queimar lenha de figueira faz secar o leite das mãis que houver em casa, tanto pessoas como animais.

9. Quem tiver trinta afilhados não se perde (=salva-se).

10. Quem for padrinho dum sobrinho nunca lhe succede mal.

11. Não se deve partir bolo quente com faca, enquanto estiver o pão no forno, porque pode sair suado.

12. A crista de gallo é boa contra o medo dos defuntos.

13. Quando uma tachola se nos crava num pé, devemos depois de arrancada prega-la numa casca de cebolla, para que não torne a fazer mal a outro.

14. Beber com uma creança de mamar ao peito é causar-lhe a gotta.

15. Se um animal que tem filhos de leite, fôr beber da agua ou da vianda, onde já tinha bebido outro animal tambem com crias de leite, faz-lhe secar o leite ao primeiro que bebeu.

16. Agua de missa nova cura o mal da gotta.

17. Cortar as unhas e deita-las ao lume é perigoso, porque podem nascer nos olhos.

18. Deitar ao lume excremento de creança faz que ella fique toda a vida com soltura.

19. Estarem as creanças a bulir no lume é sinal que hão de urinar na cama.

20. Ter dentes raros é sinal de ser mētilioso.

21. Para afugentar a trovoadá imminente deitam-se ao lume, mas de modo que levantem fumo, cascos de pinhas queimadas em a noite de Natal.

22. *Coser o pé.* E' uma operação muito usada, quando se teem os pés *abertos* duma grande jornada. Consiste no seguinte: deita-se um pucaro de agua a ferver dentro dum alguídar e mette-se o pucaro na agua de fundo para o ar. Em cima do pucaro põe-se o pé doente e sobre este um novello com uma agulha atravessada. Uma pessoa entendida finge coser o pé enquanto vai proferindo as palavras sacramentais: *Eu que coso?—Pé aberto e fio torto*

(3 vezes). No fim deve a agua do alguidar ter subido para dentro do pucaro.

23. Um defumadoiro de alecrim, arruda e outras plantas feito a um doente restitue-lhe a saude.

24. *Talhar o ar.* Consiste em talhar com a faca em varios pedacinhos uma vara que se tirou do lume. Fazendo isto diante duma pessoa tocada de maus ares, logo lhe vem a saude.

25. Uma creança emquanto se não leva a baptizar deve por-se-lhe um nome imaginario qualquer, e ter sempre uma luz accesa no quarto em que dorme para lhe não empecer mal algum.

26. *Baptismo sobre a ponte de Barcellos.* As mãis, a quem costumam morrer os filhos no parto ou no tempo da lactação, adoptam para o futuro o systema de ir baptiza-los sobre a ponte de Barcellos.

Nas vesperas do parto para lá se encaminham acompanhadas de duas

ou tres pessoas: esperam que dê meia noite e pedem á primeira pessoa que fôr a passar na ponte depois dessa hora que baptize a creança prestes a nascer. Molham um ramo em agua que levam de casa e oferecem-lho para ella aspergir a mulher grávida pela abertura da saia (logar onde costumam trazer a algi-beira).

Este baptismo antecipado não dispensa o do parocho depois de nascida a creança.

27. *Adivinhões.* Chamam-se assim as pessoas que adivinham o que ha de vir, vêem o que se passa muito longe e descobrem tesouros escondidos.

Nesta freguezia de Midões, onde escrevo, viveu por alguns annos (1870 a 73) um homem desconhecido que aqui veio parar com essa fama e chegou a induzir uns poucos de jornaleiros para irem com elle cavar um tesouro lá para as alturas de Barroso. Partiram daqui armados de alviões, pás e enxadas, mas de noite e em segredo para que ninguém se risse delles.

Em Braga fretaram um carro com todo o gosto, porque o futuro tesouro havia de dar para tudo, e lá partiram os novos argonautas á conquista do sonhado vellocino. Pararam nas vizinhanças da ponte da Misarella. Começaram a bater as montanhas, de serro em serro, de outeiro em outeiro, até que o adivinhão lhes marcou ao certo o ponto em que devia estar o tesouro.

Esperaram que descesse a noite para não despertar suspeitas na gente da serra. Cavaram e tiraram terra toda a noite, suaram e tornaram a suar, era já manhã clara e o tesouro sem apparecer! Eis senão quando o povo da serra e dos lugares vizinhos se começa a amotinar e a correr para elles. Tiveram de fugir a toda a brida e viram assim perdidos todos os seus trabalhos e tantos sonhos de felicidade!

28. *Enxota-diabos*. Pessoas encarregadas de deitar fora o diabo deve haver differentes em todo o concelho, ha porem uma muito conhecida e concorrida numa fregue-

sia ao nascente da villa. Na estrada de Barcellos a Famalicão veem-se passar carros conduzindo os chamados possessos, carros que logo se denunciam como tais, porque levam uma pessoa de cada lado a atirar manadas de sal para toda a gente que encontram.

O modo como lá se faz o exorcismo ainda o não pude averiguar, o que tenho ouvido dizer é que custa 12.000 reis por cada pessoa, ao menos quando é chamado a casa. Ora, ainda me parece pouco para ensinar papalvos!

Voltando porem ao tom de seriedade e permittindo-me desta primeira vez uma reflexão sobre o caso, bom seria por honra de todos nós e do tempo em que estamos, que estas explorações da credulidade popular fossem desaparecendo! A idade media passou ha seculos e ha ainda tantos espiritos que teimam em voltar não a ella, mas á epoca da pedra lascada!

Os casos em que a Igreja permite os exorcismos (mas com authorisação do prelado para cada caso) são tão raros que poucas vezes se

podem dar. Um delles é fallar o paciente linguas estrangeiras que nunca tenha aprendido; outro é praticar actos que se possam chamar sobrenaturais ou não explicaveis pelas leis da natureza. Ora todos sabem que os casos que ahi apparecem, de ha muito estão explicados pela medicina, hysterismos, nevroses, nevropathias etc.

29. *Moiras encantadas.* N'uma mina junto ao Castello (monte que separa Midões de Santa Eulalia de Rio Covo) julga o povo que ha moiras a guardar um thesouro alli escondido, e dizem que em tempos antigos lá entrou um homem mais resolute e que penetrando até ao fundo da mina as encontrou todas muito bem sentadas em suas cadeiras e que nenhum mal lhe fizeram. Resa mais a chronica popular que ainda recentemente alguem lá foi espreitar por um dos oculos da mina e viu ao fundo uma dobadoira d'ouro e um jugo d'ouro.

30. *Almas penadas.* Era vulga-

rissimo nos tempos passados, não só aqui mas por toda a parte, o medo das almas do outro mundo. Agora esse medo vai desapparecendo felizmente.

Em todas as freguesias havia muitos logares infamados desse medo, sobretudo para quem alli passasse altas horas da noite. Em Miões ha uma poça do *Barreiro*, que fica junto d'um caminho, e era tradição que quem alli passasse entre as 11 horas e a meia noite ouvia sempre uma creança a chorar no meio do silvado que fica ao lado da poça.

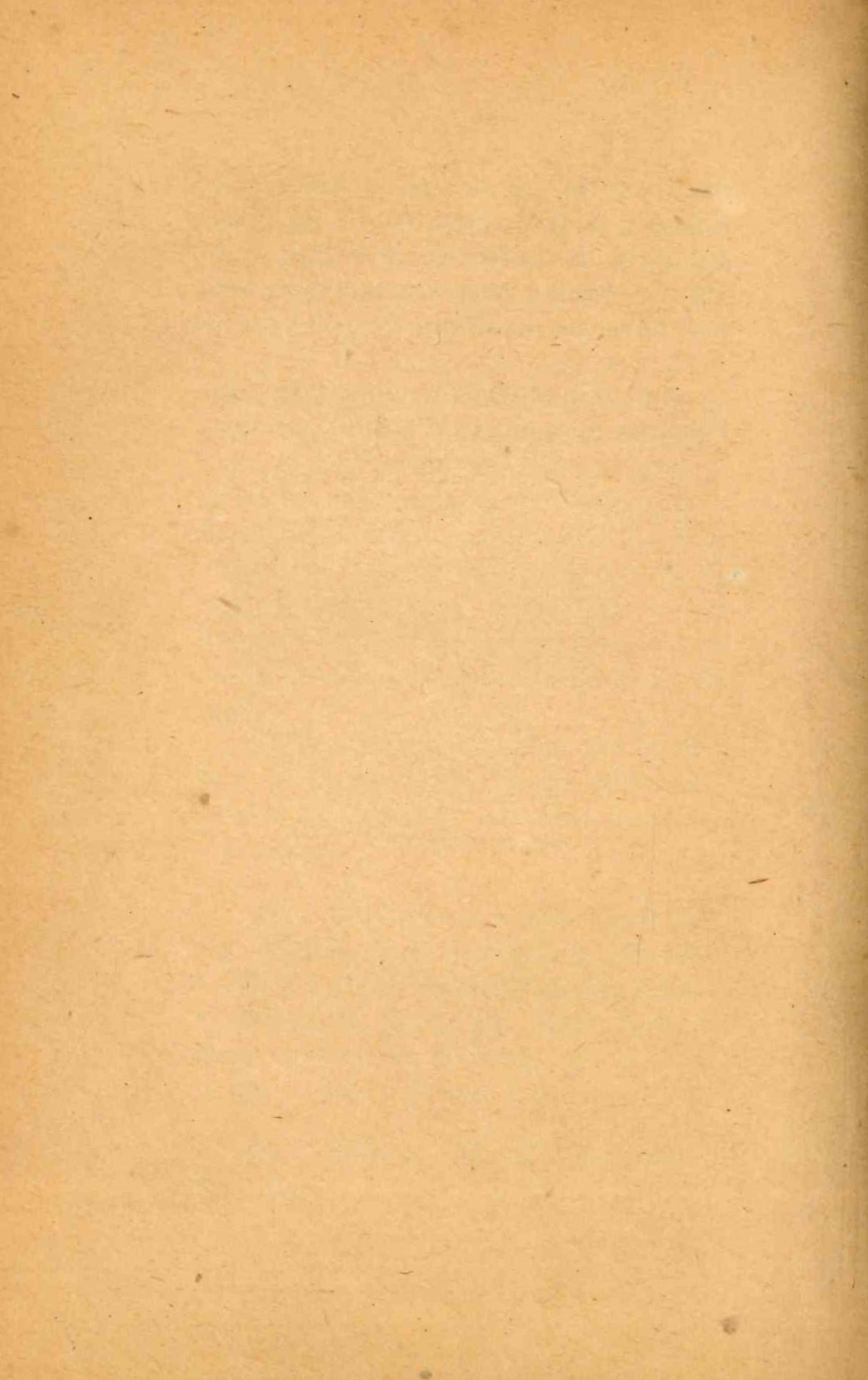
Outro lugar tambem infamado era a cangosta da Verpilheira, um pouco a nascente da dita poça do Barreiro.

31. *Corredores*. O povo crê que ha pessoas que se mudam em animais e andam durante largos annos a correr o fado, até que alguem lhes quebre o encanto e as faça voltar á forma primitiva.

32. *Bruxas*. Devem respeitar-se, quando se encontram, e até

dar-lhes de beber, se o pedirem, porque já tem acontecido de ellas *bolcarem* o carro ao lavrador, que vai de noite pela estrada fora, só por have-las insultado de palavras.

33. Chuva em domingo de Paschoa tiras nozes d'aquelle anno.



COSTUMES

1 De qualquer pessoa que é feliz ou tem sorte costumam dizer que não a viu a raposa.

2 Uma mulher depois do parto deve estar de cama 30 dias e comer 30 galinhas.

3. As mãis ensinam as crianças logo de principio a nunca responderem *não*, mas *não senhor* a qualquer pergunta que lhes faz um superior. Responder *não* seria um acto de grande descortesia.

4. A's crianças que estão continuamente a esfregar os olhos ensi-

nam também as mãos que os olhos só se esfregam com os cotovellos.

5 *Ver a avó do Porto.* E' um logro que se faz aos rapazes espertos. Pergunta-se-lhes se querem *ver a avó do Porto*: se elles caem em dizer que sim, levantam-se pelas orelhas até uma certa altura e pergunta-se-lhes se já a vêem: se respondem que não, vão-se erguendo cada vez mais, até que os infelizes se veem obrigados a dizer que sim para se livrarem do supplicio.

6. Entre os 6 e os 7 annos é costume levar as creanças a S. Bartholomeu do Mar, (junto a Espozende) para lhes não vir o mal da gotta.

Chegando lá fazem romaria á roda da igreja com um frango preto na mão, deixam a esmola ao santo e em seguida vão á praia lavar a cara na agua do mar. A' volta é de estylo trazer os bolsos recheados de conchas e buzinas, que lá se vendem baratas.

7. Apódos com que mutua-

mente se escarnecem algumas freguezias: os de Barcellos foram com o pallio a buscar a lua que se reflectia debaixo da ponte e elles julgavam ser a hostia consagrada; os de Santa Eugenia (Rio Côvo) são os que ouvem tocar a garrida: os de Chavão são carvoeiros, os de Reme-lhe ovelheiros, os de Alvellos regatões de touros, os de S. Paio (Carvalhal) regatões de bois, os de Milhazes regatões de vaccas, os de Gilmonde e Villa Secca ceboleiros, os de S. Verissimo e das Necessidades telheiros: os da Pousa em tempo da lamprea roncam a toda a gente e no resto do anno andam de orelha caída: os de S. Miguel são peneireiros, os do Couto (Cambezes) venderam J. Christo para comprar judeus, e os de Moure *atta-lhe a corda e vamos á ceia*: (diz-se que na vespera duma procissão de Passos estavam os armadores á noite a acabar de vestir o Senhor, quando um delles, que estava com fome, deu volta pela cozinha e vendo que já levavam a ceia para a mesa, correu á porta da igreja e disse para o companheiro a frase citada, a que co-

dos acharam muita graça e por isso pegou em moda).

8. *Romarias*. As mais concorridas do povo deste concelho e em geral do baixo Minho são: a Senhora da Abadia, em Terras de Bouro, a 15 de agosto: a do S. Torquato, além de Guimarães, na 1.^a domingo de julho: a do Espírito Santo no Bom Jesus de Braga: a de S. João em Braga: a da Agonia em Vianna do Castello.

9. O dia de mercado semanal é á quinta-feira. Feiras extraordinarias temos: a das *Cruzes* a 3 de maio, e as duas de gado em S. Bento da Varzea a 21 de março e a 11 de julho, a da Misericordia junto a Braga, e a do S. Miguel em Famação (estas duas fóra do concelho).

10. Nalgumas freguezias usam-se trazer os porcos soltos pelos montados e caminhos, e para não penetrarem nos campos cultivados por qualquer abertura das silvas (do tapume) metem-lhes no pescoço a

canga, que é uma especie de triangulo feito de tres sarrafos de madeira. São restos dos tempos em que se observavam as posturas municipais, pois o art. 61 dos *Accordãos da Camara Municipal da villa de Barcellos* de 1839 diz: *Nas aldeias os donos dos porcos não os deixarão sahir sem canga, pena de quinhentos reis.*

11. Quando se leva um porco á feira é costume atar-lhe uma corda a uma perna, e vai ordinariamente uma pessoa a trás a segura-lo pela corda e a tange-lo com uma vergasta de oliveira, e outra a diante a deitar-lhe grão-de-milho ou centeio para o attrair.

No campo da feira (antigamente a feira dos porcos era em S. José ou no Jardim, depois foi na Bagoeira, e ultimamente é na Tamanquina) também costumam deitar-lhes grão para os ter parados no mesmo sitio.

12. Nos porcos não deve bater-se muito, nem com varas grossas;

são muito sensíveis na pelle e ás vezes um pequeno castigo lhes pode fazer muito mal. Por isso é vulgar o dizer-se que só se lhe pode bater com a saia das mulheres.

13. Os vitêlos, durante os tres ou quatro meses de leite, não os deixam sair fora com o outro gado para os campos, já para não perderem a cor viva e lustrosa, que tem, já porque não fazem senão correr e saltar e acontece muitas vezes quebrarem as pernas nos barrancos.

14. Quando se vão a vender á feira nunca se levam acompanhados da propria mãe, mas de outra qualquer vaca. Nos primeiros dias depois da venda as mães fogem do campo com saudade e vem procural-os a casa (ao quinteiro) onde os costumam deixar sempre, aliás iriam até ao ponto da feira, onde se separaram delles.

15. Quando os animais se pagam logo no acto da venda, chama-se a isto *pagar á cabeça*. Nos ani-

mais grandes (bois, vacas, cavallos) o ordinario é dar sómente o sinal e um fiador, e paga-los por completo na feira seguinte no caso de não terem defeito.

16. A's pessoas que se chegam para ajudar a comprar, a vender, ou a partir ao meio a duvida ou differencia é de estylo leva-los á venda e dar-lhes uma pinga.

17. Os creados e creadas alem da soldada ganham tambem os usos. A soldada varia, conforme os lugares, entre 10 e 17.000 reis para os creados e 7 e 11.000 reis para as creadas. Os usos são: 1 par de socos, 2 camisas (uma de linho e outra de estopa), 1 collete e 1 chapéu para os creados: 1 par de socos, 2 camisas, 1 saia, 2 lenços e 2 avantais para as creadas.

18 Os jornaleiros ganham nos serviços ordinarios a 100 reis diários e as mulheres a 80; mas nos serviços pesados (roçar matto, cavar terreno etc) dá-se a 120 reis aos homens e 100 ás mulheres, com

algumas diferenças duma extremidade do concelho para a outra.

Os jornaleiros porem que estão todo o anno ao serviço duma casa justam-se mais baratos.

19 *Casamentos.* Os casamentos de nossos pais ou avós (ha 50 para 70 annos) eram muito interessantes sobretudo nalgumas freguezias mais sertanejas do concelho. O noivo ou ia de capote ou vestia uma casaca de pano, que arremedava os nossos casacos de cinta. A camisa era de grade, isto é, tinha um collarinho de renda de quasi um palmo de altura, de modo que lhe envolvia mais de metade da cabeça. O chapéu era como as modernas cartolas, mas de fundo ligeiramente afunilado e de abas muito mais largas. Relógio não levava porque era rarissimo nos lavradores de então.

A noiva levava uma capa de pano fino ou ia de mantilha a envolver-lhe a rosto quasi em forma de arco. O collarinho da camisa era talvez mais alto que o do noivo, mas dobrado sobre os hombros. O chapéu era também igual, somente

mais enfeitado com requifes e penderucalhos. Recebida a benção nupcial eram os noivos cobertos de manadas de confeitos que os parentes e amigos atiravam ás mãos cheias sobre elles. A' volta para casa vinham á frente do cortejo e eram saudados a cada passo por tiros de bacamartes de boca de sino, que ás vezes se continuavam por todo o dia e faziam uma urraria medonha nas montanhas visinhas.

Dez annos depois já tudo estava mudado. Ainda me lembra que na minha infancia, ahi por 1870, quando se via algum velhote de chapéu alto, o povo gritava: *trovoada ao norte*, e aos que levavam collarinho de grade ao alto perguntava-lhes quanto queriam pelas caniças.

20. *Natal*. Em dia de *consuada* ou vespera de Natal, todos os filhos ausentes vem consoar com seus pais. E' costume geral de todo o norte do país, sobretudo para as classes pobres ou remediadas, ao contrario do que succede no sul. Para os creados de servir é sem duvida um alegrão, pois por todos os

caminhos se veem passar logo de manhã com os cestos bem carregados (1 bolo, 1 bacalhau, 1 cabaço de vinho, 1 arratel de assucar etc.) a gosar dois ou tres dias de folga em casa dos seus pais.

21. Cada lavrador mata um, dois ou tres porcos pelo Natal ou proximidades do Natal. Quatro ou cinco dias depois, ordinariamente em dia santificado faz o *sarrabulho*, para o qual convida os parentes e amigos.

22. *Entrudo*. Os divertimentos do entrudo são nas aldeias quasi nada em comparação do que vai nas cidades. Nalgumas partes joga-se a laranjada, noutras faz-se uma *sturdia* ou dança acompanhada de viola, noutras toca-se a requinta, o bandolim, o harmonium etc.

O maior divertimento do lavrador é tomar uma boa fartadela de orelheira de porco com salpicão e feijão branco.

E' costume dizer-se que o domingo gordo é dia de 7 caldos, a segunda-feira de 14, e a terça de 21.

23. *Deitar as almas.* Nalgumas freguesias do concelho (Faria, Silveiros, Rio Covo [Santa Eulalia], Villar, Pousa, S. Vicente d'Areias etc.) costumam nalgumas noites da quaresma deitar as almas ou *botar a lóa*, como também lhe chamam.

Dois homens, que tenham voz de trovão, percorrem as diferentes casas da freguesia a começar pela igreja: batem com um calhau a cada porta, depois tocam uma campainha e começa um delles a entoar com voz de Stentor a lóa ou estribilho seguinte: *alerta, alerta, que a vida é curta e a morte é certa! juizo rigoroso, inferno para sempre, ai do preguiçoso! Lembrai-vos das bemditas almas do Purgatorio com um padre-nosso e uma ave-maria!* E logo seguem seu caminho entoando alternadamente os padre-nossos e ave-marias do rosario, que devem compassar de modo que chegue para dar a volta a toda a freguesia.

E' de regra que se não saiba antecipadamente quem são os homens, por isso elles combinam tudo em segredo e fazem por desfigurar a voz, e nalgumas das citadas fre-

guesias usam de embudes ou funis, o que torna absolutamente impossivel o reconhece-los. Em Silveiros andam mesmo embrulhados em lençois, para que ninguem os conheça pelo fato.

Em S. Vicente d'Areias é um homem só a entoar o rosario de cima duma arvore muito alta, e mettendo o citado estribilho no principio de cada mysterio.

Nalgumas freguezias *deitam as almas* não na quaresma, mas na noite que precede os *fieis defuntos*,

24. *Paschoa*. Em domingo de Paschoa o parochio percorre todas as casas dando as boas festas aos fregueses e a cruz a beijar pela mão do mordomo. A's vezes vai acompanhado de dois ou tres amigos, mas o que elle nunca dispensa são tres ou mais creados para colherem os follares, os ovos, as maçãs ou qualquer outra prenda que lhe offerecem. Em cada casa de lavrador é costume demorar alguns instantes a fallar com os patrões, emquanto os differentes empregados que andam no *compasso* (nome com que se de-

signa a visita paschal) provam do doce e do vinho, que abundantemente se lhes offerece.

25. *Segadas.* Podem ser da herva e do centeio e tem logar por todo o mês de maio. Para uma e outra chama-se um rancho de homens e mulheres, que se dividem em dois turnos, uns a segar e outros a atar.

A herva depois de segada traz-se em carros ou carrellas para a eira, onde se põe em capuchos ou *mi-deiros*. Cerca de um mês depois estendem-se os molhos ao sol e sacodem-se ou batem com varas até deitarem fora a semente que ha de servir para o anno seguinte. A palha depois de bem secca guarda-se em palheiros ou empilha-se em forma de meda á roda de um pau, ficando exposta ao tempo. Tanto a um logar como ao outro a vão buscar durante o anno para da-la ao gado misturada com o verde.

As segadas do centeio revelam talvez mais animação e vida, porque se prestam melhor para o desafio entre os segadores. Cada um

leva a sua margem e procura sempre passar adiante do que vai na margem seguinte, para mostrar a sua valentia ou pimponice. Nestas segadas, em lugar de trazer para casa o centeio atado, emmideiram-no a um canto do campo, donde somente o trazem um mês depois para fazer a malhada.

26. *Malhadas.* De vespera collocam-se os molhos na eira ao sol em diferentes cordões. Cada cordão é formado de molhos encostados uns aos outros em forma de X ou tesoura de modo que fiquem sempre com as espigas ao sol. No dia seguinte os malhadores (8, 10, ou 12 conforme a quantidade do trabalho) repartem o centeio em tres *quartos* (partes), podendo durar o primeiro até ás 9 horas, o segundo até ás 2 e o terceiro até ao fim da tarde.

E' um dos serviços mais violentos da lavoura e por isso só se escolhe para elle gente robusta e é de regra dar-lhe vinho quasi á discrição.

A palha aproveitavel ata-se em molhos grandes, chamados colmeiros e serve para encher enxergões, ou se vende para empalhar louça.

O palhiço miudo vai para o mesmo logar e tem o mesmo destino que a palha da herva.

27. *Sachadas.* A sacha do milho tem logar nos meses de maio junho e julho. A primeira sacha chama-se *decruar*, e é a mais demorada e custosa sobretudo quando ha muita milhã ou gramão pelo meio do milho. A segunda, que tem logar 15 a 20 dias depois, chama-se *arrendar*.

O serviço do sacho é um dos demorados da lavoura e que precisa maior numero de gente. Não admira pois que se recorra ao canto para alliviar o cansaço e o ardor do sol: canta-se e canta-se a valer. E' principalmente nas sachadas que se aprendem as cantigas ou modas novas que circulam de terra em terra.

28. *Espadeladas.* As espadeladas são feitas em agosto, na eira, de noite ao luar. A' roda da eira

collocam-se bancadas feitas de tabuas de pinho para se sentarem as espadeladeiras e no centro uma dorna cheia de manadas de linho, abafadas sob ãa manta.

Estas manadas estiveram ao sol durante o dia e conservam-se abafadas para manterem o calor, o que favorece muito o trabalho das espadeladeiras. Estas logo que acabam de espadelar ãa manada, batem com a espadela no espadeladoiro, e os rapazes que estão á roda da dorna, immediatamente lhes levam outra.

Nas espadeladas é costume tambem cantar-se muito, e ás vezes os patrões da casa para tornar a função mais animada chamam um *cantador* e uma *cantadeira*, que travam longos e quasi sempre admiraveis desafios.

O espectaculo mais notavel das espadeladas são as *maskaras* (=moços emmascarados, vestidos dum modo estrambotico e fallando de falsete) que vem conversar ás espadeladeiras.

As espedeladas duram até á meia noute, 1 ou 2 horas, conforme a quantidade de linho e o numero das

espadeladeiras, e terminam quasi sempre por uma ou duas rodas de dansa.

As espadeladas de noite são agora bastante raras e tendem a desapparecer.

29. *Vendimas.* Na colheita da uva empregam-se homens e mulheres com escadas e cesta. Cada vendimador ao descer da escada despeja a cesta em qualquer dos varios cestos que estão collocados por baixo das arvores.

Ha uma ou mais mulheres encarregadas de levar os cestos á dorna, que está sobre o carro no meio do campo, e de apanhar os bagos que caem aos vendimadores.

30. *Esfolhadas.* E' o trabalho de esfolhar o milho, isto é, abrir as folhas que envolvem a espiga e arrancar esta para fora, deitando-a em cestos. Tem lugar nos meses de setembro e outubro quasi simultaneamente com a vendima,

Fazem-se ordinariamente de tarde e á noite, porque de manhã sega-se o milho no campo e acarreta-se

para casa. O facto mais notavel duma esfolhada é o apparecimento duma espiga *rainha*, ou espiga de grão vermelho, que dá origem a muita risota e divertimento.

31. A respeito dos ventos costuma dizer-se que o suão traz chuva e que o norte a faz fugir. A descrição mais completa ácerca dos mesmos ouvi-a a um homem da Povia de Varzim e aqui a transcrevo, embora não pertença a este lugar:

Norte escova do ceo
Noroeste esquadrão
Oeste gaivoteiro
Sudoeste chuvoso
Sul invernososo
Sueste neblinoso
Nascente prega calotes
Nordeste frioso.

32. A serração da velha no meio da quaresma parece desconhecida nestas aldeias; o que fazem quasi pelo fim da quaresma é tocar o *ruge-ruge* ou os ferrinhos e apu-

par os que vão ao contêssô muito tarde, já depois de cobertos os santos.

33. Em algumas freguesias, mas raras, ha o costume de levar algum rapaz inexperiente ao *piobardo*, ou á caça dum animal raro e que dá muito dinheiro.

E' o que em Tras-os-montes dizem levar aos *gambosinos*.

34. Dos que vivem é costume dizer-se *que estão a contar* ou a acrescentar, e dos que morrem *que estão a descontar*.

35. Quando no S. Miguel andam pelas portas os mordomos dalgum santo a pedir esmola para a sua festa, ao receberem a esmola, que ordinariamente é em milho, vinho ou linho, costumam dizer: *Ora S. F.* (nome do santo para quem pedem) *lhe acrescente o que fica e lhe dê saúde para grangear outro:* e o que dá a esmola responde: *e a si lhe aceite as passadas.*

36. Os frangos, gallinhas, pompos e coelhos, quando se vão ven-

der á feira ou quando se levam de presente, vão sempre atados pelos pés, ficando ordinariamente um par de animais em cada atilho.

Os frangos e gallinhas mais estimados são os que tem uma veia muito saliente debaixo da asa.

37. Quando nasce uma nova creança, costumam as mãis dizer aos outros filhos: *que o pai a foi buscar á roda.*

38. As mãis para tapar a curiosidade das crianças, que muitas vezes as ralam e importunam com perguntas, que é isto? que aquillo? que é aquelloutro? respondem-lhes: *é peixe agulha.*

Mais tarde tambem lhes ensinam que, quando lá por fora lhes perguntarem o que se come em casa, respondam: *linguas de preguntadores.*

39. O tratamento dos filhos aos pais é sempre: *senhor pai, senhora mãe* e nunca *meu pai. minha mãe*, embora sejam já grandes, ou tenham até casado.

40. A casa do lavrador neste concelho, como em boa parte do Minho, obedece na sua construcção a um typo geral, que é o seguinte: uma parte principal contendo no andar de cima a cozinha, salas e quartos para as pessoas da familia, e nos baixos a adega, o lagar é ás vezes as côrtes do gado. A fachada exterior fica voltada para o caminho, para um terreiro, para um largo etc e a exterior estende-se em varanda voltada ao sol para apanhar o sol. Diante da varanda fica o *quinteiro*, coberto de matto, onde vivem os porcos.

Este quinteiro é cercado dos outros tres lados pelas cortes do gado, barras, cobêrtos, palheiros e ás vezes até só por um muro. A eira, o cubêrto da eira e os espigueiros ficam de ordinario fora ou ao lado desta construcção.

42. Os nomes dos dedos da mão são os seguintes: mendinho, seu visinho, maior de todos. fura-bolos, mata piolhos.

43. A' pequena depressão na

parte posterior da cabeça chama-se cova da raposa. (1)

44. As pessoas que vem da feira, para enganar os rapazes que lhes pedem novidades, dizem-lhes que estavam guardas á ponte, jogando de vocabulo, vistos os dois sentidos da palavra guardas.

(1) No Riba-Tejo chama-se cova do ladrão. (Nota da Revisão.)

DITADOS

1. Justiça de Barcellos, fugir della.

2. Deus desavenha, quem nos a nós mantenha (dizem os advogados).

3. Articule quem souber e advogue quem quiser. (Este aforismo ouvi-o a um advogado, que pretendia mostrar-me que a parte mais difficil duma questão era fazer os articulados. Dizia te-lo lido num dos antigos tratadistas de Direito).

4. Quem vence uma demanda fica em camisa; quem a perde fica em leitão.

5. Dos enganos vivem os *escri-
vões*.

6. Falhe-me quem quiser, e pro-
ve-me quem souber (=o encargo
mais difficil dum alfaiate é *provar* o
fato).

7. Bem ensaboar é meia barba
feita (dizem os barbeiros).

8. Janeiro geoso, febreiro ne-
voso, março mollinoso, abril chuvo-
so, maio ventoso, fazem o anno for-
moso.

9. Vinho de março não vai a
cabaço.

10. Lá vem o março corão,
quem não tem meadas bota um stei-
rão.

11. Quem em abril não varre
a eira e em maio não sacha uma
leira, anda todo o anno em canseira.

12. Em abril cada pulga para
mil.

13. De maio para abril pouco ha que rir.

14. Em maio lavra-se co'a agua pelo rego.

15. Chovam 30 maios e não chova um junho.

16. A casca do sobreiro em junho sai ao punho, em agosto ao mascôto.

17. Chuva da Ascensão dá pão,

18. Chuva do S. João tira o vinho e não dá pão.

19. Quem deixa a malhada para agosto, não malha a gosto.

20. Ande o anno por onde andar, o mês de agosto ha de aquestar.

21. Corra o anno por onde correr, o mês de agosto ha de aquecer (variante do anterior).

22. Semea as nabiças no pó e por ellas não deites dó.

23. Quem poda sem collete,
vendima sem cesta.

24. Andar, marinheiros, andar,
que vos não pilhe S. Simão no mar.

25. Pelo Sant'André, vai o se-
te-strélo á maré.

26. Para a sementeira do cen-
teio, do cedo não escarmentes, do
tarde não avezes.

27. Mal corre a Portugal, se não
ha tres cheias antes do Natal.

28. Santa Luzia tira á noite o
põe no dia.

29. Vermelho ao nascente, chu-
va de repente.

30. Lã no ceo, chuva na terra.

31. Tres manhãs de nevoeiro
ou dão chuva ou vento.

32. Vento suão, chuva na mão;
de inverno sim, que de verão não.

33. Andorinhas a voar ao pé da terra, temos chuva.

34. Anno landreiro, anno fahreiro.

35. Não ha melhor scavão que o dono do turão.

36. Se te derem o porquinho, pega-lhe pelo baracinho.

37. Quem não tem carro nem bois, ou anda antes ou depois.

38. Filho de ruim sair bô... lá vem o neto que sai ao avô.

39. As obras fazem-se das sobras.

40. Limpeza Deus a amou.

41. No tempo da realeza era tudo uma limpeza.

42. A morte Deus temeu-a.

43. Casamento apartamento.

44. Quem se não sente, não é de boa gente.

45. Quem moe no seu *munho* e coze no seu forno, come o seu pão todo.

46. Quem parte e reparte e pa-si não deixa a melhor parte, ou é tolo ou não tem arte (variante: ou merece que o mate).

47. Bocado que sabe não se dá ao frade.

48. Barriga cheia manda a per-na.

49. Uvas, figos e melão é sustento de nutrição.

50. Quem vende sardinhas come gallinhas.

51. Muito bem se canta na Sé, mas é quem é.

52. Quem se deita sem ceia, toda a noite rabea.

53. O governo do saco está na boca.

54. Uma mão lava a outra.

55. Homem pobre, nem quieto nem calado.

56. Mais vale uma hora de obediência que um anno de penitencia.

57. Lingua calada não ganha vareja.

58. Enquanto se capa não se assovia.

59. Bexigas e sarampelo tres vezes vem ao pêlo.

60. Se o liscranço ouvira e a vibora vira, não escapava pessoa viva.

61. Os porcos para serem bons devem ter tantos annos como pernas.

62. Nunca faltou um tolo para a corda do sino.

63. Homem velho e mulher nova, ou c. ou cova.

64. Cara risonha, fracas acções.

65. Chuva do norte não molha capote.

66. Quem cozinha com lenha verde gasta tres lenhas.

67. A lavoira dá-o e leva-o (para a fazer bem feita gasta-se quanto ella produz).

68. A lavoira dá-o cru e leva-o cosido (variante do antecedente).

69. Quem compra sem ter vende sem querer.

70. Quem não gosta do vinho não é amigo de Deus.

71. Cantam as rãs e os raros, temos calor.

72. Para ir ao Brasil não é preciso dar muitos passos, basta ir a

Sequiade (ha nesta freguesia um lugar chamado Brazil).

73. Quem com ferros mata com ferros morre.

74. Campo de gramão, campo de pão.

75. Pelo S. João pinga a sardinha no pão.

76. Se estiveres na perdição, vira-te para a criação (um lavrador, quando tiver mal parada a sua vida, deve deitar-se a criar gado, que dá sempre um ganho certo).

77. Um lavrador deve ser pôrco (sujo do trabalho e não *fidalgo*).

LINGUAGEM

PHONOLOGIA

VOGAIS

1. O *e* é aberto em: adéga, co-déço, séca, tempéra: é fechado em: carrêllo, farêllo, cobêrto (subst., porque sendo participio pronunciam cobêrto), enxêbre, e também antes de palatal: pequerrêlho, percevêlho, zarêlho, pinguêlho, chavêlho, chavêlha, funêlho, gadêlha, ovêlha, monêlha, orêlha; canhêlho, redêlho, ingêlho; pardêjo.

Este *e* quando seguido de nasal em syllabas atonas sôa ás vezes *a*: çanradella, açanar, açano.

2. O *o* é aberto em: empóla, córte (ás vezes côrte): é fechado em:

eirôgo, fôna, gôgo, lônas, ôvo, ôlho (mas ólhos, óvos no pl.), nos adjectivos ou part. pôsto (compôsto, dispôsto etc.), tôrto, formôso (pompôso, odiôso etc), mas é aberto na forma fem. e no pl. destas tres palavras e seus compostos: pósta, póstos, póstas (compósta, compóstos, compóstas); tórta, tórtos, (às vezes tambem se ouve dizer tôrtos) tórtas; formósa, formósos, formósas (pompósa, pompósos, pompósas).

3. As vogais iniciais atonas abrandam às vezes em *e* ou *i*: Pergatorio, Demião, Deniel, ghergulho, quingosta, gheloso, incinho.

4. *Prothese*. Os casos de aumento duma syllaba inicial são bastante frequentes: *acaijo* (quasi), *alembrar*, *ametade*, *alanterna*, *arreliquia*, *arreganhar*, *arrenegar*, *apraguntar*, *aquando*, *arreceber*, *arrecor-dar*, *assubida*, *assubir*, *acypreste*.

5. *Suarabacti* ou intervallação duma vogal junto ao *r* ou *l*: felores gangarena.

6. Ha um pequeno numero de palavras communs a grande parte do país em que a vogal final *a* ou *o* abranda em *e*: hortalice, loje, cuspe, corje, gorje, chuve (e chuiva).

7. *Assimilação*: vogais assimiladas a consoantes:

a) por influencia das guttarais *c*, *g* e tambem do *r* a vogal vizinha muda-se em *a*: accupar, accasião, sagredo, brajeiro. labarinto, libardade, misarable, misara, marujar, sarrradoiro, sarrar, tarrible etc.

b) por influencia das palatais, *ch*, *j*, *lh*, *nh*, *s*, *z*, a vogal vizinha muda-se em *i*: fichar, chigar, gimer, jinella, milhor, sinhor.

c) por influencia das labiais *p*, *b*, *v*, *f*, *m*, *n* a vogal vizinha muda-se em *u*: Purdigão (em vez de Perdigão, nome de logar), supparar, supparação, pundão, buber, gruvata, luvar, luvada, alumbrar, szmana, rumendo.

8. *Dissimilação*. Quando uma vogal apparece repetida em syllabas consecutivas duma palavra, nota-se

logo a tendencia numa dellas para modificar-se noutra: *menistro*, *Semião*.

9. *Nasalamento*. A intervallação duma nasal no meio da palavra é bastante vulgar: *cantarettes* (por cataratas), *inducar*, *inducção*, *inzame*, *ingonia* (agonia), *lũa*, *lũar*.

10. *Deshasalamento* ou perda de nasal: *pelitrão* (pelintrão), *precipal*, *precepiar*.

11. *Accentos estranhos*: *livél* ou *nivél* (por nível), *maniáco* ou *maniéco*.

12. *Perda de syllaba*, sobretudo a inicial: *Delaide*, *Bastião*, *Zé*, *Zefa*, *Tone*, *gramasso*, *itriz*, *letria*, *temprar*.

13. *Passagem de palavras graves a esdrúxulas*: *arnícola* (arnica), *asylio*, *Bértulo* (por Albértulo de Alberto), *Camilia*, *crucifício*, *negacias*, *blusias*, *lesmias*, *trévolas* (trévas).

14. Passagem de esdruxulos a graves: Antone por Antonio.

15. *Ditongos.*

O ditongo *au* em syllabas atonas sôa ás vezes ô: ògadoiro, ògueiro. O ditongo *ão* quando final e tónico sôa ôu ou oum: sermoum, razoum, capelloum; porem nos finais atonos sôa ordinariamente o: orfo, orgo, Christovo, amavo, roubaro.

Na boca do povo ã sôa ão: hortelão, irmão (hortelã, irmã), maçã (mações no pl.)

Os ditongos *ou* e *oi* figuram um ao lado do outro, mas o primeiro é muito menos usado: dizem ouro, outro (ás vezes oitro).

O ditongo *oi* é sempre pronunciado ôi: rendôça, postôiro, seitôira, abezôiro, sôila, tornadôiro, lavadôiro, varredôiro, vassôira, zôina.

16. *Reducção de ditongos:* Manel, Ufemia, Ularia, (Eulalia), munho, consante, qando, qalidade, qal, qatro, qatorze, iteiro (por outeiro ou eiteiro), ugal.

CONSOANTES

17. Aqui, como em todo o norte do país, não existe o *v*, que é substituído em todos os casos pelo *b*: *binho*, *biber*, *bibenda* etc. Um ou outro caso que apparece *v* na boca do povo é uma pretensão ou esforço, para imitar a linguagem da gente instruída e não a pronúncia natural do povo.

18. O *j* substitue muitas vezes o *z*: *Ʒabel*, *quijestes*, *fijestes*, *crujidade*, *crujidoso* (*curiosidade*, *curioso*).

19. O *m* final desaparece sempre nos subst. e muitas vezes nos verbos: *home*, *tapage*, *virge*, *onte*, *passage*, *viaje*; *louvo*, *roubo* (*louvam*, *roubam*) *louvaro*, *roubaro* (*louvaram*, *roubaram*).

20. O *r* é a mais mudavel das letras dentro da palavra: *estrôvo*, *frimeza*, *truvo*, *Crastro*, *triato*, *probe*, *acarditar*, *apraguntar*, *mantraste* (*mentastro*). A's vezes intervalla-se em palavras a que não pertence: *Ja-*

cintro, brosqe, esprital, grafanhoto, lestro, jurgar (jogar), jurgadoiro (jogadoiro).

21. O *s* é também mudavel no prefixo *tres* (por *tras*): *strepassar*, *streferir* (transferir), *streloucar* (tresloucar) e também em *i*: *stifazer*, *stifeito*, por *satisfazer*, *satisfeito*.

22. O grupo *gn* sôa *n*: malina, indinar, inorar.

23. Em syllabas iniciais *al* sôa *aur*: caurdo, maurga aurvoredô; também parantona (peraltona), meireis (por mel reis ou mil reis).

24. As finais *avel*, *ivel*, *ario*, *ica* sôam sempre *able*, *ible*, *airo*, *iga*: agradável, incrível, vigairo, ladairo; gramátiga, prátiga, politiga.

25. *Methatese fonetica* ou troca entre si das consoantes iniciais de syllabas consecutivas: Madanela, algar, garibú, celoiras, Jeromeno (Jerónimo por Jeronymo), manica, tanchão (por chantão, de *plantaginem*), redadeiro (derradeiro).

26. *Troca de consoantes*, por outra de fora: *alimal*, *arbole*, *almario*, *arcançar*, *pruma*, *combanido*, *gotija*, *gómito*, *gomitar*, *bornó*, *belancia*, *marafunda*, *gano*, *lagalhé*, *Guiteria*, *perca*.

Em *Augustio*, *macigueira* (*macieira*) e *indemigo* não ha troca de consoantes: na primeira ha a influencia da palavra *angustia*, na segunda ha a epenthese dum *g* para evitar o hiato, e na terceira a intervalação dum *d*.

MORPHOLOGIA

1. *Numero e genero.*—Os nomes em *ão* fazem raramente *ãos* e ordinariamente em *ões*: christãos, mãos, Pagãos e Pagões (nome de logar), alviões, tabelliões, capellões, allamões, cidadões.

Attribue-se até a um celebre deputado por Barcellos o haver soltado no parlamento esta ultima palavra. Elle disse muito bem, porque fallou consoante a linguagem do povo que representava, a qual perante, a Glottologia vale tanto ou mais que a dos centros que se dizem civilisados.

Admittindo mesmo que fosse um erro por ser forma dialectal, entendo que será mais facilmente desculpavel do que gastar tempo em apre-

ciações e confrontos com a *Nana* de E. Zola (romance prohibido na Alemanha, na Austria e na Russia como *realista* de mais),—facto que provocou o riso do nosso Camillo Castello Branco: «O' Ferreira Borges, ó Fernandes Thomás, ó Rodrigo da Fonseca, ó Garrett, ó José Estevão! Vejam vossês! A *Nana* no parlamento com escala por Barcellos! *Zut!*»

(*Cartas de Camillo Castello Branco* por Silva Pinto, Lisboa, 1895, pag. 142 e seguintes).

Pelles ou antes *pel* faz *pelles*.

Pós ou *poses*.

2. Emprega-se o adj. biforme *rudo*, *-a* e não *rude*.

Fallando das fêmeas dos animais e também ás vezes das mulheres usa-se a palavra *prenha* e não *pre-nhe* (grávida). Quando se trata das mulheres o mais usual é dizer, *embaraçada*, *embarrada*, *pejada*.

Má em certas frases é uniforme: *má home*, *má mulher*.

3. Ha muitas formas subst. ou adj. que, embora, tenham a appa-

ência do plural, são verdadeiros singulares: *magricellas, mancalatranas, pantalazanas, pantanas, traquinas, ianas, trapólas, tabordas*.

4. *Graus*. —Ao lado de *melhor* *pior*, *maior* e *menor*, também dizem *mais melhor*, *mais pior*, *mais maior* (ou *mais grande*), e *mais melhor* (ou *mais pequeno*).

5. *Pronomes*. —Usam *ũa*, *le*, *les*, em vez de *uma*, *lhe*, *lhes*.

O pronome *nos* confunde se muitas vezes na pronuncia popular com *mos* desinencia verbal: ex: «é preciso fazernos isto».

Soutro é também muito usado em vez de *ess'outro* ou simplesmente *se outro*: «se outro dia (=há dias) encontrei o reitor na entrada».

6. *Verbos*.

O verbo *ser* faz no indicativo presente:

sêmos

soides (*sendes* ou *sondes*)

e no preterito:

fostes (2.^a do s. e do pl.)

7. Os verbos em *-ar* fazem no indicativo presente:

amamos
amaides {ou *amandes*}.

e no preterito:

amastes (2.^a do s. e do pl.)
amêmos.

8. Os verbos em *-er* e *-ir* fazem no indicativo presente:

deveides {ou *devendes*}.
partides {ou *partindes*}.

e no preterito:

devestes (2.^a do s. e do pl.)
partistes » .

9. Em todas as tres conjugações a 2.^a pessoa do plural do imperativo termina em *de*: *amaide*, *deveide*, *partide*.

10. O verbo *affligir* faz no indicativo presente:

afflêges
afflege.

11. *Marmorar* faz no indicativo presente:

marmóro
marmóras
marmóra
marmóram.

12. *Trazer.*

No preterito faz:

troufe ou *trouxe*
troufestes etc.

13. *Correr e fugir*

Fazem no imperativo:

côrre
fuge ou *fóge.*

14. *Vir*

Faz no preterito:

vêu (3.^a pessoa do s.)

15. *Ouvir*

Participio:

ouvisto.

16. *Thematologia.*

Um dos primeiros factos que notamos logo ao estudar os nomes de logar do concelho de Barcellos é que, ao juntar um novo suffixo a um thema para formar novos derivados,

raras vezes se elide a vogal final do thema: *Regainho, Fontainha, Frescainha* em vez de *Reguinho, Fontinha, Fresquinha*.

17, Quando uma palavra começa a tomar um sentido colectivo, surge logo um derivado com o suffixo *eiro* para representar o sentido primario: *cabelleiro, linheiro, milheiro, graeiro, pelleiro, matteiro* significam um só cabelo, uma só haste de linho, uma só haste de milho, um só grão, um só pêllo, uma só haste de matto, porque cabelo, linho, milho etc são verdadeiros collectivos.

18. Em *desmanuir* por *diminuir* ha evidentemente uma confusão com o prefixo *desusado* noutros verbos: *des - fazer, des - tacar, des - andar*.

19. *Particulas.*

Despois==depois.

Antes que==ainda que.

Aindos que= » .

Somentes=samente

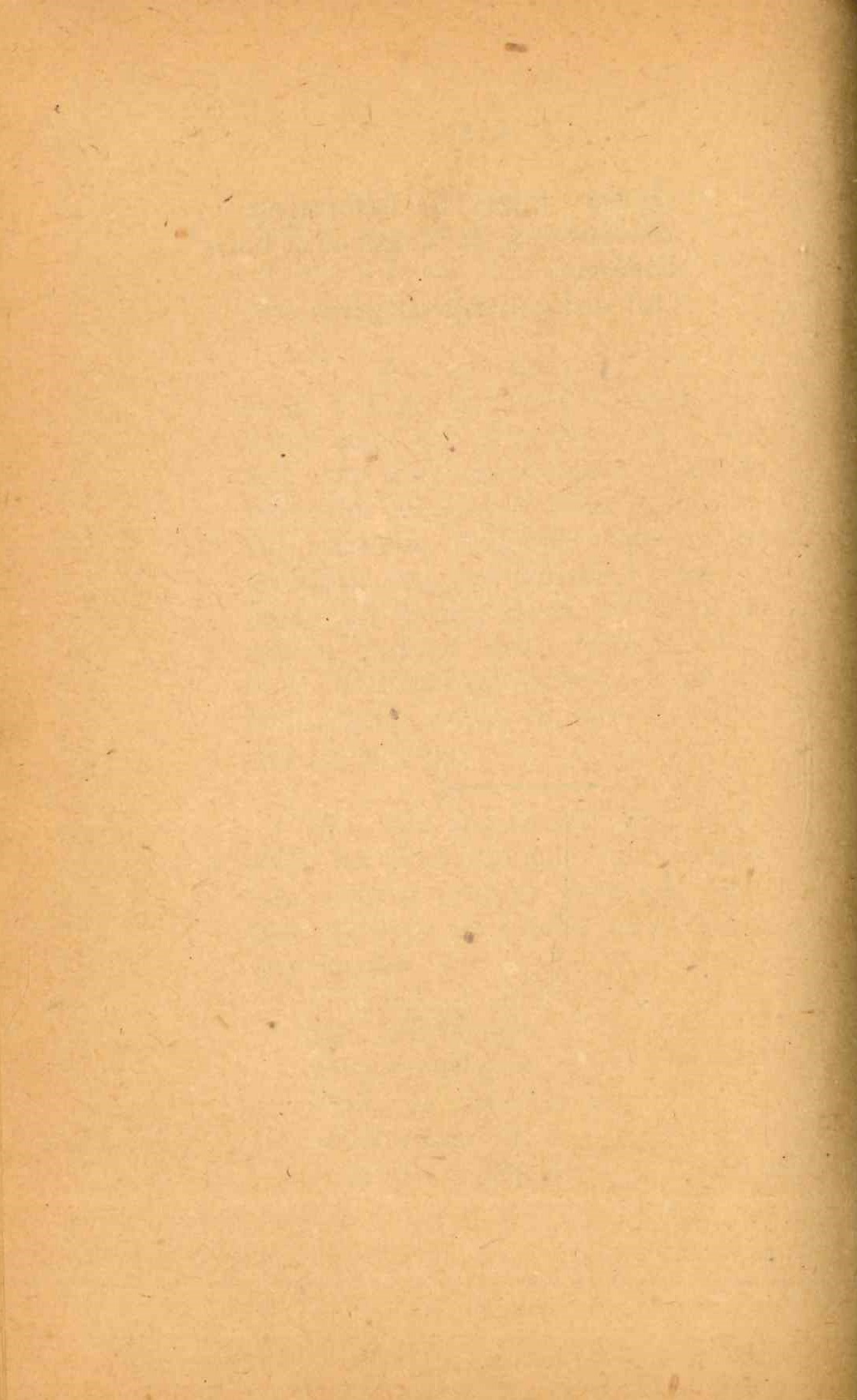
Intrementes—emquanto que.

Ágora = interj. de admiração.

Eixe = interj. de tanger os os bois.

Ei-lá-ei = »

Ou! ou! = interj. de parar.



FRASES

Ainda has de comer muitas rasas de sal para poderes tanto como F. = ainda hão de passar muitos annos para etc.

Ainda não sabes metade da missa = ainda tens muito que aprender.

Cair de cangalhas = cair e ficar estatelado no chão. É uma expressão derivada do que succede, quando se tomba um carro bem carregado.

Ir de cangalhas, significa o mesmo.

Estar de cangalhas = estar esti-

rado no chão (fallando de qualquer pessoa).

Cair como um dez==cair como um pato.

Comer a dois carrinhos==comer o dobro, comer muito.

Dar conta dum objecto==dar cabo d'elle.

Deitar-se como um gato a bofes==atirar-se com toda a paixão.

Deixar terra para feijões gallegos==fugir apressadamente sujando tudo por onde passa e deixando a terra como que estrumada para semear feijões gallegos.

Disso não sei patavina==disso nada sei.

Dizer sapos e lagartos de alguém==dizer muito mal de alguém.

Essa é de escacha-pesseguero==essa é de marca maior, é extraordinária.

Fazer barulho como a cavallaria de Chaves==fazer um grande barulho.

Fazer barulho como sete pobres em palheiro==fazer muito barulho.

Fazer cruces na boca==ficar a ver navios, perder uma boa occasião.

Fazer uma Africa==praticar um acto extraordinario.

Fazer uma vasa==fazer uma maravilha.

Ficar a vêr navios==não conseguir o que se esperava.

Gaba-te, cesta!==não estejas a intrujar, vai mentir lá fóra. (E' a resposta que se dá aos que estão a gabar-se de coisas que não podiam fazer).

Homem das Arabias==homem valente, raro, extraordinario.

Ir numa poeira==ir depressa.

Ir num pé só==o mesmo.

Ir numa volantina==o mesmo.

Ir de catrambias=ir de canto em esquina, caindo aqui e levantando-se acolá.

Ir tudo raso=destruir tudo diante de si.

Ir olhar os pitinhos ao vigairo.
=morrer (fallando das creanças).

Luxo fora de villa e termo=luxo desmarcado. (Expressão já usada por Camillo, *Historia de Gabriel Malagrida*, Lisboa, 1875, pag. 71).

Pancadaria de crear bicho=pancadaria de abrir chagas ou pisaduras.

Passar a perna a alguém=passar-lhe a diante, excede-lo, levar-lhe vantagem.

Pegar-lhe com um trapo quente=ser impossivel acudir a um negocio, perder-lhe as esperanças.

Perder a cabeça==ficar fora de si, não fazer senão tolices, irritar-se muito, exasperar-se.

Pintar um burro==ser muito divertido, fazer partes engraçadas.

Pintar a manta==o mesmo.

Pôr peito á bala==expôr-se a um gravissimo perigo.

Sabes tanto disso, como eu de lagares dazeite==nada entendes disso.

Ser um barra==distinguir-se ou assinalar-se em qualquer coisa.

Ser como o sol==ser franco, ser sincero. No Porto ouvi uma vez dizer: *isto é como o senhor sol*, no mesmo sentido.

Sete cães a um osso==muitos pretendentes a um lugar.

Só se perderam as que caíram no chão==ainda merecias muitas (pancadas).

Tu andas a ler==andas abstracto, andas a pensar noutras coisas, d'isto pouco intendes.

VOCABULARIO

Abalar, sair precipitadamente, fugir.

Abilhão, besouro. (Está por abelhão).

Aberta, ocasião, tempo desoccupado;

(adj.) ter a mão aberta = ter a
mão cansada, não ter força nos
nervos da mão, não poder tra-
balhar.

Abondar, fartar.

Abocar, abrir a bocca aos animaes
(para ver quantos dentes tem, se
tem doença na lingua etc); (fig.)
levar castigo.

Aborrido, aborrecido, rabugento.

Abraçadeira, vide *carro*.

Acadimar, sujeitar-se, aclimatar-se,
dar-se bem. Ex.: «este rapaz não
acadima em amo nenhum».

Acamar, alisar, pôr em camadas; adoecer, cair de cama doente (cf. *Rev. Lus.* iv, 53).

Acatrozado, aquatorzado. Vinho aquatorzado era de 14 canadas o almude, em vez de 12. Exigia-se n'alguns prazos antigos, no caso de ser pago no tempo da colheita antes de assentar. As 2 canadas a mais eram para os abatimentos.

Acirrar, instigar, afoutar, açular.

Acoitadar, acarinhar, afagar, proteger.

Acordar-se, recordar-se. Ex.: «a gente não se acorda dum caso assim».

Acotiar-se, habituar-se. Ex.: «as pombas custou-lhe àcotiar-se no pombal novo».

Acotulado, cheio até ao cotúlo, até ao cimo, acogulado.

Açudra, açude.

Adentar, deitar dentes. Um proloquio das mães fallando dos filhos diz: «aos 6 assenta, aos 7 adenta, ao anno andante, aos dois fallante».

Adevinhão, homem que adivinha o futuro.

Adonde, aonde.

Adotar, dotar, dar dote.

Adontar-se, assemelhar-se, parecer-se.

Adunar, acenar, pender, cair com somno.

Afancar, dar, atirar. Ex.: «afanquei duas latadas».

Afazeres, negocios, trabalhos.

Afeloar um pano de lã=manda-lo bater pelo felão ou pisoeiro.

Afrontar, pôr em frente, chamar a uma conciliação. Ex.: «Fulano registou a agua duma pôça sem afrontar os outros consortes».

Afocinhar, obrigar alguém a tocar a terra com a cara, a morder o chão.

Afogar (o linho), mergulha-lo, pô-lo de molho durante 15 dias numa prêsa d'agua.

Agôra, (interj.) qual historia! por isso é verdade?!

Agulha, vide *munho*.

Ala, (interj.), eia, vamos d'ahi.

Alagar, (vides), abaixar, mergulhar.

Alancar, (um dente), abala-lo, fazer que abane.

Alcançar, conceber (fallando das fe-meas).

Aldeána, mulher da aldeia.

Aldeóla, idem.

Aldigar, alguidar.

Aldorar, estragar-se á chuva (fallan-

do dos traços de pinheiro que estão muitos meses ao mau tempo).

Aldravão, mentiroso, trapalhão.

Aleiradeira, vide *munho*.

Alfádegas, manjaricão, planta cheirosa.

Alfotrecos, trastes velhos e fracos.

Algrave, engenho de moer a azeite-na.

Algun dia, antigamente (cf. *Rev. Lus.* IV, 229).

Alhar, lugar de pôr a lenha e cava-cos ao canto da lareira.

Alhêtas, vide *carro*.

Alicante, atrevido, manhoso.

Alquitete, manhoso, esperto, fistor.

Alveitar, curador ou barbeiro de gado.

Alveitar, (v.) ver, examinar.

Alvião, vide *lavoira*.

Alvorar, abalar, fugir.

Amadornado, adoentado.

Amainar, abater, diminuir.

Amiã ou miã, vide *lavoira*.

Ameroso, macio, polido, liso.

Amestrado, com *mestras* (vede esta palavra).

Amistade, amizade.

Amolar, afiar, aguçar, em pedra um instrumento cortante.

Amorfanhar, abasar, opprimir, esmagar.
(cf. *Rev. Lus.* II, 244).

Amorroar, abater, postrar, derribar.

Andadeira, vide *munho*.

Anainho, anão.

Anneira (arvore), que dá fruto um
anno sim e outro não.

Anneza, novidade, colheita, producção
do anno. Ex.: «tivemos boa an-
neza de centeio».

Antrólhos, antolhos.

Anzarel (dar), dar confiança, dar ou-
vidos.

Anzoneiro, homem que gosta de levar
e trazer, intriguista.

Anzonices, intrigas.

Apadejar, (o pão), bota-lo ao forno
com a pá.

Apàjar, servir de pagem, acompanhar
alguem como criado. Ex.: «este
pelintra gosta de apàjar todos os
grandes da freguesia».

Apàjar (o trigo, o centeio etc), atira-
lo ao ar com a pá, para o limpar
na eira.

Apancado, tolo, doido, que tem *pan-
cada*.

Aparêlha, vide *tear*.

Apeanha, vide *tear*.

Apeiria, aprestos de lavoura (arado,

grades, cambões).

Aporrinhar, importunar, incommodar, chatear.

Apparelhar, tornar igual, ajustar, adaptar. «Apparelhar madeira, = aplana-la de maneira que possa unir bem. «Apparelhar uns bois» = casa-los, escolher dois que sejam iguais ou quasi iguais.

Appôr, chegar os bois para a cabeça do carro e depois prendê-la ao jugo.

Aquella, achaque, mania, falta; qualquer coisa em geral. Ex.: «todos tem a sua aquella».

Arado, vide *lavoira*.

Arcar com, combater, lutar.

Arcos, vide *jugo*.

Arganel, aro de ferro que se põe no focinho dos porcos para não fossarem.

Arjão, estaca.

Arjoar, pôr estacas.

Arnal, *matto arnal* = matto muito aspero.

Arnicola, arnica.

Aróchas, tolices, parvoices.

Arola, mentira, *galga*.

Arrebessar, vomitar.

Arrebessadas (palavras), arrevezadas,

de pronuncia difficil.

Arrebitar, ourinar para longe, ejacular um liquido.

Arrebolar, atirar, lançar.

Arreda, credol que horror!

Arredar, afastar, desviar.

Arrefentar, arrefecer, tornar frio.

Arragannhar, abrir para os lados, deixar ver, mostrar. Ex.: «os ouriços já estão arreganhados»: «este rapaz está sempre àrregannhar os dentes».

Arreliquia, reliquia.

Arreminar-se, irar-se, abespinhar-se.

Arrender, dar a segunda sacha ao milho.

Arrenegar (de alguém), ter-lhe odio, não o poder ver. «Arrenegar-se» = irar-se, irritar-se.

Arribar, sarar Ex.: «estive 15 dias de cama e custou-me àrribar.»

Arrigar, arrancar.

Arrincar, idem.

Arrumar, pôr em ruma ou monte, pôr de parte.

Asca, raiva, odio.

Assapar, atirar, dar. Ex.: «foi preciso assapar-lhe duas pauladas para o fazer calar».

Assazinar, exasperar, irritar.

- Assubida, subida.
- Assubir, subir.
- Assúcar, abrir sulcos com o assuco na sementeira do centeio.
- Assuco, arado leve, mas de temão muito comprido, que se emprega na sementeira do centeio.
- Ascordar, despertar do somno.
- Atacar (as calças), apertar, abotoar.
- Atafaes, trastes, roupas (de vestir).
- Atanadura, tarefa, cossa.
- Atapulhar, tapar, calafetar.
- Ateiró ou teiró, parte do arado: vide *lavoira*.
- Atolarado, algum tanto tolo, atolambado, aluado.
- Atóleco, atónito.
- Atrigar-se, envergonhar-se, recear, ter medo.
- Atraquinar, ocupar, encher um espaço de muitos objectos em confusão.
- Atuir, entupir, encher.
- Avaloar, avaliar.
- Avéca, parte do arado; vide *lavoira*.
- Averdado, algum tanto verde.
- Avezar, ter, possuir. Ex.: «avezar seu vintem».
- Avoado, bocado de bom tempo em dia de chuva, aberta, clareira,

bocanho (na linguagem de Villa Real).

Avoamento, projecção ou saliencia dos ferros da lata ou ramada fóra do correr dos esteios.

Avoar, sair tora, projectar-se.

Azebem, especie de erva. (Cf. *Rev. Lus.* III, 326).

Aziar, aparelho de pau para apertar a beíça dos cavallos.

Azeiro, olho meirinho, nascente d'agua num campo produzindo lameiro.

Azougar, atordoar, atormentar.

Baçanica, ourinol de barro, bacio de cama em geral. (Talvez *bassanica*, de *bassa*).

Badalhóca, pedaço de lã ou cabello (dos animais) empastado de suor ou sujidade.

Badame, vede *carpinteiro*.

Badana, palerma.

Badelão, homem que falla muito.

Badelar, palrar muito, fallar de mais. (Está por *badalar*, de badalo).

Bafúm, o bafio, mau cheiro.

Baila, andar na baila=andar aos saltos, acudir aqui e acolá, não ter descanso.

Baixante, a parede inclinada nas chaminés (cf. *prumante*).

Balalo, pequeno cesto de verga para guardar os restos de pão.

Balastro, lastro.

Baldoar, dizer tolices.

Baldroegas, homem atolambado e mal ageitado.

Baluana, mentira.

Bamboar, andar no bambom ou rendoiça, baloiçar-se.

Baptizar (o vinho), deitar-lhe agua.

Baral, vara ou viga de ferro.

Barbequim, vede *carpinteiro*.

Barbos, excrescencia carnosa na lingua dos bois, que lhes tira o appetite de comer.

Barjoeiro, estação, lato comprido.

Barol, bolor.

Barregar, berrar, gritar.

Barrêgo, berro.

Barrosão, de Barroso. Ha trigo barrosão e boi barrosão, que fazem alguma differença das qualidades vulgares no Minho.

Basculho, rodilha velha, trapo; (fig.) pessoa suja e immunda.

Bassa, vide *lavoira*. Está por *balsa*.

Bate barbas, reprehensão severa.

Batoque, parte do tonel ou pipa; vi-

de *lavoira*.

Batume, a parte solida do caldo, isto é, a hortalica e os feijões.

Bègueiro, jumento, burro fraco.

Beica, beico, labio.

Beiral, a parte do telhado saliente á parede.

Beioira. fatôco, bola, globo.

Benado, salario, ordenado, ganho.

Berças, couves.

Bezuntar, untar com materia oleosa, sujar.

Bica (estôpa), a melhor, a que se costuma deixar com um *bico* ou ponta aguda.

Bicá!, interj. de chamar os porcos.

Bigorriha, pessoa que não merece confiança, banaboia.

Bilhestres, cobres, dinheiros.

Bimbarra, alavanca.

Biqueiro, que faz *bicos* ou carêtas á comida, que come pouco.

Birra, teima.

Bóche, fato, *fatage*, intestinos.

Bodêgo, pessoa suja e immunda.

Bodegão, pessoa muito suja e immunda.

Bofetão, bofetada.

Bojêga e bojêgo, vesicula nos pés feita pelo calçado apertado.

- Bolas, pessoa sem valor nenhum.
Bomba, vide *lavoira*.
Bonda, (interj.), basta.
Borcar, tombar, virar, voltar.
Bôrco (de), de barriga para o chão.
Bôrno, morno, meio quente.
Bota e tira, agua-pé, zurrapa.
Botar, deitar, lançar.
Boucar, bater, castigar.
Boura, pancada.
Bourar, bater, dar pancada.
Braçado, mólho, feixe, o que se pode abarcar com os braços.
Brança, espiga chôcha de milho.
Bravio, terreno inculto, montado.
Brazeiro, monte de brazas.
Brôco, estúpido, tapado, bruto.
Brólho, o bagaço da uva depois de espremido no lagar ou prensa.
Bubente, inclinação duma eira, lado para onde corre a agua.
Bueiro, orifício, buraco.
Bufar, soprar.
Bumba, interj. que denota o baque ou queda dum corpo.
Bunhar, fazer bunnêdos ou engenhocas.
Bunnêdo, idem.
Bunho, brinquêdo, engenhoca.
Burmeiro, nascida, furunculo.

Burro, cavallette de madeira para sobre elle trabalharem os caiadores; apparelho formado de dois pares cravado no chão e dispostos em forma de aspa ou X para susterem os troncos de madeira enquanto se serram.

Buzilhão, grande tumor, grande inchaço.

Cá, particula emphatica: ex.: «Eu cá não digo nada». «Que te parece disto?—Eu sei cá».

Cabaneiro, jornaleiro, homem pobre.

Cabano (boi), que tem os chifres inclinados para o lado.

Cabeçalha, vede *carro*.

Cábeiro (dente), do cabo, derradeiro.

Cabelleiro, um cabello só.

Cabra, cabrão, creança ou pessoa que chora ou grita muito.

Cabrita, choradeira de creanças, amúo; sinal feito com linhas dobradas e posto no começo da meada; parte do malho, vede *lavoira*.

Cacada, monte de cacos.

Cacarácá, coisa reles.

Cacarélho, pessoa que gagueja; pessoa que falla muito, mas pouco se entende.

Cachaço, a parte do pescoço no alto da espinha dorsal, sôcco ou palmada no mesmo sitio.

Cachafundo, acto de mergulhar, mergulho.

Cachar, arrotear ou cavar um terreno bravio.

Cachola, cabeça.

Cachôpa, rapariga.

Cachôpo, rapaz.

Cada. Nalgumas frases populares, como estas: «este homem tem *cada* rompantel», «elle sempre ha *cada* patranha!» significa *estranho, raro, muito seu*.

Cadeias, vede *carro*.

Cadilho, vede *tear*.

Cadoz, canto, desvão, logar escondido.

Cafre, avarento, sovina, piranga.

Cafua, logar apertado, esconderijo, caverna.

Cagaço, medeira, grande medo.

Cagarola, medroso, assustadiço.

Caguinchas, cagarola, medroso.

Caibro, pau que assenta sobre as traves para suster as ripas e o telhado.

Cainças, desejar o cão (fallando da cadella).

Caineenta (cadella), desejosa de cão.

Cainhas, (uvas), uvas miudas.

Caixa do tremonhado, vede *munho*.

Calabreado, misturado. Diz-se quando se misturam dois cereais da mesma especie, mas um de qualidade superior ao outro.

Calaca, perguiceiro.

Calaceiro, idem.

Cáleira, vede *munho*.

Calcoré, codorniz.

California, caverna profunda.

Cambas, vede *carro*.

Cambão, vede *lavoira*.

Camboeiros, vede *munho*.

Camboar, puxar ao cambão.

Camúa, tareia, cóssa.

Camurro, teimoso.

Cannas da cruz, vede *tear*.

Canastro, costas, carrúlo.

Caneco, infusa ou cantara de vinho; pessoa bebada.

Canella, vede *tear*.

Canelleiro, vede *tear*.

Cangaço, a parte solida do cacho d'uvas, o que fica depois de tirados ou espremidos os bagos.

Cangalhas, vede *carro*.

Canguição, qualquer coisa ou pessoa, magra e secca.

Cangôsta, caminho fundo e ordinariamente lamacento.

Canhos, o palhiço meudo que fica depois de malhado o centeio.

Canhenho, (subst. adj.), pessoa acanhada; acanhado, atado, sem desembaraço.

Canhôte, tronco de arvore ou raizeiro destinado para cavacos.

Canços, vede *carro*.

Cançada, a carga que se pode trazer dentro das canças.

Cantadeiras, vede *carro*.

Canté, interj. que admira! que admiração!

Capia, pedra larga de cobrir um cano ou uma parede.

Capiar, cobrir com capia.

Capotilha: cobertura dos ombros, usada pelas mulheres. Tinha duas pontas compridas que vinham cruzar-se sobre o peito para se atarem nas costas. Já desapareceu ou é muito rara.

Carago { interj. de admiração,
Caramba }

Caraminholas, mentiras, pêtas.

Carêta, visagem ou tregeito do rosto, cara feia.

Carible, exposto, propenso, sujeito.

Ex.: «este anno é muito *carible* ao mal dos vinhêdos». Já ouvi esta palavra no Porto no mesmo sentido. Em Barcellos é rara, pois só a ouvi duas vezes.

Carnadura, natureza, compleição.

Carnaz, tempo em que se pode comer carne, em opposição á quaresma. Fallando duma arvore, *carnar* é o contrario de cerne, isto é, a parte nova do toro, a parte de fora, em contraposição ao centro.

Carneiro, alem do sentido ordinario significa tambem flôr de salgueiro.

Carnição, tumor, furunculo.

Carócha, interj. arréda, fóra.

Carôcho, mideiro, capucho.

Carôlo, pedaço de pão.

Caroça, palhoça, capa feita de junco.

Carpiar, passar a estopa pelo pente de ferro separando a *bica* da *troça* (cf. estas palavras).

Carpinteiro (bicho), bicho que roe a madeira.

Carpinteiro (instrumento de): *Serra*, está descrita na palavra *lavoira*, *Serrote*, idem: *Travadeira*, pequena lamina de ferro que serve

para abrir ou vergar os dentes da serra, o que se chama *dar-lhe trava*. *Lapis*, aparelho de riscar ou pôr sinais na madeira. Os lapis de carpinteiro são muito mais grossos que os ordinarios. *Compasso*, instrumento de medir pequenas distancias ou verificar differenças. *Metro*, instrumento de medir qualquer extensão. E' formado ordinariamente de 10 pausinhos ou laminas metallicas ligadas pela extremidade. *Nivél* ou *livél*, pequena tabua quadrangular onde está encaixado um vidro com agua; serve para collocar ou assentar horisonalmente uma peça de obra. *Enxó*, instrumento de desbastar madeira. *Plaina*, instrumento de aplanar ou alisar tabuas. *Garlopa*, instrumento de aplanar grandes superficies, especie de plaina grande. *Graminho*, instrumento de abrir riscos parallelos ao bordo duma tabua quadrada com uma abertura no meio por onde deslisa um ou dois pausinhos armados de ferrão perto da extremidade. *Funtoira*, instrumen-

to de abrir juntas ou recortes em angulo recto no bordo das tabuas. (Os Dictionarios dizem *junteira*). *Macho-femia*, instrumento de abrir uma saliencia ou um recorte pelo meio do bordo já aplanado da tabua. *Guilherme*, instrumento de abrir frisos, filetes, guarnições, para caixilhos de vidraça, molduras de quadros, almofadas de porta, etc. *Formão e badame*, instrumentos de abrir recortes retangulares na madeira: o *formão* tem gume mais largo e por isso se emprega para cortar na direcção do comprimento do recorte, ao passo que o *badame* corta na direcção da largura e tambem no fundo. *Goiva*, formão com o gume em semi-circulo para abrir meias-cannas, ou recortes em redondo. *Trado*, instrumento de abrir grandes furos na madeira. *Verruma*, instrumento de abrir pequenos furos. *Barbequim*, instrumento de abrir recortes circulares na madeira: é uma variante do trado, com a vantagem de não amassar a madeira. *Grosa*, instru-

mento semelhante á lima, para raspar madeira. *Lima*, instrumento de aço para raspar ferro, afiar dentes de serra etc, *Martello*, instrumento de bater e apertar pregos. *Troquez*, instrumento em forma de tesoura para arrancar pregos. *Regua*, tira de madeira que serve para traçar linhas rectas, para verificar se uma superficie é plana etc.

Carrélla
Carrêllo } vede *lavoira*.

Carro ou chadeiro. As suas peças componentes são as seguintes: *chavêlho*, *chavêlha* ou *chavelhão*, espiga redonda de pau ou de ferro que prende a cabeçalha ao jugo: *cabeçalha*, a vara do carro que corre pelo centro do mesmo e vai por entre os bois prender ao jugo: *pigarro*, haste de madeira encravada perpendicularmente na cabeçalha e que não a deixa pousar no chão: *cangalhas*, duas peças de madeira collocadas ao alto na dianteira do carro. São mais altas que os fueiros e servem para amparar a carga: *fueiros*, paus mettidos ao alto

nos buracos das chêdas para segurar o que vai no carro: *caniças*, especie de grade feita de verga entrançada, que se colloca ao lado dos fueiros quando a carga é de objectos meúdos (fôlha, estrume, rapão etc): *tabulêtas*, tabuas que collocam ao lado dos fueiros quando se levam saccos de milho ou outros cereais: *chêdas*, peças laterais do leito do carro: *cadeias*, travessas de madeira que unem as duas chêdas: *cantadeiras*, peças de madeira pregadas por baixo das chêdas e que assentam sobre o eixo: *coucoês*, peças de pau que atravessam as chêdas e as cantadeiras e entre as quais gira o eixo: *rodeiro*, as duas rodas do carro ligadas pelo eixo: *ixo*, rolo de madeira que prende as duas rodas do carro: *lumes*, mossas ou recortes do eixo, onde assentam as cantadeiras. São esses os dois pontos que se untam com azeite ou sabão á entrada das cidades para os carros, não chiarem: *alhêtas*, a parte do eixo que fica fora dos lumes ou entre os lumes

e o ponto de encaixe nas rodas: *miúlo*, a peça central da roda, e meão: *abraçadeiras* ou *braçadeiras*, ferragens que apertam o miúlo junto do encaixe do eixo: *cambas*, as duas peças curvas das rodas dos carros, as duas peças que vem encaixar no miulo para completar a roda: *relhas*, duas peças interiores de madeira que nas extremidades do miulo e através d'elle prendem as cambas uma á outra: *meias-luas*, duas peças de ferragem em semi-circulo que prendem, exteriormente as duas cambas: *cadilhas*, pregos de cabeça grossa que servem para travar as cambas e miulo contra as relhas: *chapas*, ferragem grossa que cobre o trilho das rodas para não gastar a madeira.

Carrêcho (boi), que tem chifres muito voltados para cima, isto é, a aproximar-se muito nas pontas, á semelhança do insecto do mesmo nome.

Carrúlo, o alto das costas, o espaço dum ombro ao outro.

Cartel, comedia, brincadeira, pandega.

Caruma, faúlha que salta do lume.

Caruncho, bicho da madeira.

Casal, vede *tear*.

Casar, dar cabo de, romper, quebrar, perder.

Casca (dar), zangar-se, levar a mal.

Cascarrão (dar um), levar muito a mal.

Casulo, parte do malho, vede *lavoira*.

Cativa }
Catixa } interj. de horror, arredal fora!

Catrambias (ir de), ir de canto em esquina, fugir atropelladamente.

Catresa, caterva, multidão.

Caturno, meia curta.

Cavadeira, vede *lavoira*.

Cavouco, vede *munho*.

Caxixa, o mesmo que *catixa*.

Cego (nó), difficil de desatar, ao contrario do *nó corredio*.

Ccibar, soltar, abrir, destapar.

Ceibe, solto.

Centos. De 900 para cima o povo segue o processo de contar que seguia antes de chegar àquelle numero, isto é, 10, 11, 12, 13, 14, 20, 30, 40, 50 centos e não mil, mil e cem, mil e duzentos etc. como nós dizemos. Ex.: 15

centos homens, 20 centas leguas». Ha muitos exemplos deste modo de dizer nos classicos antigos.

Cêra (fazer), preguiçar, não fazer nada.

Cerandar, andar para trás e para diante (como se faz á ciranda), estar sempre a ir e a tornar.

Cerne, a parte mais solida da madeira, o centro.

Cerôlha (roupa), meia secca.

Cerrar o rego, aplanar a terra com a enxada no ponto onde terminou a lavra (cf. *milho*).

Cesta {
Cesto { vede *lavoira*.

Chança, vede *lavoira*.

Chadeiro, carro (vede esta palavra).

Chamadoiro, vede *munho*.

Chambaril, ferro ou pau curvo que se mette nos pés dos porcos mortos para se poderem pendurar.

Chamusano, velhaco.

Chamusca (malhar à), o mesmo que malhar à *cueira*.

Chança, chieira, vaidade.

Chanços, vede *lavoira*.

Charola, especie de andôr.

Charro, baixo, rasteiro.

Chavêlha

Chavelhão

Chavêlho

Chêdas

vede *carro*.

Chêga, castigo leve.

Chegar, castigar levemente, mal tocar.

Chêta, moeda reles, safada, sem valor.

Chica subst., porca.

Chico, porco.

Chieira, chança, brio, vaidade.

Chifarote, cantaro, pichel.

Chimarra, batina de padre.

Chimporrada, enxurrada, grande quantidade (com a ideia de confusão).

Chicha, carne.

Chincar, provar, o seu bocado; (fig.) apanhar, ganhar.

Chinquilhar, chocalhar, fazer barulho.

Chiqueiro, lameiro ou charco de chocos (porcos).

Chuça, chuço (subst.), espeto de ferro, ou com ponta de ferro; (adj.) escasso, avarento, miseravel, sovina.

Chuçar, picar com espeto, ferir.

Churvedice, agua da chuva.

Cincho, vede *lavoira*.

Cisco, lixo ou pó que se varre das casas.

Câchiné, lenço grande de abafar o pescoço.

Codiar, levar castigo.

Códio, código.

Côfos, especie de açamos feitos de talas de madeira. Mettem-se no focinho dos bois para os impedir de comer.

Cola, cauda, rasto, pègada. Ex.: «ir na cola de alguém».

Collar uma pedra, movê-la vagarosamente por meio de alavancas. (E' termo de pedreiro).

Colmeiro, molho, feixe de colmo.

Combanido, combalido, estragado, deteriorado.

Compasso, vede *carpinteiro*.

Condição, caracter, genio.

Condizer, quadrar, harmonizar-se.

Conetinhos, tretas, tricas.

Confêssão, a confissão, o acto de confessar-se.

Conhecer, ter relações carnais. Ex.: «antes de me casar não conheci mulher alguma».

Consante, consoante, conforme.

Continas, febres, furias, furores, dese-

jos. Ex.: «tenho continas de bater no rapaz».

Capa de palha, feixe, molho.

Copoira, cantareira, lugar onde se poem os copos. *Zenha copeira*, =zenha com copos ou caixas de madeira onde bate a agua.

Córa, acto de còrar (fallando da roupa branca ou do pão no forno).

Còradeiro, largo onde se córa ou acaba de seccar a roupa lavada.

Corredio (nó), com laço ou facil de desatar.

Còrtamar, saliencia em ponta aguda nos pègões das pontes de pedra, voltada para o lado donde vem a corrente do rio.

Cortêlho, recanto da terra ordinariamente tapado.

Cóssa, tarefa, sova.

Costa do ancinho, vede *lavoira*.

Castel, laço de linhas preso á meada e que ata todos os fios da mesma. E' o governo das meadas, dizem as fiandeiras. Tem cerca de um metro de extensão e por elle se regula o alargamento da meada no còradeiro.

Costeira, costa, lado, raiz. Ex.: «este homem mora na costeira do monte».

Cotulo, alto, pincaro.

Coucões, vede *carro*.

Coxia (correr a), correm em todas as direcções, para todos os lados.

Crianço, creança.

Cris (sol), eclipse do sol.

Cróca, cavidade nas arvores, buraco; (fig,) anus, recto.

Crôco, cróca (adj.), que é pôdre ou tem cavidade no centro (fallando das arvores).

Croia, amasia, mulher de vida estragada.

Cubo, vede *munho*.

Cubêrto ou cobêrto, casa para abrigar carros, utensilios de lavoira, madeiras, lenha etc.

Cuecas, ceroulas.

Cueira. *Pôr o centeio á cueira*==dispô-lo na eira em duas camadas paralellas, mas ficando os pés para fora e as espigas ao centro. *Malhar á cueira*==malhar o centeio assim disposto com as espigas para dentro e os pés para fora. A frase vem de estarem as duas fileiras oppostas de malhadores na retaguarda ou no *cu* do centeio.

Cunhal, pedra de duas faces, que se emprega no angulo ou encontro de duas paredes e serve para as prender ou travar.

Debaixar, dar a primeira espadela-
della ao linho.

Debouçar, desbravar.

Debrũar, fazer o debrum dos lenços.

Decrũa, a primeira sachá do milho;
(fig.) tareia, sova.

Decruar, dar a primeira sachá ao
milho (vede esta palavra).

Deixa, legado, herança.

Derrear, abater, prostrar, fazer cair.

Desafuar, desatar a corda do fueiro.

Descimento da cruz, grande choro, gri-
taria, lamentação.

Desãmão (ficar á), ficar fora de cami-
nho.

Desatar, começar com força, come-
çar inesperadamente, *Desatou a
chover, desatou a fugir, desatou
a comer.*

Desfecho, o deitar dos primeiros
dentes (fallando dos toiros).

Desfruitar, desflorar uma donzela.

Deslaivado, sem pelle, em carne
viva.

Deslarado, sem vergonha.

Desmezellado, descuidado.

Desnocar, deslocar.

Desougar, dar alguma coisa de comer ao gado para não *ougar*.

Despontar, cortar as pontas.

Desprecatar-se, estar desprevenido.

Destemperado. *Estar de caixa destemperada* = chorar (fallando das creanças).

Desunhar-se, desembaraçar-se.

Deyer. *Fulana deve a Fulano* = deve-lhe a honra, deshonorou-a.

Dioso, idoso, velho.

Dondo, flacido, brando, molle, facil de amoldar.

Duairo, parecença, semelhança, exterioridade, semblante. Ex.: «esta pessoa dá-me *duairos* da outra», «ter bom *duairo*».

Dura, duração.

Ei, interj. de tanger os bois.

Eido, campo ou quintal junto da casa.

Eirado, o mesmo que *eido*.

Eirôgo, especie de enguia.

Eitada, o mesmo que *eito*.

Eito, a porção de trabalho que cada pessoa ou serie de pessoas leva diante de si, (na sacha, na ceifa, no rôço do matto).

Eiva, falha, racha, abertura, falta.

Eivar, encher-se de eivas.

Eixe, interj. de tanger os bois.

Eixo, vede *carro*.

Embaçadella, envergonhadella.

Embarrar, embaraçar, impedir.

Embarrada, (mulher) grávida.

Embarrilho, embaraço, estôrvo; pessoa que embaraça, ingrenço.

Emborcar, tombar, voltar, virar.

Embudar, entoar, estacar, ficar parado com susto.

Empeirar, vede *tear*.

Empósta, junta de bois que vem ajudar outra a tirar o carro numa subida.

Empôstar o matto, pô-lo, depois de roçado, em postas ou feixes para se poder carregar.

Encabar, enganar, illudir, metter pêta a alguém.

Encafuar, metter em cafúa.

Encanar, arrijar, sarar, duma doença.

Encanar-se, atirar-se, applicar-se, deitar-se. Ex.: «este homem encanou-se a trabalhar e já deve ter o seu vintem».

Encarochar, pôr em carochos ou mi-deiros.

Encinhar, alisar a terra com o anci-

nho, trabalhar com o ancinho.
Encinho, o mesmo que ancinho, vede
lavoira.

Encorar, ancorar ou represar a agua,
Encôro, acto de encorar.

Encorquilhar, encarquilhar.

Encravilhar, embaraçar, deitar laço a
alguem, ser falso a alguém, en-
rascar, comprometter.

Endróminas, espertezas tretas, canti-
gas.

Enfardelar, ajuntar confusamente,
amontoar, pôr em fardel.

Enfinçar, pôr enfínca ao espeque, en-
costar ou arrimar.

Enfocinhado, de má cara, de má cata-
dura, de fraco focinho.

Enfollipar, inchar, fazer folle ou *fol-
lipo*.

Enfuar, vestir.

Enfunar-se, pôr-se de má catadura,
mostrar má vontade.

Engaço, vede *lavoira*.

Engrampar, enganar, encabar, illudir.

Engrolar, fazer uma coisa atabalhoa-
damente. Ex.: «o padre hoje en-
grolou a missa num instante»,
«os trabalhadores engrolaram o
serviço».

Engulçar, saltar por cima exceder,

sobrepujar, atirar ou lançar por cima. Ex.: «a mulher enguiçou a parede», «o rapaz enguiçou a árvore com uma pedra».

Engulho, nôjo; pessoa que mette nôjo.

Ensaboamento, veio ou beta de barro nas minas por onde um terreno se fende facilmente, caindo em seguida uma tampa de terra.

Ensarilhar, andar continuamente para um lado e para outro.

Ensarugar, engrampar, enganar, illudir.

Ensirvar, tapar com *sirvas* (silvas).

Ensisgar, trabalhar ao *sisgo* ou transversalmente.

Ensogadura, vede *jugo*.

Ensogar, prender os bois com a sôga e pelos chifres; (fig.) attrair, chamar a si, ganhar conquistar.

Ensurrascar, pôr *surrasco* ou mancha de carvão, sujar, manchar.

Entelhar, curvar-se em forma de telha.

Entender com alguém, pegar ou rixar com elle, *impetar*, brigar.

Entoar, estacar ou parar de susto (fallando dalguns animais, como o cavallo, o furão, a ovelha etc.)

Etymo *intonare*.

Entrementes, entretanto, durante.

Enxada, vêde *lavoira*.

Enxêbre, simples, sem mistura. *Caldo inxebre* = c. sem feijão.

Enxó, vede *carpinteiro*.

Enxumbrada, (roupa), meio secca ou avelada.

Esbaforido, esbofado, offegante.

Esbandalhar, deitar a baixo, destruir.

Esbarrellar, dar a segunda lavagem á roupa suja (ao sair da barrellá).

Esbeirar, fazer as beiras aos campos antes de os lavrar, rapar as hervas toda a roda do campo com a enxada. E' o que em Penafiel, no Marco e na Lixa chamam *fazer o cadabulho*.

Esborrachar, arrombar, destruir (ordinariamente emprega-se fallando dum vaso tanto de barro, como de couro ou de madeira).

Escacar, cair com força. Ex.: «pelas onze horas escacou um pé d'agua».

Escachar, abrir de meio a meio, fender.

Escacholar, ferver em cachão.

Escada, vede *lavoira*.

Escadório, escadaria de pedra.

Escangalhar, pôr em frangalhas, destruir.

Escaninhar, examinar miudamente, esmiuçar.

Escantilhão (ir de), ir de canto em esquina, fugir precipitadamente (caindo aqui, tropeçando acolá).

Escarne, escarneio, troça.

Escasso, avarento, sovina.

Escavão, o homem que escava, cavador.

Escavinhar, escavar pouco a pouco.

Escochar a sardinha, tirar-lhe as tripas.

Escochinar, matar.

Escôcha, (mão), a esquerda.

Escordar ou ascordar, despertar do somno.

Escornar, ferir com as pontas (fallando dos bois).

Eseorraçar, afugentar.

Eseorrimaça, corrida, escaramuça.

Escravanada, bâtega de chuva tocada com vento.

Esfarpar, desfazer pouco a pouco, roçar.

Esfolhar, abrir o involucro da espiga e separar esta do milheiro (cf. *milho*).

Esfrangalhar, pôr em frangalhos ou pedaços.

Esfriar, dar a primeira lavagem á roupa suja (antes de a metter na barrella). A segunda chama-se *esbarrellar*; vede esta palavra.

Esfueirar-se, soltar-se, *pedere* em latim.

Esfurricar, deitar furrica, sujar.

Esgasar, derriçar, esgaçar.

Esganar, apertar o pescoço, suffocar.

Esgravatar, mexer a terra (fallando da gallinha).

Esgueirar-se, safar-se, escapar-se.

Esmaginar, imaginar.

Esmordicar, belliscar com as unhas.

Esmoucar, bater, dar pancada, ferir.

Esmurrar, dar murros, bater.

Espadilha, vede *tear*.

Espernear, sacudir as pernas.

Espichar, morrer.

Espolinhar-se, revolver-se no chão (fallando dos burros).

Espòsente, Espòsende (nome de villa).

Espreguiçar-se, estender os braços e as pernas para lhes dar elasticidade e sacudir a perguiça.

Esprémedeira, vede *tear*.

Estada, manjadoura, talvez córte ou ainda corda. As frases que se houvem a cada passo são estas: «Prêso como um burro á estada»,

e «manter alguém como um burro á estada» para alludir a uma pessoa que só come e nada faz.
Estadão, acompanhamento pomposo, grande sequito.

Estadulho, pau grosseiro, sarrafo, cassête.

Estar, crer, pensar, julgar, entender.

Ex.: «estou que assim seja».

Estarrabagida, ruído, barulho.

Esterradoira, vede *sterradoiro*.

Estirada, grande extensão de caminho.

Estirão, o mesmo.

Estoira-vêrgas, doidivanas, cabeça no ar.

Estrampalhar, espalhar, estender.

Estrampatorio, ou stampatorio, berreiro despropositado, grande barulho de palavras.

Estenar, tirar a tona ou casca.

Estrançar, cortar, repartir em bocados com fouce (fallando da lenha que se quer atar em mólhos).

Estrancinhar, cortar ou terir em muitos logares.

Estrepadella, ferida nos pés produzida por estrepe ou pé de milho.

Estrepar-se, ferir-se nos estrepes.

Estrepe, pé que fica na terra depois de secar o milho.

Estrompar, causar.

Estrovar, estorvar.

Estrôvo, estôrvo.

Esturdia, dança de moços ao som de viola.

Esvairar, virar, ou mudar de ideas, variar, espairecer, espalhar.

Falda, fralda.

Fanado, falto de orelhas; cortado nas extremidades, despontado (fallando das flores, das arvores etc.)

Fandanga (tropa), bando de rapazes a caminhar todos juntos.

Fantasca, phantasma.

Fautasca, phantastica. Ex.: «venda phantasca.»

Fardel, molho de roupa atada confusamente.

Farellão, gabachista, homem que se gaba muito.

Farellar, gabar-se.

Farelleiro, o mesmo que *farellão*.

Farêllo, (*vender*), gabar-se.

Farrapa, farraparia, monte de farrapos.

Farrapello, homem que compra farrapos, homem rôto.

Farrêpas, farripas, cabellos raros.

Farropilha, pessoa mal vestida, mal ageitada e de pouca confiança.

Farrusco, sujo, immundo.

Fasta! interj. de fazer recuar os bois.

Fatage, intestinos, fato.

Fatôco, pequeno globo ou agrupamento de cousas que deviam estar soltas ou espalhadas: fatôcos de lã, fatôcos de farinha etc.

Fedentina, fétido, mau cheiro.

Feirôto, feira fraca.

Feitêlhas, feitos ou fetos pequenos.

Feitos, fétos (planta).

Felão, o mesmo que fulão.

Ferida, inclinação, declive. Ex.: «agua com pouca ferida».

Fero, valente, robusto.

Ferrã, especie de herva.

Ferrão, ponta de ferro (no pião, na aguilhada).

Ferrar, morder com os dentes; (fig.) dar, atirar, pregar. Ex.: «ferrar quatro latadas num rapaz».

- Férrea, pequena pá de ferro.

Ferro, vede *lavoira*.

Ferro do monte, vede *lavoira*.

Ferrucho, pucaro de pôr aguaa o lume.

Fiado, vede *tear*.

Fistor, homem astucioso, homem manhoso.

Folléca, neve a cair em faúlhas sobre a terra.

Follega, grande tarefa.

Follestria, folia, brincadeira.

Follestriar, brincar, saltar.

Fôna (andar numa), andar de corrida, andar aos saltos.

Forcado	}	vede <i>lavoira</i> .
Fouce		
Foucinha		
Foucinhão		

Formão, vede *carpinteiro*.

Fracasso, desastre, desgraça, mau successo.

Frade, tortulho, cogumelo.

Franqueira (ir á), ir á serra, entupir, envergonhar-se.

Frascal, terreiro da lenha secca. (Está por *fascal*).

Frescal, fresco, colhido ha pouco.

Fresco, mau, velhaco, malandro,

Frichadas, vede *tear*.

Friesta, fresta.

Fueiro, vede *carro*.

Fueirêta, fueiro fraco.

Fulão, pisoeiro, homem que pisa os panos de lã para os tornar mais fortes.

Funçanata, grande funcção.

Funêlho, folhêlho.

Fungar, chorar respirando pelo nariz,
choramingar.

Fungões, narizes, ventas.

Furrica, trampa ou excremento quasi
liquido.

Futrellar, futricar, mexer aqui e aco-
lá, estragar o que está direito.

Futricar, fazer uma coisa aos bocadi-
nhos, mexer e remexer numa
obra.

Gabachão, que se se gaba muito.

Gábitos de cozinha, utensilios de cozi-
nha (garrafas, almotolias, louças
etc. Ouvida a uma pessoa de
Braga.

Gadêlha, guedelha, cabelleira não pen-
teada.

Gaipilha, rapinante, que gosta de rou-
bar gaipos.

Gaipo, parte dum cacho d'uvas, pe-
queno cacho.

Gaitada, pancada com a gaita.

Galdir, comer apressadamente.

Galdripanas, comilão, pessoa ataba-
lhada.

Galga, mentira; fome.

Galga (*ficar a terra á*), lavrada ou

- sulcada, mas não grådada.
Galgueira, cavidade, recorte fundo em terreno.
Galante, (boi), bonito e bem feito.
Gambias, pernas.
Gana, desejo ardente, fome.
Gana }
Gano } ramo de arvore.
Ganeiro }
Gancho, vede *lavoira*.
Gangorra, vede *lavoira*.
Garlopa, vede *carpinteiro*.
Gapeira, doença do gado.
Gatanhada, acto de gatanhar, arranhadura.
Gatanhar, arranhar, ferir com unhas.
Gatanho, arranhadura.
Gatinhas (*andar de*), andar de gatas, andar com as mãos pelo chão como as creanças.
Gatos, ganchos de ferro para prender ou segurar qualquer obra.
Gaz, petroleo.
Gaziar, chilrear, (fallando das pegas).
Camillo (*Noites de insomnia*, n.º 4, pag. 30) emprega *esgazear* fallando das pombas.
Germindade, conjunto de irmãos, parentella, raça, ninhada.

Girbabeira, planta dos vallados de folha espinhosa.

Góde, pedra roliça em forma oval; vede *munho*.

Gôgo, doença das gallinhas.

Goiva, vede *carpinteiro*.

Gomitar, vomitar.

Gômito, vômito.

Gorge, garganta.

Gorgomilo, idem.

Gotija, botija.

Grâdar, alisar a terra com grade.

Grade, vede *lavoira*.

Gramalheira, grande cadeia de ouro.

Gramar, maçar o linho (vede esta palavra); comer, provar.

Gramasso, argamasso.

Graminho, vede *carpinteiro*.

Gravêta, vede *lavoira*.

Gravêtos, lenha meúda.

Grôsa, vede *carpinteiro*.

Guêdes, maníaco, tôlo, palerma.

Guêdices, manias, tolices.

Guiços, varitas delgadas para o lume, lenha meúda.

Guilherme, vede *carpinteiro*.

Gulapa, comezaina gulodice, desejo de bons bocados.

Gulapão, gulôso.

Gulapar, comer bons bocados, ser guloso, lambarar.

Gulazar, idem.

Herdança, herança.

Herdanço, idem.

Hombrar, ajudar com os hombros, auxiliar.

Humildar-se, humilhar-se.

Impalamado, adoentado pelém.

Impetar, entender com alguém, pegar ou implicar com.

Impontar, o mesmo que impôr.

Impôr, despedir, pôr fóra.

Imprevir, prohibir.

Incabar, (v. a), enganar, illudir; (v. n.) ficar envergonhado, ficar intupido.

Incasquetar, metter no casquête, encabecinhar, resolver.

Imcedôiro, parte do malho; vede *lavoir*.

Incurricar, encher-se de incurricas ou dobras.

Incurrica, dobra, encarquilha-della,

Inçar, encher, semear, cobrir.

Infingir, fingir.

Ingrenço, pessoa que só serve de embaraçar ou impedir os outros,

embarrilho.

Ingríme, inteiro, inteiriço, feito duma só peça, forte, teso. «Cabeçalha ingríme» a que é feita duma trave só e não *sarrafada* ou emendada. «Alho ingríme» o que consta dum só corpo e não é formado de partes ou dentes. «Rapaz ingríme» forte, robusto, duma cana.

Ingua, tumor, inchaço.

Inrilhado (andar), tem grande prisão de ventre.

Insôssso, sem sal, sem gosto.

Insua, campo de herva junto do rio.

Intestellar, entelhar, vergar, em forma de telha (diz-se das tabuas de madeira expostas ao tempo).

Intruidar, comer bem (como no intruido); (fig.) achar-se bem, ser feliz, ter boa sorte.

Invesprar-se, irar-se muito.

Isso, na verdade, sem duvida. Ex.:

«Tu, se o encontrasses agora depois daquella velhacaria, davas-lhe quatro pancadas?! — Isso dava».

Jacaré, Zé ninguém, palerma.

Javardo, homem de má catadura. sel-

vagem e atrevido,
Jègodes ou Jagodes, o mesmo que *jacaré*.

Jeropía. jeropiga.

Jingar, escarnecer.

Jugo, canga ou apparelho, de madeira com que se prendem os pescoços duma junta de bois para os sujeitar ao trabalho. As suas partes são as seguintes: *Arcos*, pranchas de madeira vergadas ao lume em forma quasi oval: servem para metter no pescoço dos bois e prendelos ao jugo: *ensogaduras*, duas aselhas de couro salientes na dianteira do jugo e imminente cada uma ao pescoço do respectivo boi: servem para nellas prender os arcos: *tendilhas* ou *partizellas*, especie de agulhêtas de ferro que prendem ás ensogaduras: *tamoeiro*, asa ou pegadoiro formado de muitas camadas de couro, Está na parte inferior do jugo e serve para nelle prender a cabeçalha do carro: *piças*, correias que prendem o jugo aos chifres para os bois se não molestarem no pesceço: *monêlha*, pequeno chu-

maço de palha ou de farrapos, em forma de chouriça, que ás vezes se colloca entre o jugo e os chifres dos bois para lhes não molestar as orelhas.

Juntôira, vede *carpinteiro*.

Jurgadôiro, articulação dos ossos nos braços, nos pés etc.; o ponto onde um corpo verga ou dobra.

Jurgar, dobrar, vergar.

Labaredas, desejos ardentes, furores, entusiasmos.

Labêrea, pessoa magra.

Labrégó, patêgo, homem da lavoira.

Lacada, queda da roda do carro em lugar mais fundo; cavidade, buraco.

Ladairo, perlenga comprida, ladainha, serie de coisas.

Ladeiro, (prato), prato de pouco fundo, ao contrario de prato *sopeiro*.

Lagalhé, homem palrador mas de pouco peso, alquitete, presumido.

Lagêdo ou lagido, logar onde ha lagés.

Lambão, guloso, comilão.

Lambarar, gulapar, comer como um

- lambão, comer gulosamente.
- Lançadeira, vede *tear*.
- Landra, lande, fruto do carvalho.
- Landreiro, pau de carvalho.
- Lanzoar, palrar, fallar palavras inuteis, tolejar.
- Larica, herva que nasce entre o centeio; (fig.) fome.
- Lascar-se, fugir, safar-se, escapar-se.
- Lata, ramada de vides.
- Latada, ramada de vides; pancada com lato.
- Latagão, homem alto como um lato.
- Lato, vara comprida.
- Lavadôiro, pedra de lavar.
- Lavoiira. Os instrumentos de *lavoiira* são os seguintes: *Arado*, instrumento de lavrar a terra com auxilio dos bois. Tem como partes integrantes: *rabiça*, pegadôiro que o lavrador segura com as mãos para guiar o arado: *aveca* ou *avecas*, é um outro pegadôiro ao lado da rabiça, ou ás vezes dois, ficando cada um do seu lado: *ferro*, lamina grossa de ferro, quasi em forma de triangulo, pregada na extremidade do prolongamento da rabiça. Vai adiante a furar a terra:

tamão, pau algum tanto curvo que vai encaixar na base da *rabiça* e se prolonga quasi horizontalmente até ao *carrêlho*; serve de puxar o arado: *ateiró*, travessa de madeira que prende o fundo do arado ao *tamão*: serve para regular a fundura do rego, porque o *tamão* sobe ou desce por elle conforme se bate mais ou menos com um maço: *seita*, ferro quasi em forma de espada, pendente do *tamão* e destinado a cortar a terra.

Esta descrição é o do arado antigo que que tende a desaparecer diante do moderno ferro.

As partes deste fazem alguma differença. Só a *rabiça*, a *aveca* e o *tamão* são de madeira, o mais tudo de ferro. O *carrêlo* é substituído por uma pequena roda de ferro, pendente da extremidade do *tamão*, e que pode abaixar ou descer-se mais ou menos, conforme se quer o arado *aberto* ou *cerrado*, isto é, o rego mais fundo ou mais á flor da terra. A *ateiró* é uma lamina

de ferro que prende o tamão ao fundo do arado. Ao lado do arado vai uma chapa movel de ferro que encosta a leiva para a terra lavrada. Ao dar a volta no fim do rego o lavrador ergue o arado e fa-la girar por baixo dum lado para o outro.

Carrêlo, nos arados antigos era um pequeno rodeiro na extremidade do tamão, destinado a auxiliar o lavrador quando quer dar volta ao arado no fim do rego. *Gangôrra*, nos arados antigos era um cambão especial com uma chanfradura na retaguarda, onde, por meio dum chavelho, vinha prender o cabeçalho ou prolongamento de carrêlo. *Cambão*, pau terminado em cadeia de ferro: dum lado vai prender no jugo e do outro por meio da cadeia ata ao tamão do arado, á grade, á zorra, a qualquer objecto que se quer arrastar. *Grade*, instrumento de madeira com dentes ordinariamente de ferro, destinado a desfazer os terrões e aplanar a terra. E' formada de quatro travessas

compridas de madeira chamadas *chanços* e de outras duas mais curtas que unem as extremidades destas e se chamam *testeiras*. Os dentes estão pregados de espaço a espaço nos chanços e testeiras. Para gradar empregam-se ordinariamente duas juntas de bois e duas grades, uma que vai adiante com dentes para baixo a desterroar e outra que vai atraz, de pedra em cima, a alisar. *Tornadoiro*, pegadoiro ou gancho com pequena cadeia de ferro que se prende atraz da grade. Serve para a guiar e dar-lhe volta no fim do campo. *Enxada*, instrumento de roçar matto, de cavar e mover a terra. *Forcado*, haste de pau dividida quasi ao fim em dois braços, ou dois braços de ferro encaixados na ponta dum pau. Serve para carregar o matto e amparar os carros do lado. *Gravêta*, instrumento de ferro de seis dentes para arrumar e carregar o estrume. *Gancho*, instrumento de ferro de tres dentes para carregar e descarregar o estrume,

descarregar o rapão, estender o matto nos quinteiros e cortes etc.

Carrêlla, também ás vezes chamada *padiola*, apparelho de madeira destinado ao transporte de estrume, saccos, pedras etc. E' formado por dois banzos parallelos, distantes cerca de tres palmos e unidos no meio por travessas ou tabuas de madeira. Os banzos terminam em dois pegadoiros á frente e dois á retaguarda, destinados ás duas pessoas que devem transportar a carrella.

Cavadeira, instrumento só de cavar. O ferro tem metade da largura da enxada, mas o comprimento é o mesmo. A's vezes termina em duas pontas agudas, uma a cada canto do ferro. Emprega-se em serviços leves, cavar vides, couves etc. *Sachola*, instrumento de sachar o milho, regar etc. E' um pouco mais pequena que a enxada. *Sacho*, instrumento de sachar cebollas e hortaliça meuda. O ferro termina dum lado em dois dentes

e do outro em uma lamina de metade do comprimento e da largura da sachola. *Pá*, instrumento de tirar a terra dum lugar para outro. Compõe-se duma lamina de ferro ligada a um cabo. *Alvião*, instrumento de ferro para cavar profundamente a terra. Tem dum lado uma ponta aguçada para cavar e do outro um gume, como os machados, para cortar as raizes. *Manhado*, instrumento de ferro com gume. Serve para cortar arvores, fender toros de madeira etc. *Serra*, lamina de aço com dentes, retesada num aparelho de madeira, e destinada para serrar ou dividir paus. Consta de quatro partes além da lamina, e são: *tesão*, ou pau do meio, que serve de ponto de resistencia ás *testeiras*, que são dois paus ligeiramente curvos nas extremidades da serra; e *corda*, que fica do lado opposto á lamina e serve para a retesar. *Serrão*, lamina de aço mais grossa que a serra. Tem dois pegadoiros, cada um do seu lado, e ser-

ve para duas pessoas serrarem toros grossos. *Serrote*, pequena lamina com dentes ligada a um cabo de madeira. *Fouce*, instrumento de ferro para cortar madeira verde, podar etc. *Tesoira*, apparelho de ferro que serve para aparar vides, traçar varas delgadas etc. *Foucinhão*, instrumento de ferro com dentes, encaixado numa asa mettida na parede do palheiro. Serve para cortar em miudos a palha mi-lha, triga ou centeia. *Ferro do monte*, alavanca de ferro para tombar pedras. *Engaço* ou *encinho* (por ancinho), instrumento com dentes e todo de madeira. Serve para ajuntar ou estender objectos meudos (folha das arvores, lenha, espigas na eira etc.) *Foucinha*, instrumento de ferro, curvo e dentado para segar as hervas e os cereais. *Malho*, instrumento de madeira destinado a separar os cereais (milho, centeio, feijão) das espigas ou vagens que os contem. Tem as seguintes partes: *man-gueira*, haste comprida ou cabo

onde se pega: *casulo*, pequeno tubo de ferro que se encaixa na extremidade da mangueira e termina num aro onde prende a amiã: *amiã* ou *miã*, correia que prende o aro ou arco do casulo ao incedoiro: *incedoiro* ou *caixa*, coiro grosso e dobrado como nos tamoeiros, que se prende á roda da extremidade superior do pírtego por meio dum as correias: *cabrita* ou *palheta*, cunha aguçada de madeira que aperta as correias do incedoiro contra as móssas ou recortes do pírtego: *pírtego*, haste grossa (ordinariamente de carvalho ou oliveira) que dá a volta no ar e vem bater sobre as espigas dos cereais: *moscas* (deve ser móssas), recortes na extremidade do pírtego, que o seguram nas correias do incedoiro. *Rôdo*, semicirculo de madeira ligado a um cabo ou haste. Serve para ajuntar ou estender o grão na eira. *Pá* (de apàjar), instrumento de madeira para ajuntar ou espalhar o grão nas eiras. Ainda ha pouco servia

tambem para apàja-lo ou atira-lo ao ar limpando-o da munha ou do cisco. Esta segunda operação desapareceu com os modernos alimpadores. *Alimpador*, apparelho recente de alimpar os cereais na eira. Ten na parte superior um deposito, semelhante á moéga do moinho, onde se deita o cereal, e ao lado uma manivela de ferro que agita o dito deposito e ao mesmo tempo move um eixo interno com laminas de madeira, que fazem a ventilação enquanto o grão vai caindo. *Rasa*, vaso quadrado de madeira para medir o grão. *Rasão*, rolo de madeira que passa por cima da rasa para deitar fora o grão excedente á medida.

Escada, apparelho de madeira para subir ás arvores, tanto a podar como a vindimar ou colher frutos. E' formada de duas peças laterais chamadas banzos, ligadas por travessas equidistantes chamadas *degraus*. *Cêsto*, utensilio feito de verga, ordinariamente com duas asas e

destinado a guardar ou transportar objectos. *Cêsta*, utensilio de verga com menos largura de fundo que o cêsto. Tem um arco em forma de asa que vai dum lado ao outro e ao qual se prende um *gancho*, que serve para a segurar nos degraus da escada, quando se vindima ou colhe fruta. *Bassa* (os dictionarios só trazem *balsa*) ou *dorna*, vasilha feita de aduellas e arcos, e aberta por cima. Serve para trazer as uvas do campo para casa. *Pisador* ou *esmagador*, apperelho moderno de pisar a uva. (O systema de pisar a uva aos pés dentro das bassas é muito moroso e ha de ir desapparecendo com o tempo). Tem um deposito de madeira na parte superior, onde se despejam os cestos da uva. Ao fundo do deposito estão dois cylindros de ferro, que movidos por uma manivella exterior esmagam todos os cachos e bagos. *Prensa* ou *imprensa*, apperelho moderno para espremer o bagaço depois de fervido nos toneis. Veiu

substituir os antigos *lagares*, que se compunham dum *tanque* de pedra, duma grande *trave* de carvalho inclinada sobre o mesmo, e dum *fuso* com o seu respectivo *peso* de pedra na extremidade da mesma trave.

A prensa compõe-se dum fuso de ferro com roscas, engravado no centro duma larga pedra. Uma roda grande, também de ferro, vai descendo pelas roscas do fuso, tocada pelo movimento duma vara exterior. O bagaço está no fundo cercado por um *cincho* ou grade de madeira e ferro, por cujas fendas jorra o vinho que ainda tiver. *Tonel*, vasilha grande para ferver o mosto e guardar o vinho nas lojas. Eram antigamente de 2, 3, 4, 5 ou 6 pipas e raras vezes de mais; porem recentemente com a maior producção do vinho já começam a generalisar-se os toneis de 10, 15, 20 pipas. *Pipa*, vasilha de 21 almu-des destinada ao transporte dos vinhos. Tanto as bassas como as pipas ou toneis são feitos de ar-

cos, leivas e tampos: *arcos* são peças circulares de madeira ou ferro que apertam as leivas das vasilhas: *leivas* são as aduellas ou pranchas de madeira de que se fazem as vasilhas: *tampos* são as portas que fecham a vasilha: a prancha do meio do tampo chama-se *meão* ou *tesão*, e as extremidades do lado, em forma de meia lua, chamam-se *rô-dos*. *Batoque* é o orifício redondo onde se introduz a cana do balde para deitar o vinho no tonel ou pipa: também se chama *batoque* á rolha de cortiça com que se tapa esse orifício.

Balde é uma especie de embude ou funil grande, de madeira ou de lata, que se colloca sobre o batoque da vasilha para lhe introduzir o vinho. *Bomba* é um pequeno batoque quasi ao fundo do tonel. Serve para extrair o vinho dos toneis depois de fervido o mosto. *Torneira* é um apparelho de madeira ou de metal, por onde se tira o vinho da vasilha. *Stiça*, é uma fenda ao meio do tampo, tapado com

estopa, por onde se começa a gastar o vinho da vasilha, antes de mettida a torneira. *Malhais* são peças de madeira onde assentam os toneis nas lojas, ou as pipas nos carros.

Layrar, estender-se, alargar-se (fallando duma inflammacão á roda duma ferida).

Leicença, tumor, furunculo.

Leira, mania. *Ter leira na cabeça* = ter pouco pano na carapuça, ter pouco juizo.

Leirão, especie de castanheiro.

Leitão (em), em pêlo, nú.

Leiva, tira de terra que o arado vai voltando de cada rego que abre; por extensão de sentido, aduella de vasilha.

Lésmia, lêsma.

Lestro, lesto, desembaraçado, expedito.

Lén (*estar ao*), estar descoberto, nu.

Laveiro, leve.

Liços, vede *tear*.

Lijuria, lisonja.

Lima, vede *carpinteiro*.

Linharice (milho da), nascido no terreno que tinha dado linho pouco antes.

Linho, Ha duas qualidades: o *mou-risco*, que se semeia pelo S. Francisco (principios de outubro) e o *gallego*, que é o melhor e se semeia pelas Cruzes (principios de maio).

As operações porque passa o linho até se vestir são as seguintes: Sachar ou lavrar, gràdar, semear, encinhar, regar, arrancar, ripar, emmòlhar ou atar, atogar (=tê-lo debaixo d'agua 5, 10 ou mesmo 15 dias), córar (apanhando 9 manhãs de orvalho), grammar e maçar (modernamente leva-se a uns engenhos proprios, que ha junto das azenhas dos rios, e chama-se a isso *ir fazer o linho*), pôr em manadas (=pequenas porções, obra d'uma mão cheia), aquècer, debaixar, alimpar, assedar, carpear, fiar ou pôr em massarócas, ensarilhar ou fazer meadas, cozer as meadas, lavar, corar, dòbar ou fazer novêllos, urdir, empeirar a teia, tecer, escaldar o pano (com agua de cinza), còrar, pôr em obra.

Liscraço, pequeno reptil parecido

com a vibora.

Livél, nivel.

Lôas, mentiras, baluanas.

Lobôte, vede *munho*.

Lobido, rebanho de gado miúdo (cabras e ovelhas).

Lônas, o mesmo que lôas.

Longes, logares distantes. Ex.: «esta freguesia tem muitos longes».

Lôro, mimo.

Lôstras, vergastadas.

Loucoiro, taboleiro de pôr a louça.

Lufa-lufa, grande canseira, trabalho incessante.

Lumes, vêde *carro*.

Lutrido, nutrido.

Machado, vede *lavoira*.

Macho-femia, vede *carpinteiro*.

Mafarrico, demonio.

Magricellas, pessoa muito magra.

Malápio, doente. Ex.: «perna malápia».

Malhal, vede *lavoira*.

Malhar, bater as espigas com o malho: vede *milho e lavoira*.

Malho, vede *lavoira*.

Malina, peste, doença contagiosa; (fig.) mau cheiro.

Malta, ajuntamento de ladrões. *Fa-*

zer-se na malta = pôr-se a andar.

Mamão, palerma.

Manada, mão cheia, o que cabe na mão.

Mancalatrão ou mancalatranas, pessoa que manca muito; pessoa desageitada no andar.

Maneio, o unto, a gordura que se tira dos porcos.

Maneira, verguilha ou braguilha das calças.

Mangúeira, vede *malho* na palavra *lavoir*.

Manquitó, o mesmo que *mancalatrão*.

Manta, jogo dos rapazes. Pintar a manta = ser muito divertido, fazer diabruras.

Marafunda, barafunda.

Marau, espertalhão, velhaco, ratão.

Marcha, vede *tear*.

Maré, ocasião oportuna, ocasião.

Marmota, excrecencia nas arvores (sobretudo carvalhos), que impede a vegetação. (Está por *mámota*, de mama).

Marosca, artimanha, astucia, enredo, ardil.

Marrafa, cabelleira.

Marralheiro (boi), manhoso. *Pessoa marralhira* = que regatêa mui-

- to ao comprar qualquer objecto.
- Martello, vede *carpinteiro*.
- Marujar, chuviscar.
- Másara, uma pessoa miseravel, um desgraçado.
- Mastigada, confusão de coisas, balburdia.
- Materia, pus d'uma ferida.
- Matinar, martellar, bater, insistir, teimar.
- Matracas, palavras picantes, injurias.
- Matutar, pensar muito.
- Meã ou ameã, vede *malho* na palavra *lavoira*.
- Medeira, grande medo.
- Meias-luas, vede *carro*.
- Melar ou melar-se, estragar-se; apodrecer (fallando dum fruto).
- Melurias, palavras adocicadas.
- Mercar, comprar.
- Merceias, mercês.
- Merceias, (interj.) muito obrigado. E' o *merci* dos francezes.
- Mestras, as primeiras espigas maduras dum campo.
- Merendeiro, (subst.), merenda ligeira; (adj.) preguiçoso e guloso.
- Metafisga, esperteza, astucia.
- Metro, vede *carpinteiro*.
- Micha, broinha de pão que se dava

antigamente á portaria do convento de Villar de Frades.

Mico, mafarrico, demo.

Mideiro, medeiro, capucho, pequena mēda de molhos de centeio.

Migalho, bocadinho, poucochinho.

Milhã, herva que nasce por entre o milho.

Milho. As operações porque passa até se comer são as seguintes: Esbeirar ou rapar as beiras, cavar as beiras, estrumar, lavrar, semear, gradar, cerrar o rego, decruar, arrendar, mondar, regar, segar, esfolhar, secar as espigas, malhar, secar o grão, apalar ou alimpar, medir, guardar na tulha, moer, peneirar, envolver, amassar, levedar ou vir-se a massa, padejar, enfornar, cozer.

Mingalha, penis.

Minganças, falta de fiado para tapar, (fallando duma teia).

Misara, o mesmo que *másara*.

Miúlo, vede *carro*.

Móda, o pão migado que fica no fundo da malga do caldo e que os dentes do garfo não apanham. Em Villa Real chamam-lhe *migas*,

Moderno, brando, doce, affavel.

Módo, o mesmo que *moda*.

Moéga, vede *munho*.

Mofête, bufête.

Mogigangas, tregeitos descompostos,
monices, macaquices.

Molhanqueiro, molle, fraco, brando,
pôdre.

Molle (vinho), que está a ferver, que
ainda não assentou.

Mollête, pão trigo.

Mollinhar, chuveiscar.

Mondar, entrêcolher o milho, faze-lo
mais raro.

Monêlha, vede *carro*.

Monêlha (dar à), sacudir a cabeça
mostrando má vontade contra
uma ordem que se dá ou rea-
gindo contra uma reprehensão.
Segundo me informam, em San-
to Thyrso dizem *abandar a mo-
nelha*.

E' uma metaphora tirada do
que fazem os bois quando o ju-
go os incommoda.

Monte (ir ao), ir á serra, ir á Fran-
queira, ficar encavacado.

Montraste, mentrastro (erva).

Moreia, pilha de estrume, montão de
coisas.

Môrto por, desejôso de...

Mortorio, funcção de enterro.

Moscar, fugir co'a mosca.

Moscas, môssas, vede *malho* na palavra *lavoira*.

Mosquête, bofetada leve.

Mostrengo, poltrão, palerma.

Mouta, muitos pés de herva acumulados num pequeno ponto do prado; (fig.) cabeça.

Mouteira, cabeça; manha, rônha.

Mulage (*viver de*) viver á custa dos parvos.

Mulageiro, preguiçoso.

Mular, tenro, macio.

Mularinho, o mesmo. Ex.: «herva mularinha», «porca mularinha».

Muliana, choradeira. *Cantar a muliana*=chorar.

Muneira, defluxo.

Munha, as pellicullas brancas que envolvem o pé do grão, quando está na espiga.

Munho, moinho. As partes de que se compõe são as seguintes: *Cubo*, prêsa d'agua junto á parede do moinho; é de pedra e tem a forma de uma pyramide quadrangular invertida; tem ao fundo um tubo de madeira por on-

de jorra a agua sobre as penas; muitas vezes o cubo é substituido por uma cãleira muito inclinada que leva a agua dum ponto alto até bater nas penas: *seiteira* (por sêtteira), abertura quadrada no fundo do cubo, onde se encaixa o tubo de madeira que lança a agua sobre as penas: *cavouco*, o fundo do moinho, onde trabalha o rodizio: *ponte*, prancha de madeira atravessada no fundo do cavouco; no meio desta está encravado o gode: *gode*, pedra achatada em forma de bôlo de pão. Tem uma móssa onde assenta a agulha do rodizio: *agulha*, pedra oval encravada no fundo do rodizio: *pênas*, travessas de madeira encravadas á roda da péla e terminadas em forma de concha ou colher: *péla*, moca, cacheira ou parte grossa do rodizio: *rodizio*, haste ou fuste de madeira que começa por uma parte grossa chamada péla e termina por um recorte, onde encaixa o lobête: *lobête*, peça redonda de madeira que encaixa na haste do rodi-

zio e tem encravado na parte superior o veio: *veio*, ferro encravado no alto do lobête; atravessa a roda inferior e vai encaixar na segurêlha: *segurêlha*, peça de ferro que encaixa inferiormente no veio e superiormente numa cavidade aberta na face inferior da andadeira: *traves*, duas pedras compridas atravessadas sobre o espaço do cavouco; sobre ellas assenta o pé: *pé*, roda inferior: *andadeira*, mó ou roda superior: *chamadoiro* ou *cadêlo*, pau pendente do quêlho; é sacudido continuamente pela andadeira, o que faz com que o grão vá caindo sempre do quêlho: *quêlho*, pequena cäleira ao fundo da moéga, por onde sai o grão a cair no olho da andadeira: *moéga*, caixa para deposito do grão na parte superior do moinho; tem a forma dum cubo ou pyramide invertida: *aleviadeira*, prancha de madeira que vai ligar á extremidade da ponte e serve para erguer ou abaixar o rodizio e fazer a farinha mais ou menos fina: *pe-*

Jadôiro, tabua que serve para interceptar o jorro da agua, quando se quer para o moinho: *cambeiros*, paus em forma de meia lua ao lado da andadeira: *rolête*, pequeno rolo de madeira sobre o qual roda a andadeira, quando é preciso tira-la fora para ser picada: *pico*, picadeira ou instrumento de picar as mós: *panca*, pau de calcar a farinha dentro dos folles ou sacos: *caixa do tremonhado*, caixa quadrada onde a um lado trabalha a roda e ao outro se junta a farinha: *colher* ou rapadeira, apparelho de madeira para apanhar a farinha: *vassoura*, instrumento de varrer a farinha; é feita duma especie de espadanas da beiramar, de que tambem se fazem esteiras: *rabo da pedra*, pequena saliencia no rebordo da andadeira; serve para sacudir fora a farinha.

Municio, comida, provisão, viveres.

Murar, estar parado á espera dos ratos (fallando dos gatos).

Murra, pinta negra nas pernas pro-

duzida pelo demasiado calor do lume.

Murtinho, planta medicinal. E' mais alta que a murta, mas a folha é parecida, e d'ella se fazem cosimentos para abater a febre dos animais.

Nabinha, (semente), de nabos.

Naco, pedaço.

Nagalhé, o mesmo que *lhagalhé*.

Nanar, dormir, (fallando de crianças).

Nenho, acanhado, atado, sem desembaraço.

Nesga, um bocado, um retalho, um canto.

Nicas, ninharias.

Nicar, fazer ninharias; esmiuçar, mexer e remexer. Diz-se das pessoas que trabalham muito vagarosamente, e que sete vezes comecem um serviço sem nunca o levarem ao cabo.

Nigalho, bocadinho, migalhinho.

Nível, nivel. Tambem dizem *livél*.

Nisquinho, o mesmo que *nigalho*.

Nôro, genro.

Offegada, respiração offegante, respiração apressada.

Ógadôiro, molho ou feixe de linho
posto a curtir debaixo d'agua
logo depois de ripado.

Óguelro, buraco de entrar a agua
num muro ou parede.

Olho, vede *tear*.

Onzeneiro, homem que leva juro ex-
cessivos, avarento.

Orolhão, tabefe ou bofetada nas ore-
lhas.

Orgos, vede *tear*.

Ôro, a parte podre da madeira.

Ornear, zurrar.

Osga, odio, raiva.

Ou! interjeição de fazer parar os
bois.

Ougar, desejar ardentemente comer
um alimento que se vê e sentir-
se mal por não o poder fazer.
Diz-se tanto das pessoas como
dos animais.

N'outras partes dizem *augar* ou
aguar.

Outão, pedaço de muro alto.

Ouvlar, uivar (fallando do cão ou do
lobo).

Pá, vêde *lavoira*.

Pachouchada, palermice, tolice.

Pachoucho, palerma.

Pacóvio, o mesmo.

Padejar, sacudir dentro da gamella a porção de massa que deve dar uma borôa (vede *milho*).

Padiçira, a verga, a pedra superior da porta, a que assenta sobre as ombreiras ou pedras do lado.

Pagode, brincadeira, pandega.

Palangana, infusa.

Paleio, conversa.

Palheira, uma palha isolada (de milho, de centeio, de trigo etc.)

Palhêta, o mesmo que cabrita (vede *malho* na palavra *lavoira*).

Panca, vede *munko*.

Pandanga, passo engraçado, cartel, comedia. E' termo popular já usado por Camillo (*Vulcões de Lama*, cap. viii, pag. 197).

Pandórca, o mesmo que *paujorca*.

Pangalo, mandrião, bõnaboia ingrenço.

Pangalatranas, pessoa desageitada.

Panhão, rapaz ou rapariga acanhada, que não tem desembaraço algum.

Panjórca, mulher alta e desageitada.

Panquilar, devorar, comer.

Pantalazanas, o mesmo que *pangalatranas*.

Pantanas, pessoa que não serve para nada, pangaio, ingrenço.

Pantominas, momices, pandegas, folles-trias.

Pantomineiro, pandego, divertido.

Parança, acto de parar, demora.

Paranheira, padieira da porta do forno.

Parauta, peralta.

Parantôna, figurona, peraltona.

Paróla, palradeira, palavreado.

Parolar, palrar.

Pasmão, homem pasmado.

Passago, caso engraçado, cartel, pandanga. Camillo emprega duas vezes a palavra *passagem* neste sentido. (*Cartas de Camillo* por Silva Pinto, Lisboa 1895, pag. 30 e 80).

Pataréco, bolo pequeno do forno.

Patau, palerma.

Patavina, tolo, atolambado, maluco.

Pategar, ser patêgo, obrar como patêgo.

Patêgo, labrêgo, homem da lavoura.

Patinhar, bater ou pisar na agua com os pés.

Patola, o mesmo que *patau*.

Patrazana, homem grande e desageitado.

Patiscada, pandega.

Patusco, (adj.), pandego, divertido.

Patusco, (subst), pequeno bolo do forno, que se faz para contentar os rapazes.

Pau (*a dar com*), muito, em grande quantidade. Ex.: «este anno houve feijão a dar com pau».

Paulada, pancada com pau.

Paulista, fistor, *poeta*, astuto. E' linguagem de brasileiro, porque os da provincia de S. Paulo gosam no Brasil da fama de fistores.

Pavana, cauda de pavão, anus; costado, corpo. Ex: «ir á pavana a alguém» = dar-lhe tarefa, bater-lhe. «Levar na pavana», = ser castigado.

Pé, monte de bagaço espremido debaixo da trave ou dentro do cincho.

D'ahi a expressão *agua-pé* ou *auga-pé*, para designar o vinho fraco que se tira do bagaço humedecido com agua depois de espremido a primeira vez.

Pé, vede *munho*.

Pêco, enregelado; fraco, indolente, pouco desembaraçado.

Pejada (mulher), embaraçada, embarcada, grávida.

Pejadôiro, vede *munho*.

Pejar, fazer parar o moinho, impedindo a agua de bater nas pessoas.

Pêla, vede *munho*.

Peiar, (v. neutro), queimar, estar muito quente. Ex.: «a agua pela» «o caldo pela» etc.

Pelém, rapaz adoentado, pessoa apalermada.

Pelletricas, lérias, ninharias, trocadilhos, tolices. (Por *peloticas*).

Penariz, panaricio.

Penas, vede *munho*.

Penca, nariz grande.

Pente, vede *tear*.

Pequerrêlho, pequeno.

Percebêlho, persevejo.

Perdoança, acto de perdoar, perdão.

Pereiro, especie de macieira que dá pêros ou maçãs altas parecidas com as peras.

Pereiro (boi), que tem os chifres muito levantados.

Perlenga, leria muito comprida, ladainha sem fim, cantiga.

Perlíteiro, pilriteiro, arvore que dá peras muito pequenas.

Perlitos, fruto do perliteiro.

Pêros, fruto do pereiro.

Pês, vede *tear*.

Pesos, idem.

Perna (*passar a*) a alguém, exceder, sobrepujar, vencer.

Plaças, vede *jugo*.

Picar, subir de preço. Ex.: «o milho na feira já começa a picar».

Pichel, cantara pequena.

Pico, instrumento de pedreiro. Também é termo de moinho (vede—*munho*).

Pieira, acto de piar.

Pigarre, vede *carro*.

Pigeiro, talhadôiro nos regos d'agua.

Pilão, fomento, que tem os olhos arregalados para um objecto, que morre por elle.

Pilar por ... ter ardentes desejos de ...

Pilercas, magricellas, pessoa magra.

Pinador, sovela de metter tacholas nos socos ou tamancos.

Pinchar, saltar.

Pincho, salto.

Pingão, palerma, pacovio.

Pingarêlho, ratoeira, qualquer coisa mal segura e prestes a cair.

Pintor, o primeiro bago que apparece colorido no cacho.

Pipa, vede *lavoira*.

Piranga, avarento, miseravel.

Pirtego, vede *malho* na palavra *lavoira*.

Pisador, vede *lavoira*.

Pisco, (subst.), uma pequena ave;
(adj.) *boi pisco* = que a cada passo abre e fecha os olhos.

Pisoeiro, fulão, homem que bate ou apesôa os panos de lã, mantas de lã, etc. para os tornar mais duros.

Plaina, vede *carpinteiro*.

Poço! (interj.), arreda, irra, safa.

Pôdas, lenha cortada na poda das arvores de vinho. Tambem pronunciam *pôdas*.

Podeira, vara que apparece na lenha podada.

Pôdôiro, farrapo ou trapo de pano que tem na mão a mulher que está a dõbar ou a passar o fiado da dobadoira para os novellos.

Pôdre, fraco, brando, sem força.

Poeta, fistor, astuto manhoso.

Pôgeira, poeira, pó.

Polgar, um taco de meio palmo com dois olhos, que fica na base da vara de videira. E' linguagem de podador. Cada braço de videira deve terminar sempre por uma

vara e um polgar ou taco no principio della. No anno seguinte a vara que deu vinho corta-se, e das duas crecenças que devem rebentar dos dois olhos do polgar, uma fica para vara e outra para polgar no anno seguinte.

Póla, vara, rebento de arvore; tareia.

Porrão, vaso grosso e achatado para guardar pingue, gorduras etc.

O plural desta palavra já o ouví empregar no sentido de manchas espermaticas em camisas, ceroulas, lençois, etc.

Pomba, vede *tear*.

Ponte, vede *munho*.

Postôiro de herva, molho, feixe de herva.

Prantar-se, pôr-se, collocar-se.

Pregar, ferrar, atirar, dar. Ex.: «pregar-lhe duas pancadas», «pregar-lhe uma estopada».

Prensa, vede *lavoira*.

Presepio, qualquer armação de madeira, tenda.

Presigo, que se come com o pão (carne, peixe etc.)

Prôa, basofia, vaidade, chieira, chança.

Propianho, parede feita de fieiras de pedras apparelhadas de ambos os lados e que occupam toda a largura da mesma parede.

Propio, proprio. Ex.: «chegar ao proprio» = «chegar á hora marcada. Tambem se diz «chegar á propia hora» para significar o mesmo.

Pruma, pluma ou agulhas dos pinheiros.

Prumante, a parede que está a prumo nas chaminés, para contrapor á *baixante*, que é a parte inclinada.

Puas, vede *tear*.

Punir por, acudir por, defender. Ex.: «os ladrões *pune* todos uns pelos outros».

Quartas (*ir com*), desapparecer.

Quartos (*ir com*), idem.

Quatrozada, grande porção, grande quantidade. (Está por *alcatruzada*, de alcatruz; mas tambem se pode admittir como formada de *quatorze*).

Queixas, vede *tear*.

Quêlha, carreiro apertado.

Quêlho, 1.º carreiro apertado, 2.º cà-

leira da moega (vede *munho*).

Quintos, (*ir para os*), desapparecer, ter má sorte.

Quintas (*estar nas suas sete*) estar bem, estar a gosar dos seus rendimentos.

Quitanda, venda fraca.

Quitar, impedir, embaraçar. Ex.: «se queres ir á festa, ninguem te quita». Tanto nesta palavra como nas 9 precedentes, ou melhor em todas as palavras do concelho de Barcellos o *qu* vale *q* ou *k*: assim pronunciam sempre: *catorze*, *calidade*, *kiulo*, *ki-tanda*, *kitar* etc.

Rabiça, vede *lavoira*.

Rabioseca, gatafunho, lettra mal feita; laço, armadilha, ratoeira.

Rabo da pedra, vede *munho*.

Rabunhada, (*Côdea*), rapada.

Racha, lasca ou parte arrancada dum todo.

Raizeiro, o trepo duma arvore cortada pelo pé.

Rajão, torresmo de porco. (Está em vez de *rojão*).

Rangalhia, resmungão, pessoa responde.

Ranguinhar, ser ranguinha, não se calar nunca, responder sempre.

Rapão, hervas, matto miudo, folhas e detritos de arvores, que se *rapam* com a enxada nas bouças.

Rapar, cortar e juntar com a enxada as hervagens, o matto miudo, as folhas etc. das bouças; apanhar (raspando com enxada ou sachola) os detritos, a bosta dos animais etc.

Raspanço, recadeira, reprehensão.

Ratada, ardil, logro, armadilha.

Rêbo, pedra miuda, cascalho, pedregulho; pedra de fazer muro, nem muito grande nem muito pequena.

Reça, calor do sol.

Redenho, gordura pegada ás tripas dos porcos.

Refentar, tirar o calor, tornar frio, o mesmo que *arrefentar*.

Refestelar-se, encostar-se, repimpar-se.

Regadoiro, o mesmo que *sterradoiro*.

Regalar, (v. neutro), passar bem, gosar, ter regalo. Ex.: «ora adeus e regalar», modo muito usual de despedir-se.

Rogua, vede *carpinteiro*.

Reguenga, (*medida*), bem cheia, a trasbordar.

Reira, dôr ou doença nos rins dos animaes.

Rêlego, respeito, consideração, acatamento.

Rêlhas, vede *carro*.

Remanisca, (gallinha), de crista achata-da.

Rendeiro, o homem que apanha a bosta do gado empregado nas eiras em calcar o trigo, o painço etc.

Rendoixa, baloiço feito de ramos de arvores.

Rente, pegado, junto, ao mesmo nivel. Ex.: «casa rente com outra» «cortar a herva rente» = junto do chão.

Rêpas, restos de cabello, alguns cabelleiros isolados.

Resabiado, (cavallo), espantadiço, que tem manha.

Rescaldo, brasido coberto de cinzas.

Resfriado, constipação.

Respe-respe, (adv.), rés-vés, quasi de raspão, quasi pegado.

Restêva, o mesmo que *restiva*.

Restilho, vede *tear*.

Restiva, sementeira de milho em

campo donde se acabou de colher centeio.

Rostivar, semear milho onde se acabou de colher centeio.

Revaléste, grande multidão. Ex.: «um revaleste de gente» = muita gente.

Revaléste (*levar*), ir com quartas, desapparecer, ter má sorte.

Rever, resumar, transudar, deixar sair agua por fendas imperceptiveis (fallando dos cantaros).

Rexáxó, soalheiro.

Rilheiro, lugar onde os ratos ajuntam os seus roubos (cereaes, nozes, castanhas etc) e as rilham ou roem; (fig.) provisão, celleiro, lucro, proveito.

Ripes, fasquias de madeira que se pregam nos caibros, para sobre ellas assentar o telhado.

Ripado, tabuas delgadas em forma de ripa, que se empregam nos tapumes.

Ripanço, apparelho de madeira para ripar linho. E' uma tabua com dentes na parte superior em forma de pente.

Ripar o linho, arrancar-lhe a baganha, passando-o pelos dentes do ripanço.

Rodeira, sulco da roda do carro.

Rodeiro, vede *carro*.

Rodilhão, rodeiro com rodas mais pequenas que as ordinarias empregado para descer pedra dos montes.

Rodizio, vede *munho*.

Rôdo, vede *lavoira*.

Rolête, vede *munho*.

Rompante, investida repentina.

Rôr, multidão. Ex.: «um rôr de cousas».

Rôsea, pão trigo em forma de arco.

Rosnar, murmurar por entre dentes, fallar baixo.

Resquear, bater, castigar; levar castigo.

Sabença, sabedoria. Saber.

Sacca, o mesmo que incedoiro: vede *malho* na palavra *lavoura*.

Sachar, cavar o milho com a sachola.

Sacho, vede *lavoira*.

Sachola, idem.

Safanão, tabefe, bofetada.

Saibro, mau sabor, mau gosto.

Saido, erecto, que tem erecção sensual.

Salão, terreno empedrado, terreno muito duro para cavar.

Samarra, costado, costas. «*Ir á samarra a alguém*» = bater-lhe.

Sangéz, comediante, palhaço, pessoa ridícula.

Sanlear, mexer, agitar, sacudir, correr a trás e a diante.

Sapêlo, pessoa baixa. (De *sapo*).

Sarrabisca, gatafunho, rabisca.

Sarrabulho, sangue de porco já preparado para se comer; jantar que se offerece aos parentes e amigos quatro ou cinco dias depois da *matança* do porco.

Sarraçado, feito de duas metades emendadas uma na outra (fallando d'uma peça de madeira).

Seravanada, carga de chuva acompanhada de vento.

Segurêlha, vede *munho*.

Seita, vede *lavoura*.

Seitar, corar a terra com a seiteira.

Seiteira, vede *munho*.

Seitoira, aparelho de fender a terra parallelamente ao rego. Consiste numa especie de temão que vai prender no jugo dos bois e tem encravada na retaguarda uma seita como a dos arados e

tambem um pegadoiro para ser guiada pelo lavrador. A seitoira vai adeante dos bois que puxam ao arado e facilita o trabalho deste.

Sélisea, poucochinho, bocadinho.

Sellado (*porco*), que tem uma quebra ou corcova no lombo, como os cavallos.

Sempre, na verdade, sem duvida. Ex.: «sempre está um tempol!», «sempre ha cada tolo!»

Sequeiro, varandão de seccar espigas (Carvalhal e Lijó).

Seranzar, seroar, fazer serão.

Serra, instrumento de *carpinteiro* e de *lavoira*; vede esta palavra.

Serrão, vede *lavoira*.

Serrote, idem.

Sessão, humidade, frescura. Ex.: «não pode ainda fazer a sementeira, porque a terra tem pouca sessão».

Sêva, porco de engordar.

Sigalho, migalho, bocadinho.

Sisgo (*lavar ao*), não ao correr do corpo, mas um pouco de lado, um pouco transversalmente.

Soão, vento sul.

Sobrano, moeda d'ouro; peça.

Soccar uma pedra, apertar-lhe terra para debaixo, de modo que fique firme. (E' termo de pedreiro).

Socresteiro, preguiceiro.

Sôcrestto, comezaina, beberête.

Sodégas, immundo, sujo, porco.

Sôga, conea grossa de coiro para prender os bois pelos chifres e para os chamar,

Soila, jejum. Ex.: «estar em soila».

Sola, carne do bucho do porco.

Solar, pregar pedaços de coiro nos socos ou tamancos para se não gastarem tão depressa.

Soleira, a pedra das portas que fica debaixo dos pés ao entrar ou sair.

Somenos, inferior, de menos valia.

Somitogo, miseravel, avarento, muito poupado.

Sopeira, (prato), prato de sôpa, prato fundo, ao contrario de prato *ladeiro*.

Sorte (de), raras vezes, por milagre. «De sorte maravilha» emprega-se no mesmo sentido.

Stadulho, fueiro, sarrafo ou bordão mal ageitado.

Steirada, paulada, vergastada.

Sterradoiro, malha de terreno entre

dois regos parallelos; a porção de terra regada por um rego
«Tambem lhe chamam *regadoiro*.

Stiça, vede *lavoira*.

Sulla, a, (adj), com poucas penas e sem cauda (fallando dos gallos e das gallinhas).

Surra, cossa, tareia.

Surrascadoiro, pau de sorrascar o forno.

Surrascar, mexer e espalhar as brasas e lenha que arde no forno.

Surrasco, mascarra ou mancha de carvão; pessoa suja.

Suscar, remexer, procurar um objecto mexendo em tudo o que está por perto.

Tabardo, casaco de mulher.

Tabordas, homem despropositado.

Tabúa, especie de espadana que nasce nos lameiros, e servia d'antes para metter entre as leivas e entre os tampos dos toneis. Agora é substituida pelo folhelho do milho e pelo cêbo.

Tabúa, (ir á), ir á fava, ir pentear macacos.

Tabulêtas, vede *carro*.

Tachas—dentes. Ex.: «arreganhar as tachas ou a tacha».

Talhar os dentes, embota-los.

Tamão, vede *lavoira*.

Tamoeiro, vede *jugo*.

Tampo, vede *lavoira*.

Tanas, pessoa de pouco prestimo, sujeito desconhecido ou que se não quer nomear.

Tanchão, estaca de dois braços.

Tanchaz, nome duma ave, talvez a que os Dicc. chamam *tanjasno*.

Tapada, louça fechada.

Tapado, bruto, estúpido.

Tapage, tapamento, acto de tapar.

Ex.: «a agua do rego não tinha tapage» «o sangue corria sem tapage». Também chamam *tapage* á bosta com que se tapam as fendas da porta do forno ao cozer o pão.

Taramêlo, prisão da lingua, trava, impedimento. Tirar o taramêlo a alguém=fazel-o fallar ou comer desembaraçadamente.

Tau catatau, interj. para significar o malhar ou cair das pancadas. Ex.: «logo no começo da romaria as pancadas eram tau catatau umas em cima das outras».

Tear, as suas partes são as seguintes:

Urdideira, apparelho de madeira, especie de dobadoira em ponto grande, para sobre ella enrolar os fios da tea: *casal*, caixa de madeira repartida em varios casulos cada um para o seu novelo: *espadilha*, lamina de madeira com 12 buracos para os 12 fios que vem dos novellos do casal: a tecedeira segura-a com uma das mãos enquanto com a outra vai tangendo a urdideira: *urdir*, enrolar na urdideira os fios da tea, aquelles fios que depois ao tecer hão de estar enrolados num dos orgos: *empeirar a tea*, mete-la no tear para começar a tecer: *pés*, as bases do tear, os 4 pontos que assentam no soalho ou no chão: *orgos*, dois rolos de madeira, o de cima onde está enrolado o fio e o de baixo onde se enrola o pano que se vai tecendo: *pesos*, pedras pendentes dos orgos para ter sempre retesado o fio ou o pano: *restilho*, especie de pente formado de duas tabuas ligadas por uma serie de pausinhos: so-

mente se usa enquanto se está a empeirar a tea: *fiado* é o conjunto de todos os fios ou melhor de todos os novêllos empregados na tea: ha fiado de urdir e fiado de tapar: o de *urdir* é o que se enrola na urdideira e depois no órgo de cima, e no pano tecido fica na direcção do cumprimento: o de *tapar* é o que está na canella e no pano fica atravessado ou na direcção da largura: Antigamente tanto um como o outro era só linho; ha cerca de 20 annos começou a usar-se o algodão para urdir: Uma tea gasta mais fiado de urdir que de tapar; para 10 libras de urdir regulam 7 de tapar: *Cadilho*, é o conjuncto de 12 fios de urdir, isto é, tantos quantos podem passar pelos furos da espadilha: o pano da tea pode ser mais ou menos largo, mas costuma regular entre 40 a 44 cadilhos, isto é, entre 480 e 528 fios ao comprido: *canas da cruz* ou simplesmente *cruz*, são duas canas que estão acima do ponto onde se separam as duas ordens

de fios: *liços*, guitas ou cordeis que se prendem aos fios para os erguer ou abaixar produzindo assim o seu cruzamento: *prichadas* ou *frichadas*, pausinhos quadrados, em n.º de 4 ou 8, onde estão presos os liços: *pente*, especie de caixilho formado de dentes ou *puas* de cana encravados em duas travessas de madeira, uma superior e outra inferior, chamadas *queixas* (talvez *caixas*): na queixa superior está encravada a *pomba*, especie de pegadoiro para puxar ou afastar o pente: *lançadeira*, apparelho de madeira com cavidade no meio para a canella: serve para *lançar* o fio de tapar dum lado para o outro, por entre as duas ordens do fio de urdir: *canella*, pedaço de cana onde se enrola o fio de tapar: *canelleiro*, apparelho de encher as canellas: *tempreiros*, dois apparelhos de ferro que retesam para os lados o panno que se vai tecendo: *espreme-deiras*, *marchas* ou *apeanhas*, tabuas onde se carrega com os pés para erguer ou abaixar as duas

ordens de fio: *aparêlha*, uma rareza no pano. Quando se tecem toalhas, chamam-se *trôlhos*, os fatôcos ou saliencias que ficam fora do corpo da toalha: são fios puxados fora com agulhas ou ganchos: e chamam-se *olhos* os fundos ou cavidades no corpo da mesma: esses formam-se ajuntando mais uma apeanha ou espremedeira ás duas, e tanto que dizem: toalhas de tres espremedeiras ou apeanhas.

Tempéra, a rijeza que os ferreiros dão aos instrumentos; (fig.) tareia, cossa.

Temperar, dar tempéra aos instrumentos; adubar o caldo; ageitar ou concertar qualquer objecto; dar castigo (ex.: «o garoto fez-me uma tropelia, mas eu *temprei-o* logo); levar castigo (ex.: «rapaz, continúa a portar-te mal, que no fim *temperas*»).

Tempreiro, vede *tear*.

Tendilha, vede *jugo*.

Terçado (pão), feito de tres qualidades de farinha (milhão, centeio e milho alvo).

Terrão, pedaço de terra com herva.

Tesoura, vede *lavoira*.

Testeiras, vede *lavoira*.

Tetilha, questiuncula, rixa, contenda.

Tetilhar, questionar, teimar, contender (deve ser *testilha* e *testilhar*).

Thema (tomar), fixar na cabeça, fazer esforço por aprender uma coisa.

Tiborna, vinho fraco, zurrapa.

Tirada, acto de tirar o estrume das cortes e quinteiro para as *moreias* ou pilhas.

Toada, som, ruído, fama.

Tóla, cabeça.

Tolête, ponteiro ou espera de ferro nas bordas do barco para servir de ponto de apoio ao remo.

Tomba-lobos, tramblazanas, homem mal ageitado.

Tôna, a casca das arvores e dos frutos; a superficie.

Tonel, vede *lavoira*.

Topada, acto de topar ou bater com os dedos do pé contra uma pedra.

Tôpo, o principio, o começo. Ex.: «o topo da escada», «o topo do monte».

Tórna, porção de dinheiro que um dos co-herdeiros tem a dar aos

outros, quando ficou com um predio de mais valor que o que lhe pertencia.

Tornadôiro, vede *lavoira*.

Tornar o gado, afasta-lo, desvia-lo donde faça mal.

Torneira, vede *lavoira*.

Touca, rede da cabeça das creanças.

Touço e touça, vara alta e grossa. A frase «pôr-se ao touço com alguém» significa resistir-lhe, pôr-se ao alto com elle.

Traçar, misturar duas qualidades de cereais, duas qualidades de farinha (uma melhor com outra inferior).

Trado, vede *carpinteiro*.

Tramblazana ou tramblazanas, homem alto e mal ageitado.

Tramoia, ratoeira, laço, conluio.

Trancas, pernas, canellas, gambias.

Tranqueiras, ombreiras da porta, as pedras que ficam dum lado e d'outro.

Trapalho, rodilha da cozinha, pessoa de mau proceder.

Trape, interj. imitativa da palmada ou do som da mão ao bater sobre um corpo.

Trápete, o mesmo.

Trapeira, abertura no telhado da cozinha para expedição do fumo.

Trapóla e trapólas, mentiroso.

Traquinada, barulho.

Trás, interj. imitativa da queda dos objectos.

Trava, aberta nos dentes da serra, isto é, te-los voltados, um por um, parte a um lado e parte a outro.

Trayadeira, vede *carpinteiro*.

Traves, vede *munho*.

Treitas, pedaços ou tiras de terra lavrada separados uns dos outros com ramos de arvores. Faz-se esta divisão do campo lavrado para facilitar a sementeira.

Treitar, metter ramos no campo lavrado, dividindo-o em treitas.

Trelouceira, vara touça.

Trempe, aparelho de cosinha formado de um aro de ferro com tres pés.

Serve para pôr sobre as brasas e servir de apoio aos tachos ou frigidêiras; (fig.) tramoia, ardil.

Trenado, experimentado, versado, pratico.

Trengo, homem atado, sem desembaraço.

Trêpa, tarefa, cossa.

Trêpas varas ou rebentos das arvores, junto ao pé.

Trêpo, raizeiro, parte da arvore que fica mettida na terra depois de cortada pelo pé.

Tresantonte, ha tres dias.

Tresôlho, nascida ao canto do olho, o mesmo que *tresôgo*, que tambem se ouve; (fig.) o bacoro mais fraco duma ninhada.

Tringalha, penis.

Tringalheira, pessoa esfarrapada ou coberta de farrapos.

Tringalhos, farrapos.

Tróça (estôpa), a estôpa mais fraca. *Aguardente tróça*, a de inferior qualidade, a primeira saída do alambique.

Trôlhos, vede *tear*.

Troquês, vede *carpinteiro*. (Está por *torquês*).

Troupar, o mesmo que *trupar*.

Troupellas, homem muito pesado no andar.

Troupellar, fazer muito barulho com os saccos ao andar, ser troupe-las.

Troupiar, fazer barulho com os socos no chão.

Trupar, bater á porta, fazer barulho, bater.

Umar, ganhar humidade, entranhar a humidade na madeira exposta ao tempo.

Uveira, arvore com vides.

Ugal, igual.

Urdideira, vede *tear*.

Urdir, vede *tear*.

Valias, (época das valias), tempo em que o gado bovino é mais procurado e por isso sobe de preço.

Varada, (de), sem perda de tempo, immediatamente.

Varredôiro, vara comprida com farrapos atados na ponta para varrer o forno.

Vassoira de munho, vede *munho*.

Veio, vede *munho*.

Vencilho, atilho, prisão.

Venerar, tratar as plantas e hortaliças com carinho, rega-las e sachal-as a miudo.

Ventiella, ventoinha, catavento.

Verpilheira, mulher do soalheiro, mulher de enrodilhadas ou intrigas.

- Verruma, vede *carpinteiro*.
Véssas, (ás), ao contrario, do invés.
Vessadas, lavra dum campo.
Vessadeiro, ou vessadoiro, arado ligeiro.
Vidôiro, viveiro de vides.
Vigairada, jornada ligeira, visita apres-
sada, corrida duma parte para a
outra. *Andar de vigairada* = an-
dar de correição, acudir a uma
parte e a outra.
Vinca, camada, fieira. Ex.: «este car-
ro de matto tem oito vincas».
Vispere (pôr-se no), pôr-se na pizeza,
safar-se, fugir.
Vito-serio!, interj. de intimar aos ou-
tros que estejam serios.
Volante, instante, momento.
Volantina, o mesmo.

Xó, interj. de fazer parar as bestas.
Xóninhas, pessoa mesquinha, pessoa
miseravel.

Zangarilhar, andar para trás e para
diante, ir e vir, passar e tornar
a passar, *incensar*.
Zanzarilhar, o mesmo.
Zaranguilhar, o mesmo.
Zarêlho, cacarêlho, pessoa a quem
pega a lingua.

Zarelhar, fallar de modo que se não entende.

Zôina, mulher de maus costumes.

Zoupar, bater.

Zoupeiro, arrastado, que tem pouco desembaraço.

Zeringalho, presigo, que se come com o pão.

Zurrapa, vinho fraco.

**TOPONYMIA OU ESTUDO DOS
NOMES DE LOGAR**

REPORTAIRE DE L'ÉTAT
NOMES DE L'ÉTAT

NOTAS PREVIAS

1. Os nomes das freguesias e seus differentes logares são extraídos da *Chorographia Moderna do Reino de Portugal* por João Maria Baptista; vol. II e VII, que, apesar dos muitos erros e deficiencias, julgo ser a melhor obra sobre o assunto.

2. Em quasi todas as freguesias os nomes dos logares vão repartidos em duas secções, ficando na 1.^a os que, ou são tão claros que nenhuma explicação precisam, ou já foram explanados na *Tabella Geral*, que segue a estas notas, e na

2.^a separados por um travessão aquelles que é preciso explicar.

3. Quando na 1.^a secção apparecem nomes de santos: S. João, S. Pedro, S. José, e mesmo somente Piedade, Bonança etc., entende-se que no dito lugar ha ou houve capella ou igreja do santo ou santa desse titulo.

4. Alguns nomes da 2.^a secção vão em branco, porque francamente os não sei explicar. Outros vão como duvidosos.

Muitos dos nomes gothicos vão desabonados de citações dos *Diplomata et Chartae*, porque eu só pude consultar os 100 primeiros documentos alli contidos; quanto a esses é possível que haja alguma differença de forma, sobretudo no thema, e por isso devem considerar-se provisoriamente como hypotheticos.

Nenhum dos mesmos nomes gothicos leva o seu correspondente significado, porque ainda não pude obter o *Altdeuteches Namenbuch* de Förstemann, que é obra rara ou esgotada.

Só á ultima hora é que mandei vir da Allemanha a obra de Meyer-Lübke sobre o mesmo assunto, *Die altportugiesischen Personennamen germanischen Ursprungs* por me informarem especialistas na materia que ella supre bem a outra.

Se chegar a tempo, darei no fim do volume uma lista alfabetica dos nomes com os seus significados.

Quanto aos nomes arabes apoio-me nos *Vestigios da lingua arabica*, bem contra a minha vontade, pois todos sabem que obras anteriores á fundação da Glottologia são fracos esteios; mas para nomes proprios não ha outra.

5. Para as pessoas que já leram detidamente a *Historia de Portugal* de A. Herculano, a *Historia da Administração Publica em Portugal* de Gama Barros, *As villas do norte de Portugal* de Alberto Sampaio, e alguns dos documentos ou contratos contidos nos *Diplomata et Chartae*, que conjunctamente com as *Inquisitiones*, os *Livros de linhagens* etc. faz parte dos *Portugalicae Monumen-*

ta Historica, para esses, digo, nenhuma admiração causa o ver citados como gothicos tantos nomes de logares. O contrario é que deveria causar estranheza. Os Wisigodos dominaram aqui desde 409 a 711, cerca de 3 sec., adaptando a civilização e lingua dos romanos; ao passo que os Arabes, que lhes succederam, nunca puderam enraizar o seu dominio para norte do Douro.

6. Sempre que se diz que uma palavra deriva dum gen. (genitivo), e mesmo algumas vezes que se vê derivar dum adj. (adjectivo), deve subentender-se antes o substantivo *villa*: assim: *Martini*, *Mondini*, *Manienti*, *Queriaci*, *Midonis*, *Mauri*=*a villa Martini*, *villa Mondini* etc. e *Cambensis*, *Geminensis*, *Cannabensis*=*villa Cambensis*, *villa Geminensis* etc.

7. Os nomes terminados em *ães* explicam-se como uma derivação do chamado genitivo gothico em *anis*: *Fasila-nis*, *Gontina-nis*, *Gundila-nis*, *Ansila-nis*, *Quintila-nis*, *Nina-nis*, *Numa-nis*, *Romariga-*

nis, Fromariga-nis, Andra-nis, Bal-luga-nis, etc. que deram *Fafiães, Gontinhães, Gondalães, Ansiães* (é assim que se deve escrever a villa transmontana e outras), *Quintiães, Ninães, Numães, Romarigães, Fromarigães, Andrães, Ballugães.*

Mas ao lado destes ha uma classe de radical evidentemente portugêz: *Cervães. Cepães, Crujães, Lamações, Minhotães, Farellães, Fiães* etc., em que a desinencia não parece designar *posse*, mas antes *collecção* ou *agrupamento*: logar de corças, logar de cêpas, logar de corujas, logar de minhôtos etc.

Para explicar a origem destes temos de admittir uma de duas hypotheses: 1.^a são genitivos gothicos como os outros, mas, formados quando a ideia do genitivo possessivo se havia já obliterado, o povo empregava inconsciente aquella desinencia para denotar *agrupamento*: 2.^a a desinencia *ães* é uma nasalação de *eles* depois da queda do l intervocalico: portanto *Cepales, Cepaes, Cepães.* Esta ultima explicação ouvi-a ha 20 annos ao meu douto professor, Francisco Adolfo Coelho.

8. Enquanto trabalhava na composição desta parte da obra, procurei ler a *Nobiliarchia Portugueza* por Antonio de Villasboas e Sampaio (Lisboa, 1728), que no cap. ix trata extensamente de Barcellos e seu concelho.

De *Barcellos* as etymologias, que cita, são 7: 1.º *Bracia Celani* ou Ambracia; 2.º *Barcinos*, fracção do povo carthaginês; 3.º *Vercelos*, cidade da Lombardia em Italia, a moderna Verceil; 4.º *Barracelos* ou Barra Celani, barra do rio Celano; 5.º *Barca Coeli*, barca do ceo, por serem naquellas immedições os Campos Elysios; 6.º *Barcilenos*, de *bar*, palavra hebraica que significa *filho*, e *Cilenos*, celtas franceses que consta haverem-se estabelecido no territorio bracarense e ás margens do Cavado; 7.º *Barca Celani*, barca de Celano.

Nenhuma destas satisfaz ás leis de Glottologia e raros desses nomes latinos, ahi citados, se encontram em autores seguros. Na Archeologia de Barcellos está ainda infelizmente quasi tudo por investigar.

Quanto a *Faria*, antigo julgado

e moderna freguesia, deriva-a de *ophir* ou região *ophiriana*, e funda-se no celebre chroniçon Flavio Dextro. De maneira que a terra de *Ophir*, donde vinham para Salomão tantas armadas carregadas de oiro e pedrarias, era alli por Faria, Rates, Povoa de Varzim, e prolongando-se pela Maia fora chegava até alem do Porto, até á *Feira*, nome que tam-bem deriva de *ophir*!!

Bastuço, deriva-a dos povos *Bastianos*, de que falam Plinio, Strabão e Ptolomen.

Ayró, deriva-a de monte *aurco*, porque ali havia minas de ouro.

A etymologia de *aureus* nem sequer se discute. Imaginemos porem que elle queria dizer *aureolus*, que parece ter alguns visos de provabilidade. Respondemos somente em duas palavras; nunca *au* lat. deu *ay*, *ai* ou *ei* em portugûês, mas sim *ou* ou *oi* (cf. *thesaurus*, thesouro, *maurus*, mouro ou moiro, *paucus*, pouco, *laurus*, louro ou loiro etc.)

Franqueira, deriva-a dos povos

Francos e aqui, Deus louvado, acertou.

9. A menos d'um kilometro do lugar onde escrevo (Chapre, freguezia de Midões) fica S. Bento da Varzea, onde em 1220 se deu um celebre recontro entre portugueses e gallegos, narrado por A. Herculano (Hist. de Port. vol. II, pag. 233 da 2.^a ed.) Mas nos *Livros de Linhagens* (vol. *Scriptores do Portugalæ Mon. historica*) vem o recontro narrado mais minuciosamente.

Por varias vezes tentei descobrir entre os nomes de logares ou de campos, tanto da Varzea, como de Midões ou Gamil, algum que designasse *lide*, *matança*, *mortalidade*, *rio tinto*, a ver se assim podia marcar o lugar preciso da contenda, pois nos citados *Livros* apenas se diz que foi *a par de Varzea*.

10. Mas se por este lado foram infructuosas as minhas buscas, tive o prazer de ver a cada passo citadas algumas freguesias ou logares do concelho.

Ahi vai uma lista para os cu-

riosos destes estudos:

Penegate a pag. 143, 150, 155, 159, 324, 329.

Villar de Frades 143, 168.

Durrães 150, 154, 359, 360.

Baldreu 162, 321.

Fornelos 163, 167, 174, 176, 199, 295, 315.

Alvellos 164, 298.

Ayró, 166 e sob a forma Eirón 373 e 374.

Sequiade (Cequiavi) 166.

Encoirados 168. 373 e 374.

Manhente 168 e sob a forma Manient 359.

Roriz 166.

Farelães 183.

Carapeços 200, 296.

Tamel (Tamhal) 320, 360, 381.

Oliveira (olveyra) 312, 348.

Moldes (Molles) 163, 316, 329, 357, 359, 361, 366.

Alvite 360.

A respeito d'algumas (Penegate, Durrães, Alvellos, Fornellos etc.), como são nomeadas quasi sempre como appellidos de familia, é duvidoso se se referem a logares do concelho, visto haver outras iguais lá fóra.

TABELLA GERAL

Nomes de logar communs a
quasi todas as freguezias

Agra, grande extensão de terra plana, cultivada e ordinariamente secca.

Agrella, pequena agra.

Agrêllo, pequeno campo.

Assento, séde, centro, logar da Igreja. Quando numa freguezia ha os dois logares do *Assento* e da *Igreja*, pode admittir-se a hypothese que a igreja mudou de sitio e que os dois nomes designam o logar antigo e o moderno.

Bacêllo, do lat. *bac-ellus*, deminutivo de *bacillus*, pequena vara, pequena haste, pé de videira, campo de vides.

Barrada, }
Barral, } logar onde ha barro.
Barreiro, }

Bouça, terra bravia ou de matto mais ou menos cercada de parede.

Bouço, } originariamente significa
Boucós, } pequena bouça; mas o sen-
Boucinha, } tido moderno é campo cultivado. Talvez derive o nome de ter sido em tempo bouça ou terreno bravio.

Cachada, logar ou campo em tempo bravio e depois arroteado, reduzido a cultura ou *cachado*, conforme diz o povo.

Cachadinha, pequena *Cachada*.

Cangosta, caminho fundo e ordinariamente lamacento, do lat. *cal-augusta*. *Quingosta*, é uma variante popular.

Castello, lugar onde ha ou houve uma fortificação; lugar alto, ponto elevado.

Cepães, lugar onde ha cepas ou pés de videira.

Costa, a raiz, o começo do monte.

Couto, lugar privilegiado onde não entrava a justiça do rei.

Coutada, couto grande; grande extensão de terreno bravio ou de matto.

Cova, |
Covêlo, | lugar baixo.

Crasto, do lat. *castrum*, lugar fortificado, ponto de defesa, presidio avançado que servia de guarda ás *appida*.

Devêsa, do lat. *defensa*, bouça ordinariamente murada.

Fôjo, cova, lugar fundo.

Fontainha, }
Fontêllo, } pequena fonte.

Gandarella, }
Gandarinha, } pequena Candara ou
 } *Gandra*.

Gandra, grande extensão de terreno
 maninho e infrutifero.

Giestal, }
Giesteira, } lugar onde ha giestas.

Lage, penedo achatado e de superfi-
 cie plana.

Lagido, lugar onde ha *lages*.

Lourêdo, lugar de loureiro.

Lourido, o mesmo.

Outeiro, lugar alto.

Paço, do lat. *palatium*, casa nobre,
casa grande. A principio era a
morada do *dominus* ou senhor
das *villas*, que correspondem
aproximadamente ás modernas
freguezias.

A grafia *Parso* que appare-
ce a cada momento nos livros

de *Corografia*, é erro evidente, porque nas *Inquisitiones* nunca a encontrei, mas sim *Pazo* ou antes *Paazo*.

Painçal, lugar onde ha painço.

Pena, {
Penha, { penedo, penhasco, pedra.

Picôto, o ponto mais alto dum monte.

Pousada, lugar onde se pousa ou descansa.

Quingosta, vede *Cangosta*.

Quinta, serie de propriedades juntas ordinariamente cercadas com muro.

Quinta, o mesmo. Deriva de *quintana*, porque se suppõe que dessa herdade se pagava um *quinto* para o senhorio directo.

Quintella, pequena quinta.

Real, do lat. *regalis*, terreno do rei ou da corôa.

Reborêdo, do latim *robor-etum*, deve-
Reborido, sa ou souto de carvalhos.

Reguengo, do lat. *regalengus* o mes-
mo que *Real*.

Torre, castello, fortificação, casa alta.

Varzea, do lat. medieval *varzena*, pla-
nicie fértil, ordinariamente nas
margens dos rios.

Varziella, originariamente pequena
varzea, modernamente leira de
matto.

Veiga, campina muito fértil.

Villa, no sentido romano e gothico
é uma grande extensão de terra
unida e pertencente a um só
dominus ou senhor.

As *villas* variavam muito de
extensão, como as modernas fre-
guesiaz que lhes succederam.
Tinham muitas vezes um km.
em quadrado (100 hectares), o
o que dá uma freguezia regular;
mas tambem ás vezes tinham 2
km. (200 hectares) ou 1/2 km.

(50 ectares).

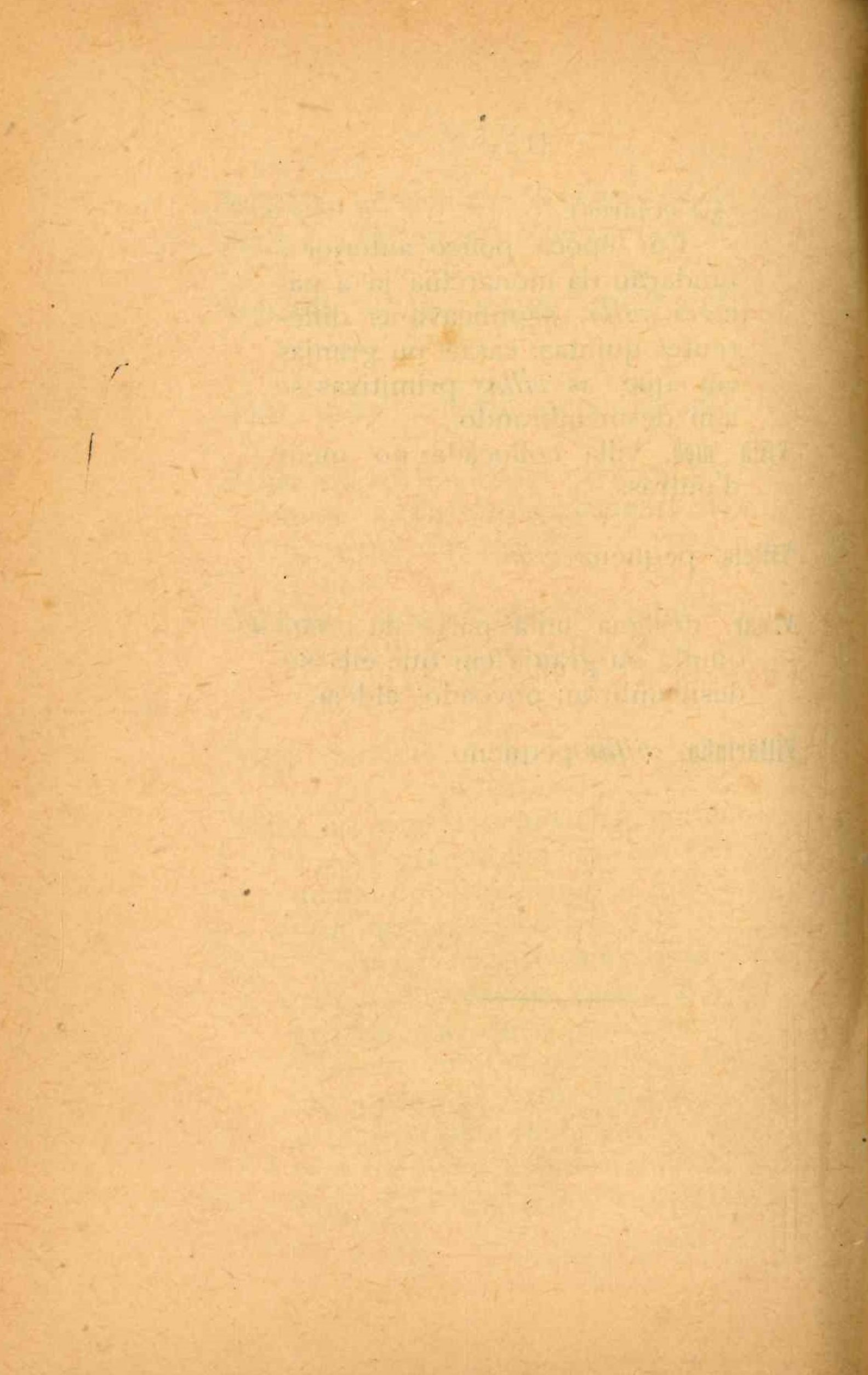
Em epoca pouco anterior á fundação da monarchia já a palavra *villa*, significava as diferentes quintas, casais ou granjas em que as *villas* primitivas se iam desmembrando.

Villa meã, villa collocada no meio d'outras.

Villela, pequena *villa*.

Villar, designa uma parte da *villa*, quinta ou granja em que ella se desmembrou; povoado, aldeia.

Villarinho, *villar* pequeno.



TOPONYMIA DE BARCELLOS

FREGUESIAS E SEUS LOGARES

I Abbade de Neiva.

Antigamente chamava-se Santa Maria de Condevão, de Vado ou de Abbade de Neiva, e nasceu de um convento que ahi fundou a nossa primeira rainha D. Mafalda. Os autores fallam num letreiro gothico que alli existe com a data de 1190 (era de Cesar), correspondente a 1152 da era christã.

A antiga comarca de Barcellos constava de cinco julgados, Faria, Vermoim, Neiva, Penafiel (Bastuço) e Aguiar (cf. *Nobiliarchia Portugue-*

za por Antonio de Villas Boas e Sampaio. Lisboa, 1728, pag. 90).

Ora havendo na comarca duas freguezias com o nome de *Santa Maria do Abbade*, uma junto á villa e outra a 15 km. ao sul, designou-se a primeira com o nome de *Abbate de Neiva* por ficar no julgado de Neiva e a outra com o de *Abbate de Vermoim* por ficar no julgado de Vermoim.

LOGARES:

Monte, Real, Fojo, Barreiro, Igreja, Quintã, Lage, Villa Meã, Santo Amaro, Cachadinha, Costa-má, Pinheiro, Tanque, Castello, Covêlho e Faial,

Amorim, de *Amorini*, gen. de nome gothico.

Vrea, do lat. *Viridia*, folhagem verde, espessura, bosque, arvoredos.

Argufe, de *Argulfi*, gen. de nome gothico.

Mendim, de *Mendini*, gen. de nome gothico.

Toural, vede a freguesia n.º 59.

2 Aborim.

O etymo d'esta freguesia é *Abor-*

vini, gen. de nome gothico.

LOGARES:

Gandra, Mourisca, Portella, Agrella, Portellinha, Pereira, Cubas, Celleiro; Aspera, Fonte, Picôto. Pegãs, Outeiro, Vinha, Paço, Loba, Vivos, Calvario.

Gova e *Algova* da freguesia n.º 64 julgo que é tudo a mesma palavra arabe, precedida ou não do artigo *al*.

Frião, forma contracto de Fraião, de *Fraylanus*, nome gothico que figura entre os santos do breviário bracharense. Nos *Dipl. et Chart.* ha *Froila*, doc n.º 1 e 9, *Froyla*, doc. n.º 18 e 19

Doimenta, do lat. *Monimenta*, templo, estatua, obra, edificação; tudo o que serve a transmittir á memoria dum facto.

3 Adães.

Etymo, *Athanes* ou *Athanis*, nome gothico.

LOGARES:

Cepães, Poço, Barreiros, Sobrej-

ro, Lages, Assento, Outeiro, Victorinho.

Airó, do lat. *areolus* (de *area*), pequena eira, ou lage nos montes onde se vai secar o milho. Este lugar fica para os lados da freguesia de Airó (vede n.º 5), á qual propriamente se adopta o etymo.

4 Aguiar.

Etymo, lat. *aquilaris* (de *aquila*), da águia ou relativo á aguia.

LOGARES:

Tulha, Velha nova, Ponte das Tabuas, Pousada, Agrella, Quinta Nova, Igreja.

Reboleira, lugar onde ha ou houve rebo ou pedra miuda.

Lousa, pedra escura, ardosa. No baixo latim peninsular apparece *lausiae*, que deriva duma raiz celtica *laus* (Cf. Körting, *Latéinisch—Romanisches Wörterbusch*, 2.^a ed. 1891, n.º 5483).

Pomaraço, grande pomar.

Castelhão, castello grande. Esta palavra parece de procedencia hes-

panhola, onde ha *castillo*, *castil-lal* ou *castillon*.

5 Airó.

O etymo está dado na freguesia n.º 3.

LOGARES:

Salgueirinhos, Nogueira, Assento, Painçal, Gandra, Lourêdo, Giestal, Monte, Monte do Poço, Poço.

Valdemil, *Waldemiri*, gen. dum nome gothico.

Telhêlhe, do lat. *teguliculae*, deminutivo de *tegula*), pequena telha.

6 Aldreu,

O etymo é *Alderedus*, nome gothico (*Dipl. et Chart.*, doc. n.ºs 29, 46, 63).

LOGARES

Rio, Fontainha, Tôrre, Estrada, Sant'Iago, Boavista, Bouça, Lages, Souto, Oufeiro da Vinha, Aldeia.

Brirais, julgo que é o mesmo que *Brirães* da freguesia n.º 62.

Madôrra, (Modorra ou Madorna), vontade de dormir, sono pesado, costuma derivar-se de *veternus*, velho.

Sá, vede a freguesia n.º 38.

Donello, do lat. *Domnellus*, pequeno senhor. (No *Dipl. et Chart.* doc. n.º 95, apparece mesmo *Donellus*).

7 Alheira.

Etymo *Alliaria*, terra de alhos.

LOGARES

Eira Velha, Bouça, Casal do Monte, Real, Pinheiro, Outeiro de Baixo, Estrada, Igreja, Fonte, Alem, Outeiro de cima, Cachada, Outeirinhos, Granja.

Regoufe, de *Regaulfi* nome gothico em gen.

Ponte d'Anhel, do gen. *agnelli* (diminutivo de *agnus*), pequeno anho.

Sogilde, de *Sunigildi*, gen. dum n. pr. gothico *Sunigildus*.

8. Alvellos.

Etymo *Albellus*, no gothico.

LOGARES:

Quintã de Alvellos, Carreira, Pinheiro, Paço, Prêsa, Igreja, Devesa, Giestas, Rio de moinhos, Agra, Lavadouros, Barbeira, Souto das freiras, Outeiro, Senhor do gallo, Socorro, Santa cruz, Trancão, Lameiros.

Sanguinhal, lugar onde ha sangui-nhos, arvore conhecida.

Prêto, lugar assim chamado de um preto ou negro que alli veio morar ha muitos annos, e de que ainda por alli ha descendentes na freguesia e freguesias vizinhas, embora bastante modificados na côr. Esta informação devo-a a uma criada da minha familia natural d'alli: pois a grafia da *Chorographia Moderna* de J. M. Baptista, donde extraí todos os nomes de lugar, é *Fretto*, que só serve para desorientar todos os etymologistas.

Rabadella, o mesmo que rabada ou parte do corpo dos animais.

9. Alvito (S. Martinho).

Etymo *Alvitus*, nome gothico

vulgarissimo nos primitivos documentos relativos ao nosso país. (*Dipl. et. Chart.*, doc. n.^{os} 4, 13, 20, 21, 22, 28, 29, 31, 34, 36, 43, 55, 65, 70, 73, 76, 77, 78, 81, 99).

LOGARES:

Carvalhal, Pisco, Igreja, Gandarinha, Pinheiral.

Coturella, lugar alto, ponto elevado.

• Gaioso, talvez nome de homem, porque no português antigo significa alegre, divertido.

Tabolado, tapamento de tabuas; estrado; jôgo antigo.

10 Alvito (S. Pedro).

LOGARES:

Cruz, Aldeia, Reborido, Igreja, Quinta, Outeiro, Violante, Rio do Porto.

Leiros, talvez Leirós, que se pode considerar como um deminutivo de leira,

Fontão, do lat. *Fontanus*, deus das fontes,

Perêllo, diminutivo de pêra, se não temos aqui uma errata em vez de Perrêlo, que apparece noutras freguesias e se explica por *petrellus* pequena pedra.

Castilhão, augmentativo de *castillo*, palavra hespanhola.

Gaivas, do lat. *cavea* (de *cavus*), cavidade, barranco. No antigo português *guaiva* significava masmorra, prisão.

Guerrelha, pequena guerra.

II Arcozello

Deriva de *arcu-cellus*, pequeno arco.

LOGARES:

Igreja, Rego, Corujos, Estrada, Seixo, Calçadas, Senhora do Ó, Granja, Pontes, Forças ou Forgas, Souto, Penedos, Estrada de baixo, Ribeiro, Quinta de St.^a Marta, Pedra do Couto, Quinta.

Bajoinde—

Torgos, de torgo, uma especie de urze.

12 Arcias de Villar

O nome vem-lhe do areal que ha junto ao rio Cavado e que tambem deu nome á freguezia que fica do outro lado do rio, S. Vicente d'Arcias.

LOGARES :

Estrada, Bouça, Aldeia, Monte, Villar, Quintã, S. Sebastião, Loureiro, Quintella, Souto, Outeiro, Assento, Socôrro, Campos, Avelleiras, Lages, Pedreira, Barreira, Montinho.

Caslopo ou Casalopo, casal do sr. Lôpo. O livro das *Inquisitiones*, que faz parte da collecção *Portugallæ monumenta historica*, menciona um *casale de Lupo* na freguesia de Asia ou Azias, da terra de *Anovrega* (Ponte da Barca): é portanto um nome de logar usado desde os principios da monarchia.

Burguête, pequeno burgo, povo, ou arrabalde.

+ Sebastopol, nome dado a um logar talvez por occasião da guerra do Oriente, em que muito se fallou na tomada da celebre praça de

guerra sobre o Mar Negro. Este nome é erudito e desconhecido do povo.

Eirigo (fonte de)

13 Areias S. Vicente

Vede a freguesia n.º 12.

LOGARES:

Sant' André, Portella, Erdos, Quingosta, Monte, Seixos-alvos, Tomadias, Souto, Carvalho, Aldeia.

Passal, lugar onde ha passas ou vides.

Penida (monte da), deriva de *pena* ou penha (raiz *pen*) assim como os nomes communs penedo, penhasco, e os proprios Peneda, Penalva, Penalvão, Penella, Penouço, etc.

14. Ballugães

Vede a nota sobre os nomes em *ães*.

LOGARES:

Rua do monte, Ribeiro, Souto, Pires (das), Eira Vedra, Quingusto,

Monte, Castanheira, Aparecida (da), Cancellia, S. Bento, Pocinho, Lagoa, Reguengo.

Penêda, vêde a palavra *Penida* na freguesia anterior.

Algares, é uma palavra arabe *algar*, que significa espelunca, furna, caverna.

15. Barcellinhos

E' um diminutivo de Barcellos. Este facto de distinguir por meio de suffixo differente duas povoações vizinhas ou relacionadas por qualquer circumstancia é muito vulgar no nosso Onomastico: Alcoentre e Alcoentrinho, Sarzedo e Sarzedinho, Serzedo e Serzedello, Souto e Soutello, Cabanas e Cabanellas, Varzea e Varziella, Tougues, Touguinha e Touguinhó, Gandara e Gandarinha e Gandarella.

LOGARES :

Areal, S. Braz, Ribeiro, Tomadia, Sancho, Gandra.

Lavandeiras, logar onde ha mulheres a lavar.

Ninães, vede a nota sobre os nomes em *ães*.

Mareces, Ha varios nomes de logar com a forma Mareco e Marecos derivados dum nome gothico *Marecus* (*Dipl. et Chart.*, doc. n.º 63); para explicar a forma *Mareces*, que julgo do mesmo thema, é preciso admittir o gen. irregular *Marecis* em vez de *Mareci* e então seria villa *Marecis*, quinta o predio de Mareces e mais tarde por simplificação Mareces.

Medros

Tessadas, é termo de agricultura que significa a lavagem dum campo: em latim. *terra versata*, terra sulcada ou virada pelo arado.

16. Barcellos

A unica etymologia que parece segura é *Barc-ellus*, pequena barca. Barca é uma palavra fenicia usada já no tempo da dominação romana para designar tanto uma pequena embarcação como um appellido de familia (Amilcar Barca), que no fundo vem a disparar na mesma coisa,

sabido que os nomes proprios se derivam de nomes communs.

As etymologias *Barca Coeli*, *Barca Celani*, *Bracia*, *Vercelli*, *Barra Celani* e outras apresentadas pelos antigos, são espertezas só toleraveis antes de fundada a Glottologia.

Quanto ao Cávado, que banha Barcellos, é sabido que esta forma moderna é uma metathese fonetica cf. *Madanela* por Madalena, *aldigar* por alguidar, *garibú* por gabirú) de Cádavo, unica maneira como apparece escrita nos documentos dos primeiros seculos da monarchia, o que se pode ver nos *Livros de linhagens*, passim. Direito mesmo que muito antes de fundada a monarchia se escrevia Cadavo ou Cadabo: no documento n.º 91, relativo ao anno 965, publicado no 1.º vol. dos *Diplomata et Chartae* que faz parte do *Portugalia monumenta historica*, fallando da freguesia de Silveiros, deste concelho, diz: *uila, Sisbarios teritorio bragalensis sub-*

tus montem Asagie inter Cadabo et Aliste.

Em gallego conserva-se ainda esta palavra *cádavo* como nome commum significando urze ou tojo queimado, e *cadaval* logar das urzes queimadas. Acho mais natural que o nome do nosso rio lhe venha de atravessar um logar onde se queimaram as urzes, do que deriva-lo dum grego forjado á ultima hora, *Katavos* para significar *o que fica depois do Ave*.

LOGARES:

Pedra do Couto, Granja, Senhora do Ó, Bom Successo, Bagoeira.

17. Barqueiros

O nome vem-lhe de haver alli homens que trabalhavam com barcos.

LOGARES:

Igreja, Villares, Castanheiro, Covaz, Lagôa negra, Telheiras, Talhas.

Prestar, julgo ser palavra arabe, como *Baçar*.

Jouve—

Avilheiros, assim apparece na *Chorographia Moderna* de Baptista e no *Dicc. Chorographico* de Mattos, mas talvez seja errata por *Abilheiros* ou *Abelheiros*, os que tratam de abelhas.

Bassar, (terreiro de), julgo que é uma má grafia de *Baçar* e *Baçal*, que apparecem como nomes de logar na Beira e em Traz-os-montes, e que derivam do arabe *baçal*, o cebollal.

Criaz—

18 Bastuço (S.^{to} Estevão)

E' um derivado de *basto*, que significa compacto, cerrado, espesso e que provavelmente lhe foi dado por causa da muita arvore, matto ou urze que alli houvesse.

LOGARES :

Agrella, Cruzeiro, S. Paio, Fonte, Monte, Bouços, Ribeiro, Valle, Paço, Cruz de Villar, Covêllo.

Lavandeira, vede a freguesia n.º 15.
Brancêlho, é um derivado de *brança*,

espiga chocha e de grãos enfezados.

Sourinho, deminutivo de *Soure*, que vem de *saurae*, gen. de *saura*, especie de lagarto. *Saura* é de origem grega, mas apparece no b. lat. da Hespanha e pode ver-se em Isidoro de Sevilha, escritor e gramatico do sec. vi.

Fagilde, do gen. *Fagildi*, do n. pr. gothico *Fagildus*. (*Dipl. et Chart.*, doc. 80, 81, 88; *Fagildo*, doc. n.^{os} 14, 57).

19 Bastuço (S. João)

LOGARES:

Real, Matta, Cachada, Monte, Villar, S. Silvestre, Eido, Pinheiro, Barrôco, Quinta, Costa, Covêllo, Bouça.

Justa-monte, vem do latim *juxta montem*, junto ao monte.

Coucieiro, significa provavelmente *que está atrás* ou *que fica atrás*, pois tal é a ideia primitiva do latim *calce(m)* e dos derivados portuguezes *couce*, *couceira*, ou *couçoeira*, *coucear*, *escouçar*, *cou-*

cão. *Calx*, *cis*, o calcanhar, o pé, a pata. *Couce*, a parte posterior, o golpe da pata. *Couceira* ou *couçoera*, prancha grossa de madeira que fica na parte posterior da porta sobre a qual ella gira. *Escouçar*, repellir para trás, expulsar. *Coucão*, do b. lat. *calcanu(m)*, é uma peça de madeira que fica *atrás* do eixo e o não deixa fugir para o fundo do carro,

20 Cambêses

Deriva do b. lat. * *camb-ensis* (adj.), curva, vergado. Da mesma raiz ha em português *cambo*, *camba*, *cambado*, *cambão*, *cambar*.

LOGARES:

Venda nova, Bacêllo, Pombal, Boucinha, Magdalena, Bairro, Bouçó, Igreja, Pomarinho, Guarda, Outeiro, Carvalhal, Monte, Cruz, Paço, Lama, Rego, Redonda, Carreira, Carvalhal, Santo côvo.

Brasil, nome posto a este logar em

lembrança da grande nação da America do Sul, outrora pertencente a Portugal.

Samil, de *Samiri*, gen. dum n. pr. gotico *Samirus*.

Fontão, vede a freguezia n.º 10.

Quintães, pl. de Quintã, que tambem pode fazer *Quintãs*.

Chães, pl. de Chã, que deriva de *plana*.

Peneirada, lugar onde se peneira. Ha neste lugar 3 ou 4 padeiros.

Tesêllo, pequeno outeiro, de * *tensellus*. No portuguez antigo *tesa* já significava *outeiro*.

Minhoteira, lugar onde ha minhôtos.

Pinguolla, pequena peça de pau que ajuda a segurar a armadilha ou ratoeira de apanhar passaros; cousa mal segura, *pingarêlho*.

21 Campo

LOGARES:

Igreja, Fonte, Casal, Monte, Rato, Quinta, Leiras, Valles, Gandra, Ponte, Crasto do Antigo, Crasto do Monte.

Crasto, vede freguesia n.º 23.

Casal Meilho, talvez *casale melius*, casal melhor.

Crestes—

Merouços, significa montes, rumas ou acumulações de objectos.

Soixomil, pela terminação vê-se que deriva dum n. pr. gothico em *mirus*, provavelmente *Saximirus*. Nas *Inquisitiones* apparece escrito *Segismir*.

Galiães, do gen. *Gallia-nis*, do n. pr. gothico *Gallia*.

22 Carapeços

Não é palavra latina, nem me parece arabe; acho mais probabilidades de ser gothica, embora não tenha elementos similares para estabelecer a comparação.

LOGARES:

Quinta, Pia, Boucinha, Soutello, St.^a Catharina, Pás, Souto da velha, Capella, Rio, Coutada, Pimenta, Sobreiro, Monte, Olival, Pedregal, Costa, Igreja, Fonte nova, Moinhos.

Coval, lugar baixo. A mesma ideia se

contem em *Cova*, *Covada* que são da mesma raiz.

Bocal. Nos livros vem *Vocal*, mas esta palavra é erudita e desconhecida do povo, porisso julgo haver aqui um erro da grafia. *Bocal* é um derivado de boca e significa parapeito de pedra na boca do poço, boca de mina, entrada de caverna etc.

Picota, pelourinho ou columna onde se açoutavam os criminosos.

Mamôa, do lat. *mammula* pequena mama, pequena elevação ou saliencia de terreno.

Areosa, lugar coberto de areia.

Sabariz, do gen. *Sabarici*, de Sabaricus, n. pr. gothico. (*Dipl. et Chart.*, 17, 76).

Samil, vide freg. n.º 20.

Camera, caverna, furna, catacumba, abobada.

Caride, do gen. *Cariti*, do n. pr. gothico *Caritus*.

Escairo, deriva de *Escarius*, nome gothico que parece pertencer ao mesmo thema que *Escaredus* e *Escaricus*, que servem para explicar os nomes do lugar *Escarei*, *Escarigo*, *Escariz* etc.

Pedroga, pedra grande. No Onomastico portuguez ha varias palavras derivadas desta: Pedrogo, Pedrogos, Pedrógão, Pedrogueira.

Arleira, o mesmo que *Areosa*, que fica acima.

Gramosa, lugar onde ha grama ou gramão, herva de muitas raizes que apparece ao lavrar ou sacar.

Porrido, do b. lat. *putrire* por *putrere*, significa apodrecido, como o fr. *pourri*.

Picarreira—

Ufe, do gen. *Ulfi* de *Ulfus*, n. pr. gothico.

Estrada de Ufe, vede o antecedente.

Máris, do gen. *Marici*, de *Maricus*; ou antes do gen. de *Malaricus* ou *Manaricus*, para explicar o accento da primeira syllaba.

23. Carreira

Carreira no portuguez antigo significa *estrada*, *caminho de carro*, e tambem *lugar onde se fazem corridas a pé ou a cavallo*.

LOGARES:

Ribeira, Cachada, Poça, Pousada, Guarda, Campo, Sellas, Casal da igreja, Vinha da fonte, Portella, Barreiro, Outeiro, Assento.

Crasto, do lat. *castrum*, lugar alto e fortificado, para defender as *oppida*.

Pigeiros: talhadoiros que se fazem nos regos d'agua: deriva de *pejar*, que significa fechar ou tapar. (Cf. a expressão *pejar o moinho*).

Reimonde, do gen. *Ranimondi* de n. pr. gothico *Ranimondus*.

Reimondinho, deminutivo do antecedente.

Varzea, grande planicie cultivada, ordinariamente nas margem dos rios. (cf. *As villas do Norte de Portugal*, por Alberto Sampaio, pag. 69).

Cambôso, o mesmo que *Combeses*, vide a freg.^a n.º 20.

Talhos, pequenas leiras de terreno cultivado ou de matto.

Pera-figueira, variedade de pereira, pereira que dá peras doces como figos.

Cambosinho, deminutivo de Camboso, que fica acima.

Padrão, de *patronus*, o que auxilia, o que protege, o senhor; o modelo, a marca, o sinal.

Penegate, vem do gen. *Penegati*, de *Penegatus* que julgo um composto de *pena* ou *penha* + *Gatus*. *Dipl. et Chart.* doc. n.º 26).

24 Carvalhal

LOGARES:

Igreja, Monte de baixo, Monte de cima, Bouça, Assento, Villa Chã,

Medros—

Portocarreiro, porto dos carros, albergue ou pousada ao longo das estradas onde descansavam os carros.

Fellões, homens encarregados de afelloar ou apisoar o panno. Parece que antigamente eram vulgares no concelho; hoje quem quiser panno apisoado é preciso ir compra-lo a Guimarães, onde o vem vender homens dos lados de Fafe.

Pontegãos, parece formado de *pontega*, do lat. *ponteca*, pequena ponte.

D'ahi viria *Pontecanos*, donde *Pontegãos* «os que moram perto da pequena ponte». E' certo que ha uma *pontelha* nesta freguesia, mas fica bastante longe do lugar de que se trata.

Por um lado os nomes de lugar deslocam-se ás vezes por motivos que não é facil determinar e por outro a minha etymologia apresento-a como mera hypothese.

Pereiró, pequena pereira, do b. lat. *pirariolus*, deminutivo de *piraria* que significa *pereira* (cf. as formações similares *Figueiró*, *Nogueiró* de *ficariolus* *nucariolus*).

Longras, parece derivar de *Longulas*, pouco longas e denotar uma pequena extensão de terreno.

Marnota, terreno alagadiço.

25. Carvalhas

LOGARES :

Portella, Estrada, S. Martinho,

Perdigão, Almas, Real, Outeiro, Leira d'eira, Bouça nova.

Feitosa, o mesmo que feital ou lugar de fetos ou feitos, consoante a pronuncia do povo.

Naia ou Anaia

Amins—

Vermos—

26. Chavão

Deriva do n. pr. lat. *Flavianus*.

LOGARES:

Povoa, Seara, Boucinha, Agrel-
la, Aldeia, Ribeiro, Serra, Commen-
da.

Gòmil, do gen. *Gomiri*, de *Gomirus*
ou *Godomirus*, n. pr. gòthico.
(Nos (*Dipl. et Chart.* apparece
Goimirus, doc. n.º 88, e *Guimi-*
ro, doc, n.º 46).

Cabo, lugar remoto ou extremo da
freguezia.

Picòtos, cumes de monte, os logares
altos.

Ordem: sendo esta freguezia uma
commenda da Ordem de Malta
não admira que os dois nomes

Commenda e Ordem se conver-
tessem em logares da mesma
freguesia.

Padrão, vede a freguesia n.º 23.

Crasto, vede a freguesia n.º 23.

27. Chorento

Deriva do n. pr, lat. *Florente(m)*.

LOGARES:

Costa, Quintã, Assento, Carva-
lho, Gandarinha, Souto, Moços, Tor-
re, Castanheira, Villa, Torrinhãs,
Bairro.

Sandim, do gen. *Sandini*, do n.
pr. gothico *Sandinus*. (*Dipl. et*
Chart. doc. n.ºs 20, 26, 42, 56,
57, 66, 72, 84, 87, 90).

Idanha, de *Aegiditania*, nome que se
dava no tempo dos romanos a
varias povoações situadas dentro
dos limites do moderno Portu-
gal.

Lobeira, do b. lat. *Luparia*, relativa
a lobos, onde ha lobos.

Vinhós, pl. de *Vinhó*, que vem de *Vi-*
neolus, pequena vinha.

Padrão, vede a freguesia n.º 23.

Hospital, apesar de esta freguesia ser commenda da Ordem de Christo, parece ter pertencido em tempo á ordem do Hospital ou de S. João de Jerusalem pelo facto de se localisar aqui este nome.

Amins—

Crasto, vede a freguesia 23.

28. Christello

Significa *Christinho* ou pequeno Christo, do lat. *Christellus*, tambem deminutivo de *Christus*.

LOGARES:

Monte da Igreja, Moinhos, Villar, Regatinho, Bouça, Couto, Outeiro, Porta, Paço, Ferreiros.

Hortal, logar das hortas.

Encourados, vede a freguezia 34.

Vieiro, do lat. *venarium*, *viarius*, veio, veia, beta, filão, marca nos terrenos e nas pedras.

Novais, vem do lat. *novalis*, que tem um sentido duplo nos autores romanos: 1.º terrenos desbravados ou arroteados de novo, 2.º

terrenos que ficam um anno de pousio ou alqueive.

Cerqueira, de * *quercuaria*, derivado de *quercus*, o carvalho.

Chãs, o mesmo que *Chães*, vede freg. n.º 20.

Bassar, vede a freguezia n.º 17.

Monte de Novais, vede acima a palavra *Novais*.

29. Cossourado.

Parece derivar do lat. *Cossus Auratus*, o primeiro dos quais é bastante vulgar nos autores romanos.

LOGARES:

Igreja, Paço, Bouças, Quintella, Barreiro, Calvario, Pousada, Pedreira, Cal, Casal Portello, Cova, Reborido, Monte, Portella, Souto, Giestal, Gandra, Agrello, Quintas, Maceira, Cruzeiro, Casal porteiro, Fonte.

Cadavosa, lugar do tojo queimado (cf. a freguesia n.º 16 na palavra Cavado.

Navló, pequeno navio, do b. lat. *navigiolus*, deminutivo de *navigium*, o navio.

Rogadouro, lugar onde se roga ou pede.

Grimanceinhos, vede o que dizemos a respeito de *Grimancellos*, freguesia n.º 46.

Forjão, appellido de homens applicado a um lugar.

Avelleira, nome de uma arvore conhecida.

Alvagada, nome arabe.

Pedrosas, significa cheio de pedras.

Armel, parece ser o mesmo que *armella*, que no antigo portuguez significa *argolla do portal*.

Fullão, variante de *Fellão*, cujo pl. *Fellões* está explicada na freguesia n.º 24.

Pombarinho, em vez de Pomarinho, é uma forma popular com inter-vallação dum *b*, como succede em *cambara*, *cambarista*, *combro*, *tarimbã*.

Orade, talvez do gen. *Oratae*, de *Orata* a quem se ora. No Alemtejo ha uma freguezia N. Senhora da Orada.

Irmige, do gen. do n. pr. gothico *Ermigijs*, (*Dipl. et Chart.*, doc. n.º 10)

Revolta, é provavelmente um adj.

funcionando como subst. por se haver perdido aquelle que estava a concordar com elle. Em *terra revôlta*, significaria *remexida, revolvida*; em *leira revolta*, *revirada* ou *retorcida*; em *casa revôlta*, *desordenadu, desarranjada*.

Se porem a pronuncia da palavra fôr *Revólta*, nesse caso significa *revolução, levantamento de povo*.

Levandeiras, vede a freguesia n.º 15.
Carregal, lugar onde se carrega ou faz a carregação.

Eiró, pequena eira, do lat. *areolus*, deminutivo de *area*, eira. Esta palavra é uma variante de *Airó*, e tem o mesmo etymo (cf. a freguesia n.º 3).

Corredoura, lugar onde se fazem corridas a pé ou a cavallo (cf. a freguesia n.º 23).

Chouso, lugar fechado ou tapado, do lat. *clausus*, de *claudere*, fechar.

Rôça, é um subst. verbal de *roçar*, que deriva do lat. *ruptiare*, frequentativo do *rumpere* e envolve a ideia de *cortar, romper desbravar*.

30. Courel

Do lat. *quadrelli*, gen. de *quadrellus* variante de *quadrella*, que deu origem á palavra *courella*, terreno quadrangular, leira grande (cem braças de comprimento sobre dez de largo).

LOGARES:

Villar, Tres campos, Campos, Casal de baixo, Casal de cima, Boavista, Igreja, Eira grande, Aldeia, Bouça redonda, Boucinha.

Merouço, vede a freguesia n.º 21.

Bajouco, parece-me appellido de homem no sentido de parvo, palerma, tolo. Não vem nos Dicionarios.

Areosa, vede a freguesia n.º 22.

Seixosa, lugar dos seixos.

Amins —

Ferrado, adj. funcionando como subst. e contendo a ideia de *coberto com ferro*, ou ainda a de *mordido, ferido*. No antigo portuguez usava-se tambem como subst. e significava tarro ou vaso de ordenhar leite.

31. Couto (Sant'Iago).

Esta freguesia tem estado annexa á do Campo (S. Salvador). *Couto* era um logar privilegiado onde não entravam as justiças do rei: vem do lat. *cantus*, acautellado, defendido.

LOGARES:

Casais, Aldeia, Latas, Portellinha, Cerca, Passal, Monte.

Midas: na mythologia greco-romana figura um fabuloso *Midas*, rei da Asia menor. Julgo mais provavel que seja uma variante do n. pr. gothico *Mido* (*Dipl. et Chart. doc. 9, 25*).

32. Creixomil

E' derivado do gen. dum n. pr. gothico que apparece no *Diplomata et Chartae*, documento n.º 75 sob a forma *Creixemiro*, e no documento n.º 46 sob a forma *Greximiro*.

LOGARES:

Reguengo, Lata, Ventosa, Olhei-

ro, Ribeiro, Carvalhal, Aldeia, Outeiro, Cruzeiro.

Calvêlhe, lugar do homem (um pouco) calvo, de *calviculi*, gen. do diminutivo lat. *calviculus*, algum tanto calvo.

Campêllos, pequenos campos.

33. Durrães

Na Corografia de Carvalho apparece Dorrães e Dorlães. Pela desinencia vê-se que é o gen. dum n. provavel gothico e significando portanto granja ou quinta do sr. Durra, Dorra ou Dorla.

LOGARES:

Fôjo, Curujeira, Espinheiro, Castellos, Rio, Souto, Campo do forno, Carvalhinhos, Lages, Villar, Monte, Cruzeiro, Igreja, Costa.

Novais, vede a freguesia n.º 28.

Motta, como nome de homem ou de lugar parece ser de origem franceza trazido provavelmente com as colonias francas do principio

da monarchia. *Motte* em fr. é appellido e nome commum significando outeiro, collina etc.

Certão, talvez má grafia em vez de *Sertã*, do lat. *sartagine*, o taxo ou frigideira, ou em vez de *Sertão*, lugar agreste, matagal distante.

34. Encourados

Significa ou revestidos de couro ou que vão á guerra protegidos pela *coura*, que era um gibão de couro com abas.

LOGARES:

Torre velha, Fontainha, Rego secco, Carvalhinho, Villarinho, Carvalhão, Assento, Redondo, Devesa da igreja, Engenho, Pé de cabrão, Campo grande, Residencia.

Vessadinha, deminutivo de *Vessada* que já explicamos na freguesia n.º 15.

Ponte de Selórios—

35. Faria

Nada posso dizer sobre a origem

deste n. pr. de logar e de appellido de familia.

LOGARES:

Igreja, Fim de villa, Outeiro, Monte, Prêsa, Cortinhal, Cimo da aldeia, Eiras, Agra.

Vieiro, vede freguesia n.º 28.

Senra, vede a freguesia n.º 38.

36. Fonte Coberta

O facto de ter fonte abrigada ou resguardada do tempo caracterizou e deu nome a muitos logares e a algumas freguesias. O *Dicc. Chorographico* de Mattos menciona 6 ou 7 logares com o nome de *Fonte Coberta*. Em Villa Real ha tambem o logar de *Fonteita*, que tem a mesma origem, lat. *fon-tecta*, fonte abrigada.

LOGARES:

Devesa, S. Paio, Eido, Agra maior, Crasto, Torrinha, Monte, Arcas ou Areias, Casa nova, Bravio, Monte da poça, Assento, Torre.

Landeiro, logar das landas, do lat. *glandarius*, de *glans*, *dis*, a glande.

Cautim—

Pinalvão, o mesmo que Penalvão: vede a palavra *Penida* na freguesia n.º 13.

Crasto, vede a freguesia n.º 23.

Cassús, julgo ser o mesmo que *alcaçús*, com perda do artigo *al*, como se dá em *Gova* por *Algova* (vede a freguesia n.º 2). *Alcaçús* é palavra arabe e designa uma planta de raiz amarellada e doce.

37. Fornellos

E' deminutivo de *fornos*.

LOGARES:

Boavista, Fonte, Pedregal, Quintãs, Assento da igreja, Aldeia de baixo.

Andão, o homem que anda muito.

38. Fragoso

Segunde o *Dicc.* de Moraes e Silva parece que nos velhos classicos da lingua esta palavra só

designava um lugar cheio de barrancos, covas, altos e baixos; modernamente estamos habituados a ver na palavra a ideia de ingreme, alcantilado, escarpado.

LOGARES:

Igreja, Vinhal, Casinhas, S. Vicente, Redondinho, Goiva, Mourinha, Covêllo, Bouça, Quinta, Costa, Penas, Ponte, Sant'Iago, Bouça grande, Carvalhas, Outeiro, Igreja velha, Torre, Viuva, Penedo.

Ruão, é provavel que o nome da cidade francesa *Rouen* fosse trazido e localizado alli pelos companheiros do conde D. Henrique.

No antigo portuguez esta palavra significa, 1.º cidadão, ou morador n'uma rua, 2.º panno para forros vindo de Rouen, 3.º (cavallo) branco com malhas pretas em redondo: mas qualquer destes tres sentidos me parecem mais difficeis de adaptar ao lugar de que a primeira hypothese.

Guilhufe, do gen. do n. pr. gothico

Williulfus (*Dipl. et Chart.*, doc, n.^{os} 5, 9, 43, 79, sob a forma *Uiliulfus*).

Agua-levada, açude onde se encora a agua do rio para poder regar os campos marginaes..

Senra, campo de trigo. E' considerada uma abreviatura de *seara* ou *senara*.

Sá, no portuguez antigo Saa, é considerada como uma contracção de *sala*, que vem do ant. all. *sal*.

Rocio, terreiro vizinho da casa, do lat. *roscidus* onde cai orvalho.

Mámoa, vede freguesia n.^o 22.

Reiro, do lat. *ranarium*, logar das rãs.

Bassora, talvez vassoura.

Neiva, nome derivado do rio do mesmo nome, em lat. *Nebia* forma popular de *Nebis* usada pelos geographos romanos.

Brea, o mesmo que *Vrea* vede freguesia n.^o I.

Beirão, margem e ribanceira grande, ou homem que mora nessa ribanceira. Estes são os sentidos primitivos, mas parece-me mais provavel que o nome do logar lhe

viesses dum homem com aquelle
appellido.

Banreza—

Madôrras, vede a freguesia n.º 6.

39. Gallegos (St.^a Maria)

O nome desta freguesia e da seguinte originou-se evidentemente de alguma colonia de homens da Galliza alli estabelecidos. No nosso Onomastico ha bastantes logares com explicação semelhante: *Francos*, *Mouros*, *Estorãos* (por Asturãos).

LOGARES :

Igreja, S. João, Pena, Casa-nova, Portella, St.º Amaro, Casal do monte, Souto, Aldeia, Trás da fonte, Arrabalde.

Oleiros, (souto de), homens que trabalham em louça ou louceiros, do lat. *ollarius*.

Caldas, lugar de agua quente, do lat. *(aquas) callidas*.

Eirôgo, especie de enguia a que noutras partes chamam eiró ou eiróz.

Valdemir, o mesmo que Valdomil vede a freguesia n.º 5.

Vessadas, vede a freguesia n.º 15.

Fraião, vede freguesia n.º 2.

Penellas, vede freguesia n.º 13, palavra *Penida*.

40. Gallegos (S. Martinho).

LOGARES:

Igreja, Campo, Bouça, Real, Cova, Pinheiro, Villarinho, Gandarinha, Telheira, Villar, Outeiro, Boavista.

Penellás, vede a freguesia n.º 13, palavra *Penida*.

Carregosa, o mesmo que *Carregal*, vede a freguesia n.º 29.

41. Gàmil

A pronuncia usual Gàmil aponta-nos a forma hypothetica *Galamiri* ou *Ganamiri*, gen. dos nomes gothicos *Galamirus* ou *Ganamirus*.

LOGARES:

Reeborido, Torre, Laranjal, Cêpa de cima, Cêpa de baixo, Bouci-

nhas, Castanheira, De tras da agra,
Monte de cima, Fonte do velho,
Monte, Casal, Barradas, Poça, Quin-
tãs, Fontainhas, Peña, Bouça, De
tras do S. João, Souto da camba.

Marnotes, o mesmo que *Marnota*, ve-
de a freguésia n.º 24.

Lavadouros, pedras de lavar.

Lodeiros, lugar do lodo ou da lama,
do lat. *lutarium*.

Gonta, n. gothico *Gonta* (*Dipl. et
Chart.*, doc. n.º 67. Os nomes
Gontato, doc. n.º 69, e *Gontina*,
doc. n.º 82 são evidentemente
do mesmo thema).

Viso, lugar alto, donde se vê ou avis-
ta muito terreno.

Alconchel, lugar da conchinha, de *al-
conch'lelli*. *Al* é o art. arabe que
apparece no principio de muitas
palavras do nosso Vocabulario:
conch'lelli, é gen. de *conch'lellus*,
deminutivo de *conchula*, que
tambem já o era de *concha*.

Faria—

Sisto ou Xisto (como tambem se ou-
ve pronunciar), do n. pr. lat.
Xistus.

Penouço, vede a palavra *Penida* na freguesia n.º 13.

42. Gilmonde

O povo pronuncia também Girmonde. Pela terminação é evidentemente derivado dum gen. n. gothico. No *Dipl. et Chart. Gismundu.*

LOGARES:

Carvalhas, Monte, Igreja, Aldeia de cima.

Rebordões, lugar dos castanheiros chamados *rebordões* ou bravos.

Matta, vede a freguesia n.º 33.

Carcavellos—Parece-me que esta palavra bem como *Carcavide* (freguesia n.º 82) derivam de Cárcara ou Cárcova (freguesia n.º 53) mas o significado é difficil de precisar.

Fervença, do lat. *ferventia*=*aqua fervens*, parece que denota lugar onde ha ou houve fonte de aguas thermais.

43 Ginzo.

E' nome duma freguesia e dum rio afluente do Lima; deriva do n. pr. lat. *genisius*, variante de *genesius*, que figura na historia ecclesiastica dos primeiros sec. como actor pagão que se converteu ao christianismo, quando estava a parodiar no palco o baptismo dos christãos. A mim quer-me parecer que as palavras: *sangês* (comediante ou pessoa mal vestida, na linguagem de Barcellos), *S. Gens*, *S. Genezio* e *Ginzo*, são formações de formas parallelas do mesmo thema.

LOGARES:

Monte, Logar novo, Rego, Igreja, Moinhos.

Regoufe, vede a freguezia n.º 7.

Carregosa, o mesmo que Carregal, vede freguesia n.º 29.

Frigom—

Patellas, nome dum jogo e dum disco de ferro usado nesse jogo.

Monteiro, nome de logar derivado dum homem com este appellido.

44 Goios.

O nome deriva do b. lat. *gandios*, em vez de *gandia*, os gosos ou prazeres de N. Senhora; e tanto que se diz Santa Maria de Goios. Um outro derivado antigo de *gandios* é *goivos*, com o mesmo sentido de prazeres, e dizia-se também goivos de N. Senhora (cf. *gouvir* = gosar, do lat. *gandere*).

LOGARES:

Assento, Quintã, Monte, Paços, Martinho, Outeiro, Gandra, Covas, Bouça, Portella, Ribeiro, Gandarinha.

Soleimas, do n. pr. arabe, Zoleima (*Dipl. et Chart.* doc. n.º 66).

Areosa, vede a freguesia n.º 22.

Carcavellos, vede a freguesia n.º 42.

45 Grimancellos.

A palavra *Grimancellos* bem como *Grimancinhos*, que já nos appareceu na freguesia n.º 29, estão apontando para uma forma *Grimanços*, que julgo ser de origem gothica.

LOGARES :

Fonte, Aldeia de cima, Outeiro, Bouça, Almas, Monte, Barreiros, Granja, Real, Poços, Residencia, Costello.

Bacellête, pequeno *Bacêllo*, campo com cepas de videira.

Seixosa, já explicado na freguesia n.º 30.

Mangualde, do gen. *Manualdi*, de nom. gothico *Manualdus* (*Dip. et Chart. doc. n.ºs 40, 67*).

Porto-Carreiro, vede a freguesia n.º 24.

Sendilães, do gen. *Sendilanís*, do nome gothico *Sendila*.

Assade—

Mouria, talvez reunião ou conjuncto de mouros, como *mouraria*.

46 Guéral.

Ignora-se a origem da palavra.

LOGARES :

Gandarinha, Quintã, Outeirinho, Aldeia, Fonte, Ribeira Real, Boucinha.

47 Igreja Nova.

LOGARES:

Paredes, Eido de baixo, Eido de cima, Pereiros, Outeiro Fun'devilla, Cachada.

Vallada, no portuguez antigo designa um valle extenso; mas, na linguagem do Minho, vallado ou vallada é o balcão ou vallo que separa um campo do outro, ou ainda um campo formado de varios balcões.

48 Lama.

Do lat. *lāma*, *ae*, por *lac-ma*, o atoleiro, ou lodçal.

LOGARES:

Rio, Fonte, Eido de baixo, Piadella, St.^o André, Costa, Estrada, Monte, Logar de baixo.

Gondomar, do gen. *Gondomari*, de *Gondomarus*, n. gothico.

Carquejoso, logar cheio de carqueja.

Outeiral, logar onde ha outeiro.

Gairos—

Escampados, lugar desbalisado, campina extensa, agra.

Azevêdo, este nome de lugar e de familia significa primitivamente sitio cheio de azevinhos, do lat. *acib-etum* ou *azev-etum*, derivado de *aquifolium*. Assim como de *trifolium* veio *trevo*, assim de *aquifolium* procedeu *azebo* ou *azevo*, que com os suffixos *inho* e *êdo* forma as duas palavras modernas *azev-inho* e *Azev-edo*.

49. Lijó.

Todos os nomes de lugar, tanto sob a forma de *Lijó* como de *Alijó*, costumam explicar-se por *ligeolus*, forma parallella de *lageolus*, deminutivo de *lagea*.

Esta freguesia é quasi toda plana e formada em grande parte de pinheirais. A pedra que se encontra nas paredes das bouças e dos campos, e tambem em algumas casas é duma qualidade um pouco esbranquiçada e molle, dessa que sai sem trabalho das pedreiras por estar já frac-

cionada em *piquenas lages*, a que os antigos chamariam *lageolus*.

LOGARES:

Igreja, Paço, Paredes, Pulgas, Cruz, Ribeira, Outeiro, Rego, Monte, Mosqueiro, Quingostas, Casas.

Madôrno, o mesmo que Madorna ou *Madôrra*, vede a freguesia n.º 6.
Gallêgos, lugar assim chamado por estar pegado a St.^a Maria de Gallegos.

Lombão, lugar junto ao monte Lombão. O nome do monte é devido talvez a ser um monte pequeno e não passar d'um *lombo* ou lombada.

Retorta, é originado de haver alli algum campo *torto* ou *retorcido*.

Raindo—

Feital, vede a freguesia n.º 25, na palavra *Feitosa*.

Inquião, do n. pr. gothico *Inquilanus*.

Mouta, agrupamento de hervas ou arvores muito perto umas das outras. No livro *Inquiritiones*, que faz parte do *Portugaliae monumenta historica* já vem mencionados os logares *Paredes*, Ei-

quião, (Inquião) Raido e (Raindo).

50. Macieira.

LOGARES:

Carreiro, Rio, Farelleira Outeiro, Formigal, Crujes, Penedo, Outeirinho, Assento, Paço, Souto, Aldeia de baixo, Ingonços, Rio do Souto, Igreja, Zenha.

Modeste, do gen. *Modesti*, do n. pr. lat. *Modestus*.

Talho, vede a freguesia n.º 23.

Luvar—

Picotto, o cume dum monte, o ponto mais alto.

Travassos—

Cerqueiral, derivado de *Cerqueira*, já explicado na freguesia n.º 28.

Verdeal, uma variedade de trigo, de uva, de pera e de azeitona.

Cumieira, lugar que está no cume ou alto.

Padrão, vede a freguesia n.º 23.

51. Manhente.

Deriva do gen. *Manienti*, do n.

lat. *Manientus*, o homem que
soffre de loucura ou *mania*.

LOGARES:

Igreja, Assento, Monte, Gandra,
Penedo, Souto, Barco, Gandarinha,
Casas novas, Telheira, Lagôa, Sou-
to do casal, Lage.

Carregosa, o mesmo que Carregal, ve-
de a freguesia n.º 29.

Crestas, talvez errata em vez de *Cres-
tes* que apparece na freguesia
n.º 21.

Longra, vede a freguesia n.ª 24.

Mouta, vede a freguesia n.º 46.

Boco—

Esprigo, do n. pr. gothico *Asperigo*,
(*Dipl. et Chart.* doc. n.º 6).

52. Mariz.

Sobre o etymo vede esta pala-
vra na freguesia n.º 22.

LOGARES:

St.º Emilião, Villar, Covellos,
Coutada, Paço, Ferreiro.

Cô—

Argemil, do gen. *Argemiri*, do n. pr. gothico *Argemirus*.

53. Martim

Vem do gen. *Martini*, do n. pr. lat. *Martinus*.

LOGARES:

Riquinha, Pousada, Pomares, Venda, Caldellas, Logar d'alem, Portella, Tapada.

Lousa, vede a freguesia n.º 4.

Cárcara—, vede *Carcavellos* na freguesia n.º 42.

54. Midões

Deriva do gen. *Midonis*, do n. pr. gothico *Mito* ou *Mido*. (*Mido* apparece no *Dipl. et Chart.*, doc. n.ºs 9 e 26, e *Midom*, doc. n.º 10).

LOGARES:

Igreja, Costa, Fontello, Couto, Cêpa, Ribeiro, Reborido, Outeiro, Monte, Arrabalde.

Rio côvo, lugar assim chamado por ficar para os lados de *Rio côvo* (St.^a Eulalia).

Chapre—

Codeceira, lugar onde houve códexos.

O vol. das *Inquisitiones*, pag. III, diz: *Et Dominus terre pausat in Midoes ubi vult, excepto in quintana de Menendo de Covis. In hereditate de Pelagio tronqueiro debete esse tronco.*

55. Milhazes

A derivação de *mille acies*, significando *mil fileiras*, *mil exercitos*, *mil combates* é legitima, embora me repugne este maravilhoso applicado a logares desconhecidos.

LOGARES:

Igreja, Bouça, Figueiras, Pena, Cruz, Casal.

Senra, campo de trigo. E' considerada uma abreviatura de *seara* ou *senara*.

Malhadoura, lugar onde se malha.

Espézes—

Fontedufe: Ufe é derivado do gen.

Ulf, do n. pr. gothico *Ulfus*.

Cardal, lugar dos cardos.

Guilhado, do n. pr. gothico *Wiliatus*,
(*Dipl. et Chart.*, doc. n.º 6).

Caneiras, parece que *caneira* e *caneiro* são palavras synonymas significando ambas cano estreito, pequeno canal.

56. Minhotães

Significa lugar de *minhôtos* ou milhafres. Vede a palavra sobre os nomes em *ães*.

LOGARES:

Villar, Devesinha, Lagôa, Cachadinha, Monte, Penedo, Igreja, Torrente, Clara.

Barrio, metathese de *Bairro*, quarteirão, divisão, parte dum todo.

Hortaes, lugar das hortas.

Requilão, do n. pr. gothico *Requillanus*.

Roma, n. da cidade capital do mundo applicado a um pequeno lugar.

V.^a Pouca, villa de Tras-os-montes; mas é mais provavel que o nome lhe venha d'alguma familia com este appellido.

Horto, jardim.

Veiga, campina extensa e fertil. Segundo *Hörting*, Lat.-rom. Wörterbuch, deriva *vica* (cf. *vices*, *vicarius*) e significa «terreno fértil que produz alternadamente varios frutos».

Lamella, logar da lama ou do lodo.

57. Mondim

Deriva do gen. *Mondini*, do n. pr. gothico *Mondinus*. (*Dipl. et Chart.*, doc. n.^{os} 29 e 30).

LOGARES:

Devem ser alguns que apparecem mencionados na freguesia de Panque (n.^o 63), a que tem estado annexa.

58. Monte (S. Pedro de)

LOGARES:

Varziella, Rio, Porta, Granja, Monte, Moinho, Paço, Residencia.

Urjais, logar de dar *urjes* ou *urzes*.
Luzies, do n. pr. lat. *Lucidius*.

Fralães ou Farelães, logar do farêllo.
Fraga, rocha escarpada, alcantil, rochedo.

59. Moure

Deriva do gen. *Mauri*, do n. *Maurus*.

LOGARES:

Assento, Cruzeiro, Balão, St.º
Estevão, Real, Monte de Real, Torre, Pinheiro, Campinho.

Lourido, o mesmo que *Lourêdo*, logar de loureiros.

Regainho, o mesmo que reguínho ou regato. O logar fica effectivamente junto dum regato.

Toural, logar onde os coelhos vão fraguear e onde o caçador lhes faz a espera.

Nalá—

Agordel—

60. Negreiros

O nome vem-lhe de *nigrarios*, que significa *um pouco negros*, talvez por causa de alguma co-

lonia de gente negra que primitivamente alli se estabeleesse.

LOGARES:

Ferreiros, Alem, Corvo, Montes, Pena, Bouça grande, Couves, V.^a Pedreira, Boa vista, Bouça, Igreja, Villar, Estrada, Aldeia de cima, Aldeia de ferreiros.

Covilhã, do lat. *cova iuliana*, cova ou cava de Julião.

61. Oliveira

Nos documentos antigos vem sempre *Ulueira*.

LOGARES:

Igreja, Monte, Moinhos, Villela, Outeiro, Boa vista, Quintãs, Paço, Fontello, Pena, Souto da Porta, Quintã.

Azevedinho, deminutivo de *Azevedo*, lugar da vizinha freguesia da *Lama*.

Pregal, talvez o mesmo que *Pragal*, gandra, terreno arido.

Sergude—

Guardal, logar das *guardas* ou pontos altos, pontos de defesa.

Sobrado, soalho de casa, do lat. *sub-latus*, erguido, levantado.

Motta, vede a freguesia n.º 33.

Esqueiro, talvez o mesmo que *esquieiro*, escadas de pedra, do lat. *escalararius*.

Gramosos, o mesmo que *Gramosa*, vede a freguesia n.º 22.

62. Palme

Vem do gen. lat. *palmae*, de *palma* a palmeira.

LOGARES:

Poço, Sobrinhos, Cruz, Outeiro, Adeia, Granja, Sobreiral, Sobreiros, Eirado, Souto, Covinha, Pombal, Igreja.

Brirões, é o gen. dum n. pr. *Brira*, provavelmente gothico.

Saial, antiga vestidura de panno grosseiro, de que usavam tanto os homens como as mulheres.

Goldres, parece-me uma alteração de *coldrès* ou *saccos* de couro pendentes da sella.

Caguideiro, talvez o mesmo que *Tou-
ral*, vede a freguesia n.º 59.

Roca, vede a freguesia n.º 24.

Bostello, devesa de matto, bouça.

Fontão, vede a freguesia n.º 10.

Cerquêdo, é um derivado do lat.
quercus, como *Cerqueira*, e si-
gnifica «bouça de carvalhos».

Córgas, portellas, desfiladeiros, de-
pressão de terreno entre mon-
tanhas.

Campenhos, este nome parece errado.

Feitada, o mesmo que *Feital*, vede a
freguezia n.º 49 e 25.

Navais, vede a freguesia n.º 28.

Paranhos, vede a freguesia n.º 70.

63. Panquo

Provavelmente gen. dum n. go-
thico *Pancus*.

LOGARES:

Igreja, Carvalhais, Pena, Soutel-
lo, Cruzes, Agra boa, Eiras, Figuei-
ras, Casainho.

Fulão, vede a freguesia n.º 24.

Baillosa, lugar onde se baila.

Lorigo, talvez variante de *loriga*, a

saia de malha.

Santomil, do gen. *Santomiri*, do n.
pr. gothico *Santomirus*.

Anzar, parece-me nome arabe.

Armamil, do gen. *Armamiri*, do n.
pr. gothico *Armamirus*.

Sandiães, do gen. *Sandilanis*, do n.
pr. *Sandila*.

Pernis, pés de animais (boi, porco,
vitella) até ao meio da canella;
cantos do sacco, do folle ou do
odre por onde se pega.

64. Bradella

Este nome é synonymo de *Pou-
sada*, e denota o logar onde se
para, onde se pousa, onde se
demora.

LOGARES:

Igreja, Quintã, Pombal, Aldeia,
Villar, Outeiro.

Boco—

Requiães, do gen. *Requilanis*, do n.
pr. gothico *Requila*.

Couço, o mesmo que *Coucieiro*, vede
a freguesia n.º 19.

Algova, vede a freguesia n.º 2.

Margidos ou margens, são estreitas fachas de terreno separadas por sulcos ou regos.

Lousas, vede freguesia n.º 4.

Outeiral, lugar dos outeiros.

Chãos, lugar plano, do lat. *planos*.

65. Pedra Furada

No adro da igreja está, segundo me informam, uma pedra com um furo no meio. Talvez seja obra moderna para explicar a origem da freguesia.

LOGARES:

Rua nova, Real de cima, Real de baixo, Assento, Carvalho.

Chousellas, pequeno lugar fechado ou cercado. Deriva de *Chouso*, lat. *clausus*.

Sardoal, lugar dos sardões.

66. Pereira

LOGARES:

Varziella, Campêllo, Aldeia, Igreja, Arrabalde, Souto, Bouça, Cal.

Silgueiros, o mesmo que *Sirgueiros*, homens que trabalham em cordões de seda e de algodão.

Pedrêgo, pedra pequena ou miuda.

Sanguinhal, lugar dos sanguinhos, arvore conhecida.

Franqueira, lugar dos Francos, ou povos de origem francesa.

67. Perelhal

Do lat. *piri-cl-ale* (*piricul-ale*), lugar das peras pequenas; ou directamente do português: pêra, perêlha, perelhal.

LOGARES:

Casal, Outeiro, Pedreira, Gandra, Murada.

Mouriz, do gen. *Mauricii*, de *Mauricius*, Mauricio.

Freixieiro, mesmo que freixo, nome de arvore.

Ermida, capella n'um ermo ou lugar solitariamente.

Nas *Inquisitiones* appareceu sempre esta freguezia com a seguinte designação latina: *Santo Pelagio de Pereira an lal.* (cf. pag.

28, 108, 184 e 230. O redactor via-se embaraçado para alatinar o nome da freguezia.

68 Pousa.

Este nome é synonimo de *Pon-sada* e *Paradella*, lugar onde se pára ou pousa. O nome de *Ulgoso*, com que ás vezes é designado nos documentos antigos, significa *terra de urzes* (do lat. *Ulicosus*).

LOGARES:

Igreja, Seara, Penêdo, Outeiro, Devesa, Poço, Tapada, Souto, Aldeia, Cruzinha, Capella, Cachadinha.

Reguella, de *Requilla*, n. pr. gothico.

Pai-moure—

Peralgoso—

Poldras, o mesmo que passadeiras ou pedras de atravessar um rio.

Bortes ou Decórtes—

Amprôa—

Brunhois, por abrunhois, lugar de abrunhos ou abrunheiros, que são ameixieiras bravas.

Verdasea, pequena vara flexivel.

Fontão, vid. freguezia n.º 10.

Sub-Outeiro, abaixo do outeiro.

Brigo ou Dobrigo—

O vol. das *Inquisitiones* diz a pag. 87: *Et primidiva de pisce honrado est de Rico Homme, et voz et calumnia.*

69 Quintiães.

Do gen. *Quintilanis*, do n. pr. gothico *Quintilla*.

LOGARES:

Assento, Pousada, Gandra, Moimho-vêdro, Cachada, Outeiro, Monte, Cabanas, Carreira-nova, Eira-vêdra, Agrella.

Bêsteiros, homens armados de *besta*, do lat. *balistarios*.

Laborim, do gen. *Laborini*, do n. pr. lat. *Laborinus*.

Amaral, nome derivado de pessoa que alli morasse.

Rôdo, instrumento de lavoira, vede o *Vocabulario*.

Rabinol, talvez *ravinol* (de *ravina*),

ribanceira, logar cavado pelas torrentes.

Silvoiros, homens dos bosques.

Barra, alpendre onde se guarda a palha e o folhelho nas casas de lavoura.

Colaço, homem creado ao mesmo leite que outro sem ser irmão d'elle, do lat. *collacteus*.

Mãviso—

Rodriga, estaca ou tanchão para as vinhas, feijoais, etc.

70. Remelhe

Vem do gen. *Remiculi*, do n. pr. lat. *Remiculus*, que é um diminutivo de *Remus*, nome bem conhecido na historia romana.

LOGARES:

Outeirinho, Sant'Iago, Casa-nova, Villar, Lama, Quinta, Sobreiro, Portella, Igreja, Torre, Bouça, Gaiteira, Cachada.

Moldes (Sant'Iago), é nome duma freguesia annexa desde ha muito a Remelhe. Parece que era aqui o solar do celebre D. Este-

vão Pires de Molnes (ou Molles ou Moldes), fidalgo do tempo de D. Sancho 2.^o. Alguns autores localisam-no em *Carcavellos*, da freguesia vizinha de Goios. Moldes, n. pr. ou commum vem do lat. *modulus*.

Paranho, o mesmo que *paramo* ou campina rasa e erma.

Felgueiras, lugar das felgas ou gramação, raizes de hervas que se encontram ao lavrar e sachar. Nas *Inquisitiones* vem o lugar de *Marrafes* ou *Marrefes*, que agora não apparece.

71. Rio Côvo (St.^a Eugenia)

O nome desta freguesia e da seguinte vem-lhe do pequeno regato que as atravessa. *Rio côvo* quer dizer rio fundo, mas elle não passa de regato.

LOGARES:

Regatos, Moinhos, Fonte fria, Torre, Cruzeiro, Quintã, Quinta, Pinheiro, Eido, Assento.

Lubagueira, lugar de lobos, do lat. *lupicaria*.

Canica, é lugar junto do rio e deno-

ta que houve neste estacada ou tapume de varas ou canas para apanhar o peixe.

Bairro, do b. lat. *barrium*, quarteirão, parte de cidade; povoado.

Bouça de Airó, assim chamada por pertencer a alguém da freguesia de Ayró.

72. Rio Covo (St.^a Eulalia)

LOGARES:

Monte, Cabo, Casal, Paços, Traz da fonte, Boa vista, Barroca, Capella, Quintã, Outeiro, Devesa.

Água levada, vede a freguesia n.^o 38. Mogo, collocado no meio do lat. *medio loco* a forma antiga *meogo* e mais tarde *mogo*.

Agro, campo, terreno extenso e cultivado.

Paz chorido, como fica na encosta de Midões e voltado ao sol apparecem alli as flores muito cedo. Entendo pois que é alteração de *Pás*-(choa) *florida*.

Guarda, do gothico *warta*, significa lugar alto e fortificado, defesa etc.

Barranba, vaso de barro, que varia conforme as provincias: no Algarve é uma bilha, na Beira é um alguidar, em Traz-os-Montes uma tijella grande.

Levandeira, vêde a freguesia n.º 15.

Pagões ou Pagãos, do lat. *paganos*, sectarios do polytheismo, aos quais por ultimo se deu este nome pelo facto de morarem em pequenos logares ou aldeias (*pagos*).

73. Rôriz.

Vem do gen. *Rodorigi*, do n. pr. gothico *Rodoricus*. *Dipl. Chart.*, doc. n.º 19.

O nome da freguezia anexa *Quiráz* vem do gen. *Queriaci*, do n. pr. gothico *Queriacus*. (*Dipl. et Chart.*, doc n.ºs 66, 67, 88).

LOGARES:

Igreja, Outeiro, Arrabalde, Gandra, Mattos, Barreiro, Estrada, Villar, Assento, Torre, Coutada, Souto Igreja velha, Casco ou Cosco, Cruz, Pousada, Longos.

Pateirão, nome de lugar derivado de homem com esse appellido e *Pateirão* é augmentativo de *pateira* e significa homem pesado e vagaroso.

Rebordello, deriva de rebôrdo, como rebordo deriva de borda, e significa estremidade, orla fim, margem.

Contriz, do gen. *Conterici*, dum n. pr. gothico *Contericus*. Nas *Inquisitiones* vem *Gonteriz*.

Loiroinha, parece-me um deminutivo de *leira*.

Glão, do lat. *Julianus*, passando pela forma intermedia *Juião*, que deve existir no antigo português.

Modôrro, o mesmo que *Madôrra*, vede a freguesia n.º 6.

Bairro, vede a freguesia n.º 71.

Pontelhos, pontes pequenas.

74. Sequiade

Vem do arabe *assaquiat*, o regato ou ribeirinho (cf. *Vestigios da lingua arabica em Portugal*, por Fr. João de Sousa, pag. 7).

LOGARES:

Assento, Monte, Volta, Bouci-

nha, Venda nova, Agra, Moinhos, Fontainha, S. Pedro, Lage.

Viso, lugar alto, donde se vê ao longe.

Fonte da Onega: *Onega*, é n. pr. gothico *Dipl. et Chart.*, doc. n.º 22; as variantes são: *Honeca* 34, *Ouneka*, 57, *Onecha* 61, 76, 88, 97.

Pilla—

Furgial, campo de ferrã ou cevada. Está por *ferragial*, ou *fanagial*, do lat. *farraginale*.

Bacêllo, vara ou pé de videira; campo onde ha vides.

Sá, vede a freguesia n.º 38.

Talhos, vede a freguesia n.º 23.

Fulão, vede *Felões* na freguesia n.º 24.

Piedade, derivado de alguma capella ou mesmo familia com esse apelido.

Aido, o mesmo que *eido*, ou campo junto da porta.

Agra de Sá, vede *Sá* mais acima.

Crasto, vede a freguesia n.º 23.

75. Silva

Vem do lat. *silva*, o bosque.

LOGARES:

Ribeira, Boucinha, Igreja, Cruzeiro, Tras do prado, Varziella, Pena, Carreira, Devesa, Boba, Aldeia, Costinha, Gandra, Cotovia, Calvario.

Córgo, ribeiro, caminho estreito entre montes.

Esqueiro, o mesmo que *Escairo*, da freguesia n.º 22.

Mozelho—

Aiuffe, gen. de *Aiulfi*, do n. pr. gothico *Aiulfus*.

Carreira-cova, carreira funda ou baixa.

76. Silveiros (S. Salvador).

Significa *homens de bosque*: vede as freguesias n.ºs 16 e 75. Antigamente eram duas freguesias S. João de Silveiros.

LOGARES:

S. João, Ribeiro, Sobreira, Vendas, V.^a.Meã, Outeiro, Souto da Igreja, Boucinha, Barreiro, Quintã, Igreja, Salvador

Mourões, do gen. *Mouranis*, do n. pr. *Maura*.

Caibra—

Testado, julgo que seja alteração popular de *tostado* ou queimado, designando o *logar onde se queimou* um homem (cf. *Queimado* na freguesia n.º 86).

Lagarem, do gen. *Lacareni*, do n. pr. *Lacarenus*.

Talho, vede a freguesia n.º 23.

77. Tamol (St.^a Leocadia)

E' nome derivado do arabe *thamel*, descuido, desprezo, negligencia. No livro das *Inquiritionis* apparece S. João de *Tamal*, que julgo referir-se a esta freguesia ou a uma das duas seguintes.

LOGARES:

Varziella, Souto, Laranjal, Vinha, Fonte, Poço, Rua, Renda, Lixo, Zenha, Barreiro, Mattos, Penha Longa, Igreja.

Tarrio, lugar alem do rio, do lat. *transrivum*.

Requião, vede a freguesia n.º 56.

Mórfeito, ou Mòfreita significa pedra

quebrada, do lat. *mola fràcta*.

Sobrado, soalho de casa, do lat. *sublatum*, erguido.

Escairo, vede a freguesia n.º 22.

78. Tamel (S. Pedro Fins).

S. Pedro Fins considera-se como uma derivação de *Sanctus Pectrus Felix*. A torma intermedio é *feis* ou *fiis*, que depois se nasalou.

Petrus Felix é santo que não figura nem no Kalendario romano, nem no lusitano; deve apparecer provavelmente no hespanhol, a não ser algum santo de canonisação popular, como S. Pero Gonsalves, o santo dos marinheiros portuguezes e hespanhoes.

LOGARES:

Reborêdo, Martinho, Lage, Sino, Poças, Estrada, Boa-vista, Portella, Bouças, Cabana, Poça da vinha, Fonte, Igreja.

Merouços, vede a freguesia n.º 21.

Romé—

Sentas—

Bocal, vede a freguesia n.º 22.

79. Tamel (S. Verissimo).

LOGARES:

Igreja, Casal, Ponte, Pontes, Moreiras, Fontello, Campello, Cachada, Cruzeiro, Granja, Telheiras.

Fraião, vede a freguesia n.º 2 na palavra *Frião*.

Reborêda, o mesmo que *Reboredo* ou *Reborido*, isto é, lugar de carvalhos.

Gavieira, do lat. *cavearia* (cf. *cavea*, *cavus*), lugar escavado, barranco.

80. Tregosa

No livro das *Inquisitiones*, que faz parte do *Portugaliæ Monumenta Historica*, vem *Torgoosa*: esta forma está mais vizinha da raiz *torgo*, nome de planta, especie de urze.

LOGARES:

Alem do rio, Ponte, Calçada,

Campos, Casais, Sobreiros, Devesa, Torre.

Balsa, terreno inculto, cheio de matto e silvas e ás vezes encharcado.

Freixieiro, o mesmo que freixo, nome de arvore.

Montizelo, pequeno monte, do lat. *monticellus*.

Arrotêa, vede a freguesia n.º 89.

81. Ucha

Vem do lat. *hutica* e significa caixa de guardar pão e outras vitualhas.

LOGARES:

Assento, Fortes, Sobreiro, Cabo, Quintã, Gandra, Torre, Marco, Rego, Gandra-chã, Bouça.

Bairros, vede a freguesia n.º 71.

Fraião, vede a freguesia n.º 2 na palavra *Frião*.

Cruto, lugar alto, o ponto mais elevado.

Medella, pequena meda, pequena meta; marco, limite, do lat. *metella*.

Macêdo, lugar onde ha maçãs, do lat. *matianetum*.

Vieiros, vede a freguesia n.º 28.

Codracheira—

82. Varzea

O nome vem-lhe de ser uma campina nas margens do *Rio côvo* (cf. a freguesia n.º 23).

LOGARES:

Portella, Assento, Cruzeiro, Bouça d'alem, Carvalhal, Estrada nova, Montinho, Monte, Gandra, Fornos, Crujães, Villa boa, Casal ermo, Matinho, Fontello.

Perrêlo, pequena pedra, do lat. *petrellus*.

Carcavide, vede a freguesia 42 na palavra *Carcavellos*.

83. Veatodos

E' uma freguesia plana, de modo que a igreja domina e vê todos os logares.

LOGARES:

Monte da feira, Rua nova, Pon-

te, Quinta da fonte velha, Souto, Palmeira, Venda, Barreiro.

Campezinhos, pequenos campos.

Fêbros—

Monte do Lavor—

Lavor—

Sixto, vede *Sisto* na freguesia n.º 41.

84. Villa boa (S. João)

LOGARES:

Igreja, Covêllo, Estrada, Torna-da, Cachada, Corujo, Raizes, Jordão, Serodio.

Forca velha, ao sair de Barcellos pela estrada de Vianna encontra-se a pouca distancia este logar.

Vermil, o mesmo que *Vermoil* ou *Vermuim*.

Sendim, do gen. *Sendini*, do n. pr. gothico *Sendinus*. (*Dipl. et Chart.*, doc. n.ºs 57, 72, 84, 99).

Ribada, ribanceira, margem prolongada.

Vaella—

Lobata, pequena lôba; aqui talvez seja appellido de familia posto ao logar.

85. Villa Cova

O nome denota que está situada n'um lugar baixo relativamente aos circumvizinhos. Tem annexa a freguesia do *Banho*.

LOGARES:

Portella, Outeiro, Banho.

Lamo ou Samo—

Xatle—

Mareces, vede a freguesia n.º 15.

86. Villa Frescainha (S. Martinho)

LOGARES:

Igreja, Areial, V.^a Meã, Bouça da ponte, Barral, Agra, Agrella, Bemfeito, Devesinha, Varziella.

Capucha—

Orde, talvez seja nome dado a um lugar por haver pertencido a alguma ordem militar.

Outeiral, lugar dos outeiros.

Aldão, do n. pr. gothico *Aldanus*.

Carregal, vede a freguesia n.º 29.

Queimado, lugar do homem queimado.

Penêda, vede a freguesia n.º 13 na palavra *Penida*.

Gestido, lugar das gestas ou giestas.

Casal de Nique, casal do homem malvado, do gen. lat. *iniqui*, de *iniquus*.

Gódos, de *Gothos*, nome de um povo, localizado num ponto.

87. Viila Frescainha (S. Pedro)

LOGARES:

Simão, Paço velho, Monte, Igreja.

Gestido, vede a freguesia antecedente.

88. Villa secca

LOGARES:

Bemposta, Assento.

Pontizellas, pequenas pontes, do lat. *pontic-ellas*.

Lòrdello, lugar de loureiros, do lat. *lauret-ellus*, de *lauretum*.

89. Villar de ñgos

LOGARES:

Valle, Aldeia, Outeiro, Ribeiró, Igreja, Igreja velha, Outeiro da Igreja.

Rotéa, ou arrotéa, terra antes inculta que se arroteou ou cachou ha pouco.

Hospital, lugar assim chamado ou porque ahi houvesse em tempo algum hospital, ou por haver pertencido á Ordem do Hospital

90. Villar do monte

LOGARES:

Paço, Gandarella, Casa nova, Bouça, Souto, Aldeia, Gandra ou Lagos, Outeiro, Segunda aldeia.

Feiteira, o mesmo que *Feital*, vede a freguesia n.º 25.

Cheira, lugar plano, do lat. *planaria*.

Cotarejo, talvez o mesmo que *Coturella*, lugar alto, picôto.

Manêllo, pequeno rôlo de lâ ou estôpa, rocada.

FREGUESIAS DE ESPOZENDE

COMARCA DE BARCELLOS

I Antas.

Deriva o nome do lat. *antas*, pilares, colunas, marcos grandes, montes de terra a servir de limite. São muitos os logares denominados *antas*, o que mostra que ahi houve dolmens, monumentos megaliticos em forma de altar.

LOGARES:

S. Paio de Cima, Freixo, Monte, Pereira, Praia, Portella.

Azevêdo, originariamente significa logar cheio de azevinhos, do lat.

acibetum, de *acibo* ou *azevo* = *a-*
quifolium.

Guilheta—talvez pênhasco agudo (cf.
guilho.

Belinho, vêde abaixo a freguezia n.º 3.
Guistola—

2 Apulia.

O nome vem-lhe da região ao sul da Italia assim chamada. O povo pronuncia *Apulha* ou simplesmente *Pulha*.

LOGARES :

Paredes, Areia.

Criaz, julgo ser nome arabe.

3 Bellinho.

Vem do n. romano-gothico *Bel-*
linus, Nos *Dipl. et Chart.* apparece no doc. n.º 17 *Velini*, que julgo ser má grafia de *Bel-*
lini.

LOGARES:

Outeiro, Barros, Caniço ou aldeia, Sant'Anna, Boa vista, Igreja, Santo Amaro.

4 Curvos.

O nome vem-lhe provavelmente de alguma curvatura do terreno. O padroeiro da freguezia de S. Claudio, ou S. Croio, como diz o volume das *Inquisitiones*.

LOGARES:

Villa, Venda nova, Igreja.

Froços, este nome, igual ao d'uma freguesia junto a Braga, apparece nas *Inquisitiones* sob a forma *Furozos*. Não é palavra de origem lat. parece-me gothica.

5 Esposende.

Vem do gen. *Spanosendi*, do n. pr. gothico *Spanosendus*. Nos *Dip. et Chart.* doc. n.º 64 apparece a forma *Spanuzindo*.

6 Fão.

Vem do lat. *fanum*, capella, ermida, porque alli houve alguma consagrada aos deuses pagãos.

LOGARES:

Pedreiras, Cruz, Arrabalde, Areosa.

Ramalhão, ramo grande, braço d'arvore.

Bonança, assim chamado este logar por ahi haver uma capella da Bonança.

7 Fonte boa.

O nome precisa explicação. O que é curioso é que nas *Inquisitiones* venha com nome contrario *S. Salvador de Fonte má*.

LOGARES:

Cruz, Cima de Villa, Agra, Devesas, Martelinho, Outeiro, Logar de baixo, Eiras, Paredes.

Alapella, nas *Inquisitiones* traz *Villa de Lapel*; é formado de prostetico + lapella, deminutivo de lapa e significa pequena lapa na gruta.

Estremadouro, extremo, limite, marco,

8 Forjães.

Podem admittir-se duas hypotheses. Ou é formada de *forja* com o suffixo *ães* a denotar um colectivo, *logar das forjas* cf. *Cepães, Cervães, Minhotães, Farelães* etc); ou vem de *villa Forjanis*, significando *quinta do sr. Forja ou Furja* n. provavelmente gothico donde derivaram *Forjaz* e *Forjão*.

LOGARES :

Carvalhal, Souto, Boucinho, Casinhos, Santa, Monte do Branco, Mattinho, Carreiro, Lameiro, Bouça do rio, Curvos, Calça, Miguel Carneiro, Bandeira, Alem do ribeiro, Igreja.

Cerqueiral, carvalhal. E' um derivado de *Cerqueira*, que vem do lat. *quercuaria*, do thema *quercus*.

Madôrra, sôno pesado, sonolencia, vontade de dormir, talvez do lat. *veternus* cf. Körting, *Romanisches-Lateinisch Wörterbuch*).

Carramanho, talvez seja formação do prefixo pejoratiyo portugûês *ca*

e suas variantes *cal*, *car*, *carra*,
+ *manho*, grande, para signifi-
car *pouco grande*, *deminuto*. (cf.
ca-martello, *ca-chola*, *ca-pataço*,
cara-pito, *cara-peta*, e *carra-pi-*
to.

Freiria, irmandade, companhia de
freires, associados, confraria.

Pregais, o mesmo que *pragais*, loga-
res aridos e desertos.

9. Gandra.

Planicie inculta e esteril.

LOGARES:

Aldeia de baixo, Paço, Bairro
meão, Prêsa, Aldeia de cima.

10. Gemêses.

Do lat. *villa geminensis*, quinta
dos gemeos, (cf. as freguesias e
logares Geme, Gemeos, Gemiei-
ra, que todas derivam do mes-
mo thema).

LOGARES:

Paço, Cima de villa, Souto, Al-
deia de cima, Aldeia de baixo, Sou-

tello, Quinta, Lage, Barca do Lago, Calvario, Igreja.

Santões, quinta ou granja duma mulher chamada *Santa*.

Azevêdo, vede a freguezia n.º 1.

11. Mar (S. Bartholomeu do)

LOGARES:

Logar de cima, Logar de baixo.

Feital, lugar onde ha fetos ou feitos.

12 Marinhas.

E' um subst. commum significando beira-mar, costa de mar, salinas etc que depois se tornou proprio.

LOGARES:

Outeiro, Cepães, Igreja, Monte, Abelheira, Rio de moinhos.

Goios, do baixo lat. *gaudios*, significa gosos, prazeres.

Pinhote, parece-me antes um derivado de *penha*, do que de *pinha*.
A mudança do *e* para *i* expli-

ca-se facilmente pela influencia da gutural *nh*.

13. Palmeira.

LOGARES:

Estrada, Povia, Aldeia, Carreira, Portella, Quinta, Paço, Bouça, Outeiro, Ribeiro, S. Sebastião, Fonte, Ortigueira, Assento, Palmeira, Igreja, Eira d'Anna.

Lamella, lugar da lama ou do lodo.

Verdasca, vara verde e flexivel.

Concinheiro, deriva do lat. *calcem* e parece designar um lugar que fica na rectaguarda.

Villarinho, aldeia, povoado. E' um diminutivo de *Villar*.

Pitancinhos, parece que deriva de *pitau* ou *pitonça* e significa pequenas rações, pequenos quinhões, esmolas.

Barral, o mesmo que *barreiro*, lugar de barro.

Faro, ou farol, lugar alto que serve de guia aos mareantes.

Terroso, cheio de terra ou que tem côr de terra.

14. Rio Tinto.

O nome deste *Rio tinto* e dos mais que ha pelo reino deriva do muito sangue que para elles escorreu de batalhas travadas nas suas margens.

LOGARES:

Igreja, Paço, Aldeia, Santa Marinha.

Talhos, pequenas leiras de lavradio ou de matto. E' palavra vulgar no Minho, mas não vem nos Dicionarios.

Joile—

Crasto, do lat. *castrum*, logaar lto, logar fortificado, pequena cidadella, posto avançado que servia de guarda ou sentinella ás *oppida* (vede *As villas do norte de Portugal* por Alberto Sampaio, pag. 15, nota).

15. Villa Chã.

Do lat, *villa plana*, villa plana.

LOGARES:

Igreja, Outeiro, Lagoínhas, Sobreira, Lages, Bicudo, Aldeia, Casais, Abelheira.

Chouso, logar fechado, do lat. *clausus*.

FIM

INDICE

Prologo pag. 5

Tradições populares

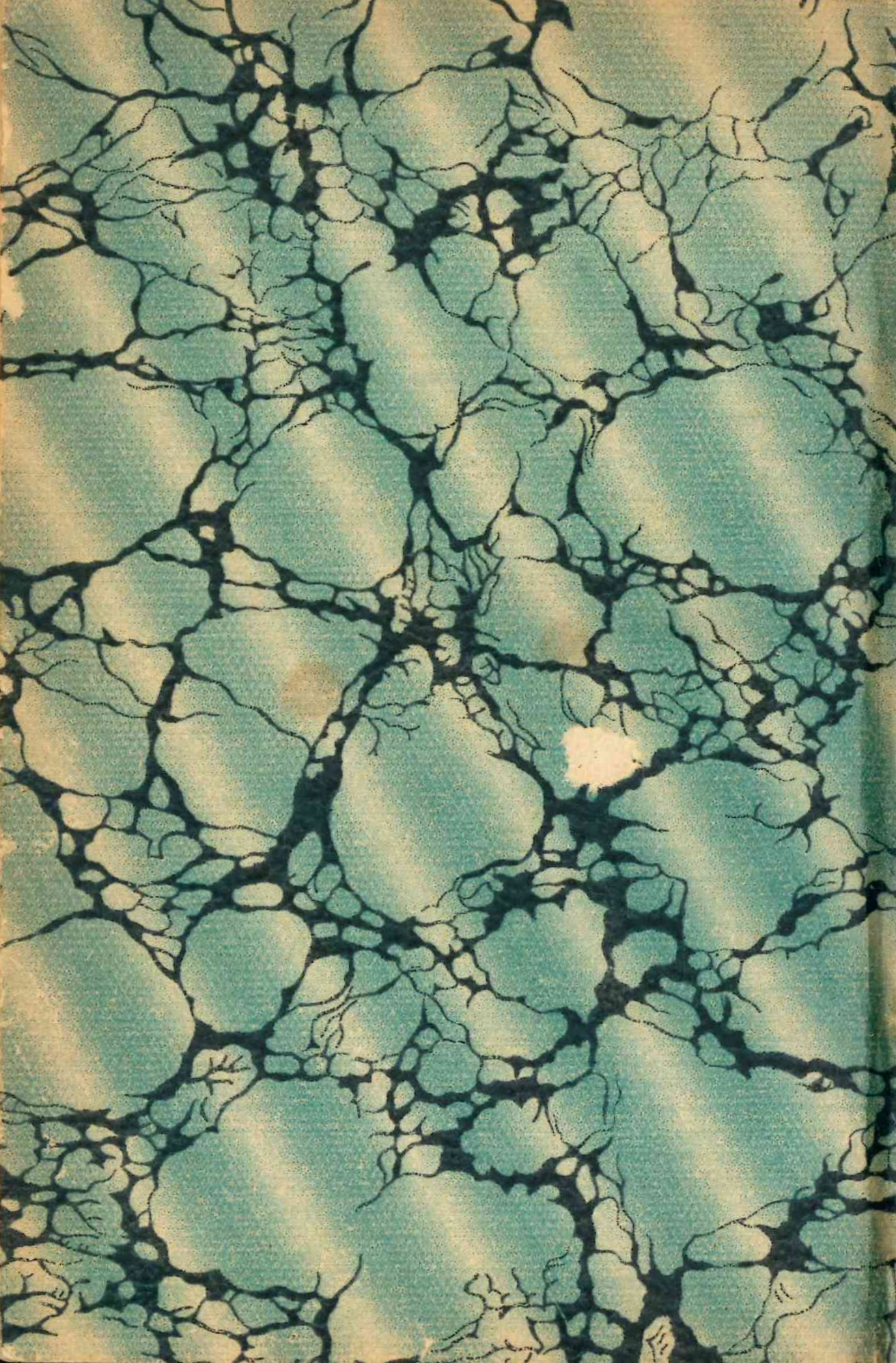
Orações

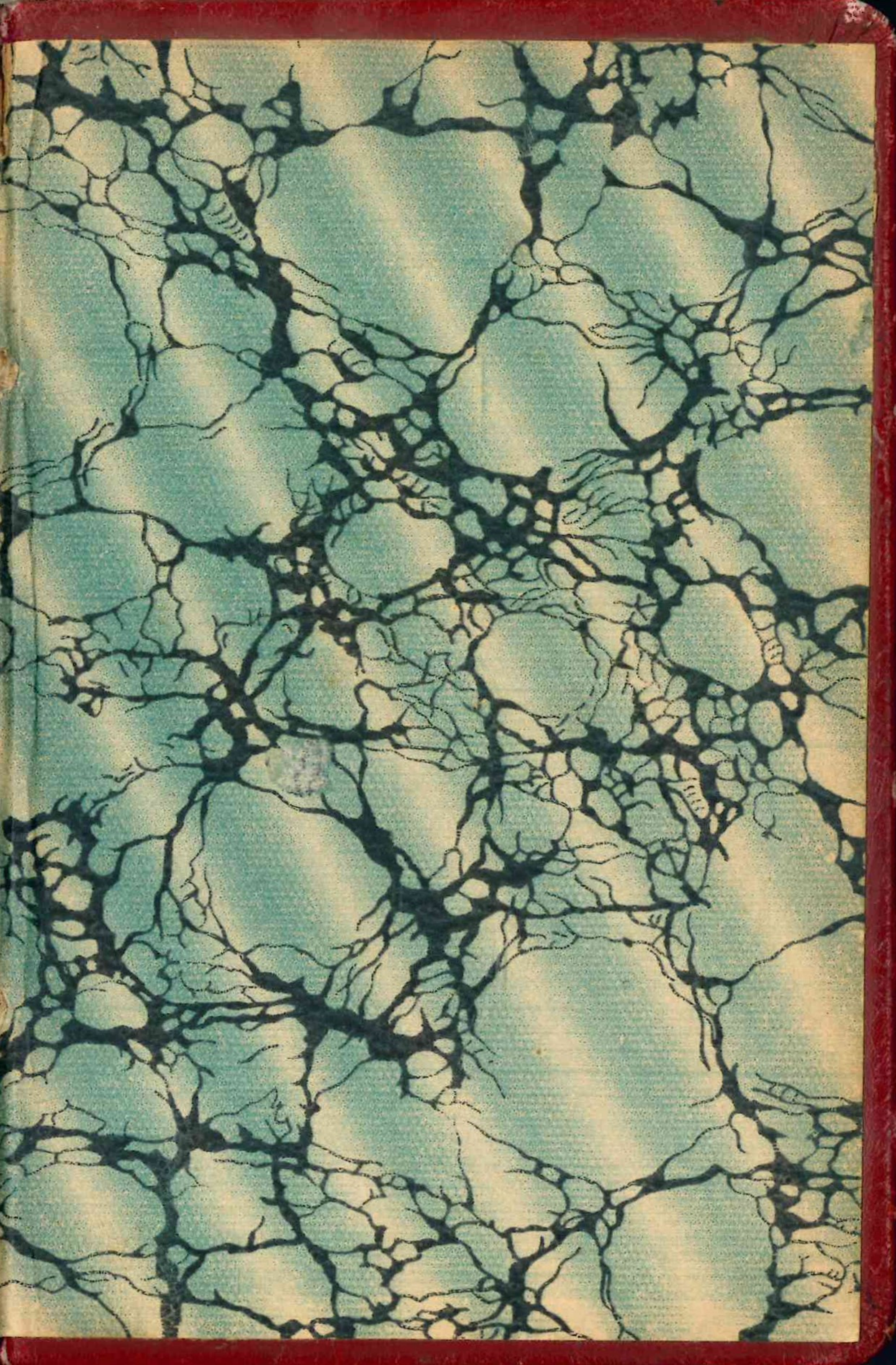
1. Ao anjo da Guarda	9
2. Ao deitar	10
3. Ao deitar	10
4. Variante	10
5. Ao deitar	11
6. Ao deitar	11
7. Ao levantar	12
8. Ao levantar	12
9. Ao entrar na igreja	13
10. A' missa	13
11. Padre-nosso pequenino	14
12. Oração de quando o mar se abriu	15

Romances

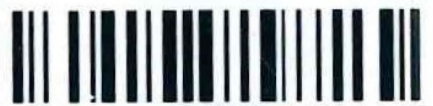
1. Romance do Anjo Custodio	17
2. Romance da Paixão	21
3. Variante	23
4. A devota da Virgem Maria	25
5. Janeiras	27
6. Reis	30
Reis	31
7. Perlenga	32
8. Remoque aos medicos	33
9. Aos padres e medicos	33
Parlendas	34

Cancioneiro	37
Lendas	115
1. Lenda do passarinho	115
2. Lenda do areal de Villar	116
3. Lenda da porta de S. Thiago	116
4. O homem e o lobo	117
5. O burro silveiro	118
6. Lenda do Senhor da Cruz	119
7. Varrer as ruas de Guimarães	120
8. Lenda do Senhor do Gallo	122
9. A ladra das agulhas	124
Superstições	127
Costumes	139
Ditados	161
Linguagem	171
Phonologia (Vogaes)	173
Morphologia	181
Frazes	189
Vocabulario	195
Toponymia ou estudo dos nomes de logar	297
Notas previas	299
Tabella geral	
Nomes de logar communs a quasi todas as freguesias	309
Toponymia de Barcellos	
Freguesias e seus logares	317
Freguesias de Espozende (comarca de Barcellos)	397
Indice	407





biblioteca
municipal
barcelos



3456

Tradições populares, linguagem
e toponymia de Barc